



AFROTURISMO NO BRASIL

Desenvolvimento étnico-territorial impulsionado pela internacionalização da oferta turística de afro empreendedores

Produto I



Diretoria Executiva**Marcelo Ribeiro Freixo**

Diretor-Presidente

Bruno Giovanni ReisDiretor de Marketing Internacional,
Negócios e Sustentabilidade**Roberto Pedro Krukoski de Azevedo****Gevaerd**

Diretor de Gestão e Inovação

**Gerência de Negócios e Estratégia para
o Mercado Internacional****Alexandre Nakagawa**

Gerente

Kalinka Vieira Cavalcanti Ferreira

Assessora de Gerência

**Coordenação de Afroturismo,
Diversidade
e Povos Indígenas****Tania Neres**

Coordenadora

Daniel Noble

Supervisor

Marya Eduardha

Jovem Aprendiz

Apoio/Colaboração**Yure Sousa Lobo**

Supervisor de Projetos

Identidade Visual**Natália Bomfim**

Coordenadora de Criação

Ronald Andrade de Albuquerque

Projeto Gráfico

Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF)**Eddy Bermudez**

Diretor de Diversidade

Ana Tonello

Executiva

Estefania Laterza

Representante no Brasil

Claudia Almeida

Assistente Administrativa

Consultoria Especializada**Darwin Balanta García**

Sumário

1. Apresentação.....	4
1.1 Objetivos.....	6
2. Afrofuturismo e turismo étnico: conceitos, contexto e tendências....	8
2.1 Turismo étnico.....	9
2.2 Afroturismo.....	11
2.3 Turismo étnico e afroturismo no continente africano.....	13
2.4 Turismo étnico e afroturismo nos Estados Unidos.....	16
2.5 Turismo étnico e afroturismo no Caribe e América Latina.....	17
2.6 Turismo étnico e afroturismo no Brasil e países de língua portuguesa.....	21
3. Metodologia.....	31
3.1 Revisão de literatura integrativa.....	31
3.2 Entrevistas semi-estruturadas.....	32
4. Critérios para sistematização de boas práticas de afroturismo e turismo étnico.....	35
5. Afroturismo e turismo étnico: uma revisão de literatura integrativa.....	43
6. A voz de quem faz o afroturismo: análise das entrevistas.....	59
6.1 Afroturismo: do geral ao particular.....	62
6.2 Desafios do setor.....	66
6.3 Boas práticas em afroturismo e um passo à frente.....	69
7. Boas práticas: o que dizem os dados.....	73
8. Conclusões e recomendações finais.....	88
9. Referências bibliográficas consultadas.....	93
Apêndice 1.....	104

1. Apresentação

A América Latina e o Caribe reúnem trinta e três países localizados numa linha geográfica e histórica. Antigua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, República Dominicana, Equador, El Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela estão unidos não somente pela proximidade geográfica, mas também por serem "transatlânticos" (Nascimento, 1989). São países para os quais, parafraseando a historiadora brasileira Beatriz Nascimento, foram transportados um modo de vida africano. Pensar o turismo a partir de uma lente que possibilite que pessoas de todo o mundo possam visitar, conhecer e valorizar as raízes africanas da região é uma ação que tem potencial de promover justiça e equidade racial, além de desenvolvimento econômico e social.

Nos últimos vinte anos, algumas iniciativas desenvolvidas no Brasil reconheceram o potencial turístico das manifestações culturais materiais e imateriais do povo negro. Em 2006, o livro "Os tambores da Ilha" foi publicado pelo Ministério da Cultura e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 2009, a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia lançou o manual "Turismo étnico afro na Bahia". Já o estado de São Paulo, através da Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo do Estado, junto a outros órgãos locais e o Conselho Regional do Turismo Paulista, desde 2006, apoiou a criação do Projeto "Rota da Liberdade". O Projeto é desenvolvido pela agência Sol Barbosa Turismo e Cultura, que criou roteiros turísticos focados nas culturas negras tradicionais, tanto em áreas urbanas como rurais.

Em comemoração à semana da consciência negra, a Secretaria de Turismo e Lazer de Recife (PE), em 2016, publicou uma série de roteiros afro turísticos (De Farias et al, 2021). Já em 2019, o Ministério do Turismo do Brasil voltou a destacar o tema, na semana da consciência negra (Sant'Anna, 2019). Um artigo publicado na

página web do Ministério, destacou a cultura negra como um dos maiores atrativos turísticos do país. Naquele momento, segundo o Ministério do Turismo, haviam seis quilombos registrados em atividades turísticas no Brasil, com destaque para os Quilombos Kalunga (Cavalcante, Goiás) e do Campinho da Independência (Paraty, Rio de Janeiro).

Nos últimos anos, o afroturismo vem ganhando destaque em iniciativas públicas e privadas. Em 2021, o Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc-SP) realizou a roda de conversa online "Turismo afrocentrado: rotas diaspóricas no mapa" (Sesc Ideias, 2019), com o objetivo de fomentar o debate sobre a valorização das narrativas negras, a história e memória dos destinos turísticos. Já em 2022, a prefeitura de Salvador lançou o plano de turismo "Salvador Capital Afro", buscando posicionar a cidade como referência nacional e internacional do afroturismo, incentivando a valorização das manifestações culturais, da força das tradições, tecnologias ancestrais e incentivo aos negócios entre pessoas negras (de Souza, 2022). Em agosto de 2023, o Ministério do Turismo do Brasil realizou o "Encontro de Promoção e Consolidação do afroturismo". O evento foi um marco na promoção do afroturismo, reunindo secretarias de turismo de todas as regiões do país, agências e operadores de turismo para debater como o turismo pode ser um veículo de desenvolvimento social e econômico sustentável de comunidades negras do Brasil, tanto em suas áreas urbanas como rurais.

Essas iniciativas, segundo o Relatório de Ações e Políticas Públicas de Promoção de Igualdade Étnico-Racial (Brasil, 2023) desenvolvidas no âmbito da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil, demonstram a expansão do afroturismo pelo Brasil. Podemos indicar que este crescimento é também reflexo de iniciativas políticas direcionadas à justiça social e inclusão, como exemplo temos a promulgação do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), que buscou promover a igualdade de oportunidades para a população negra, assegurando acesso a áreas como educação, mercado de trabalho e saúde, além de combater o racismo estrutural e a discriminação religiosa, especialmente contra religiões de matriz africana.

Por fim, é importante mencionar como o governo e instituições locais têm incentivado o afroturismo como estratégia para geração de renda e preservação cultural, com projetos como o "Rotas Negras" (Governo Federal, 2024), que visam promover a igualdade racial e fortalecer a identidade afro-brasileira. Essas rotas permitem aos visitantes participar de experiências imersivas em festas populares, eventos religiosos e circuitos culturais, como o congado e o carnaval, ampliando o conhecimento sobre as contribuições da comunidade negra.

Por este breve panorama, é possível perceber que o afroturismo vem ganhando relevância no país. Neste sentido, um aspecto imprescindível para o desenvolvimento dos negócios e projetos ligados à área é a implementação de boas práticas, ou seja, as melhores técnicas para a realização de uma tarefa, atividade ou procedimento (Boas práticas, 2021). No que se refere especificamente ao afroturismo, pesquisas sobre o tema ainda são escassas, e quando pensamos em referências que apontem para a reflexão de boas práticas, tanto o mercado quanto a academia ainda têm um longo caminho a percorrer.

Desta forma, o objetivo desta consultoria de pesquisa é levantar as boas práticas que vêm sendo desenvolvidas na área, assim como os avanços e desafios para o desenvolvimento do afroturismo no Brasil. As perguntas que orientam o nosso trabalho são: 1) Quais destinos internacionais se destacam pela oferta de produtos de Afroturismo? 2) Que práticas são reconhecidas como bem-sucedidas e inovadoras nesse segmento? 3) Como essas práticas influenciam o desenvolvimento sustentável, a inclusão social e a preservação cultural? 4) Quais são os principais desafios e oportunidades enfrentados por esses destinos?

1.1 Objetivos

Objetivo geral

- Analisar as práticas de afroturismo e turismo étnico desenvolvidas internacional e nacionalmente, ressaltando aquelas que se enquadram como boas e melhores práticas.

Objetivos específicos

- Analisar como os conceitos de afroturismo e turismo étnico tem se apresentado nacional e internacionalmente;
- Analisar o contexto histórico e tendências do afroturismo e turismo étnico em países da Europa (Inglaterra, França e Portugal) e Américas (Estados Unidos da América, México, Cuba, Jamaica, Barbados, Panamá, Colômbia, Costa Rica e Brasil).
- Destacar os destinos e modelos exitosos e inovadores na área afroturística, com relevância mundial;
- Apontar os principais desafios enfrentados por este setor turístico;
- Sistematizar boas práticas de afroturismo e turismo étnico, destacando o desenvolvimento sustentável, a inclusão social e a preservação cultural.

2. Afrofuturismo e turismo étnico: conceitos, contexto e tendências



Atividade cultural durante a Rota da Liberdade, em Cachoeira (BA). Foto: Acervo da Rota da Liberdade/ Andreza Viana de Santana.

Afroturismo é um termo relativamente novo, que emergiu no mercado do turismo brasileiro na última década. Muitas vezes confundido ou usado como sinônimo de turismo étnico, mas marcado por características singulares. O objetivo desta seção é traçar um panorama do desenvolvimento do conceito, assim como das tendências do setor nos principais mercados. Além disso, esta seção também busca ressaltar as experiências mais inovadoras e que contribuem para pensar as melhores práticas no afroturismo.

2.1 Turismo étnico

Os primeiros estudos aprofundados sobre turismo étnico se referem, em sua maioria, a populações nativas. Hoje, entende-se esse conceito de forma mais abrangente, possibilitando sua aplicação também a comunidades afro-descendentes, porém não se limitando a elas. Segundo Smith (1989, p.4), turismo étnico se resume a uma prática “comercializada junto do público em termos de costumes ‘pitorescos’ de povos indígenas e muitas vezes exóticos”. Também pode ser interpretado como “a viagem para experiências culturais que envolvem vivência de tradições, rituais e modos de vida de grupos étnicos” (Smith, 1989, p. 4).

Sendo um nicho da atividade turística que frequentemente se apoia na relação entre turismo e etnicidade, os estudos sobre essa temática vêm sendo profundamente discutidos. King (1994) por exemplo, aplica o turismo étnico numa perspectiva australiana e reforça o uso dessa terminologia para determinar a busca pelo “exotismo” cultural ou de populações marginalizadas. Porém, visto de outra perspectiva, o autor usa esse termo ao tratar a busca pela identificação pessoal ou uma experiência compartilhada. Ou seja, King (1994) também utiliza “turismo étnico” para atividades turísticas que buscam o encontro com as “raízes” históricas e/ou culturais. Já Xie (2011), em seu livro “Autenticando o Turismo Étnico”, descreve a etnicidade como ferramenta para promover e comercializar o turismo globalmente, principalmente no que tange a utilizar o imaginário turístico (Urry, 2002) para reforçar estereótipos.

Teoricamente, esse segmento busca valorizar a diversidade cultural e a interação entre grupos étnicos distintos. Entretanto, é importante observar e planejar o turismo para além do desenvolvimento econômico proposto, uma vez que, segundo MacCannell (1992), o turismo pode prejudicar ou beneficiar as comunidades locais e essa dinâmica vai depender primordialmente de como a atividade turística é gerida. Neste sentido, é importante observar os perigos da “*commodificação*” turística, fenômeno que ocorre quando as comunidades e manifestações étnicas são utilizadas como um *commodity*, ou seja, um produto a ser reconstruído de forma básica e insatisfatória que busca apenas alavancar a atividade turística local (Li Yang

et al., 2009), sem se preocupar com o impacto na preservação e na alteração da dinâmica cultural na comunidade anfitriã.

O turismo étnico ainda pode esbarrar em outra problemática: a espetacularização da cultura de forma a desconectar as comunidades nativas de sua verdadeira identidade. Esse simulacro atraente ao turismo, em sua maioria de massa, pode se tornar extremamente nocivo às populações marginalizadas que passam a entender o turismo como motriz financeira. Entende-se então que, ao estarem em situação de vulnerabilidade social e econômica, por historicamente serem removidos dos núcleos de decisão, quando se veem no papel de protagonistas dessa atividade, tornam-se um público mais sucessível a “moldar-se” ao que é facilmente comercializado.

No panorama brasileiro temos uma discussão complexa a partir do chamado “turismo em favelas”, por exemplo. Urry (2002) comenta sobre o imaginário turístico ao tratar da espetacularização da pobreza e do olhar ao “outro” de forma distante e deslocada. Esse imaginário turístico deve ser revisitado, principalmente no *marketing* que o local transmite para atrair o mercado.

Dessa forma, é imprescindível que o Estado seja para além de investidor em práticas turísticas sustentáveis, o mediador entre os atores dessa dinâmica (Li Yang *et al.*, 2009), que envolvem, primordialmente, a comunidade anfitriã, empreendimentos turísticos, o Estado e a demanda turística. Dessa forma é possível organizar e gerir o papel de cada parte a fim manter a atividade turística socialmente sustentável. Ainda é destacado o equilíbrio entre o interesse dos *stakeholders*, desenvolvimento econômico, preservação ambiental e justiça social.

Essa problemática não é exclusiva do contexto brasileiro, uma vez que diversos outros países como Austrália, China, Reino Unido e Bolívia estão inseridos nesse panorama e contribuem para a discussão da temática. Além disso, nos últimos anos, especialmente no Brasil, vem se destacando a preocupação com o que alguns pesquisadores chamam de turismo étnico-afro ou afroturismo, que vinha sendo visto como uma subcategoria do turismo cultural (De Farias *et al.*, 2021; Trigo e Netto, 2011).

2.2 Afroturismo

Até muito recentemente, como já mencionado, o afroturismo estava englobado como uma especificidade do turismo étnico e/ou cultural. Assim, nos primeiros estudos sobre o tema, é possível encontrar definições como "o turismo étnico-afro pode ser compreendido como um símbolo de resistência do negro" (De Farias et al., 2021, p.8).

O Sebrae, em um Boletim de Tendências em Turismo de 2020, definiu o afroturismo como um tipo de turismo que cria experiências e envolve as raízes e a cultura afrodescendente (SEBRAE, 2020). A publicação destaca o afroturismo como uma vertente do turismo cultural, cuja essência é conectar pessoas a histórias, culinária, costumes e questões sociais. Na mesma linha, dos Santos e de Sá (2021, p. 261) resumem o "turismo afro" como "turismo de experiências das manifestações culturais materiais e imateriais da população negra".

Ainda nesta compreensão do afroturismo como uma vertente do turismo étnico e/ou cultural, Trigo e Netto (2011) alertam para o fato de que este tipo de turismo depende, necessariamente, de compreensão profunda sobre a negritude no Brasil. Em estudo pioneiro sobre o tema, os autores apontam que o turismo étnico-afro apresenta algumas vertentes ou nichos: festas populares, gastronomia, centros culturais e museus, por exemplo.

Mais recentemente, entretanto, o conceito de afroturismo vem se destacando no campo teórico. De Souza (2022) destaca que "afroturismo" foi adotado, como termo, por profissionais do mercado do turismo para diferenciar-se de outros nichos do turismo cultural e étnico, especificando o propósito de trabalhar apenas com história, cultura e comunidades afrodescendentes. A autora revela, ainda, que o termo turismo étnico poderia ser rejeitado por alguns operadores turísticos negros por considerar o termo racista. Segundo de Souza:

De “Turismo Étnico com recorte Afro”, o termo Afroturismo passou a ser utilizado oficialmente a partir de 2018, englobando não só as práticas de lazer e turismo afrocentradas, mas também para destacar protagonismo dos profissionais negros no mercado de turismo, seja nas agências de viagens, rede hoteleira, guias turísticos, profissionais de transporte, restaurantes e toda a cadeia de fornecedores e empresários impactados com essa prática, além de abordar a emergência das comunidades quilombolas e das periféricas majoritariamente negras em desenvolverem roteiros e experiências nessas localidades (de Souza, 2022, p.10).

Assim, é importante pontuar que afroturismo é um conceito que nasce no contexto brasileiro, a partir da experiências e agência de profissionais negros e negras atuando no mercado de turismo. Silva et. al. (2023) explica que o termo se refere a uma tendência observada a partir da segunda metade de 2010, quando várias experiências turísticas com foco na valorização das raízes e da cultura afrodescendente começaram a despontar a partir do movimento de afroempreendedores da área.

Silva (2017) aponta como um dos movimentos precursores uma atividade, realizada em 2012, durante a 12ª Feira Preta, em São Paulo. O evento foi uma parceria com a Secretaria de Turismo da cidade de São Paulo, denominada "turismo afro-cultural". O roteiro incluía passeios pelo centro de São Paulo, museus e finalizava com uma experiência gastronômica africana e um show musical. A partir daí, surgiram várias empresas brasileiras dedicadas à promoção deste tipo de turismo, como a Diáspora Black, criada em 2016, e *Black Bird*, inaugurada em 2018.

A partir destas experiências, a palavra afrofuturismo foi se popularizando. O conceito parte, portanto, de um movimento do mercado para a academia e se apresenta como um campo de conhecimento em desenvolvimento. Desta forma, é importante apontar referências conceituais anteriores para pensar o afroturismo. Oliveira (2021) menciona o turismo afrocentrado, com raízes no conceito de afrocentricidade de Molefi Kete Asante (2020; 1987) e o turismo de diáspora, definido pelos geógrafos Tim Coles e Dallen Timothy, no livro *Tourism, Diaspora and Space* (2004). O primeiro é definido pela autora como um tipo de turismo que é pautado por narrativas afro-referenciadas, deslocando o olhar para "perspectiva negra dos fenômenos sociais envolvidos no fazer turismo" (Oliveira, 2021, p. 102). Já o turismo de

diáspora é definido como um turismo que é produzido, consumido e experienciado por comunidades diaspóricas (Coles e Timothy, 2004, p.1).

Rodrigues (2021) também menciona a ligação de outros conceitos que podem aparecer como sinônimos de afroturismo, como turismo afro e turismo afrocentrado. A autora alerta para o fato de não haver consenso sobre a terminologia. Ainda assim, sugere entender o afroturismo como atividades turísticas focadas nas "práticas de resgate, valorização, preservação, reconexão com a identidade e história por meio dos bens culturais, materiais e imateriais, as quais têm os sujeitos negros como protagonistas" (Rodrigues, 2021, p.97).

Já Sousa (2018) propõe que o:

O movimento afroturístico pode ser assimilado além, considerando as experiências individuais e sociais dos viajantes afro-brasileiros, abarcando o movimento desses corpos com o turismo e as pautas em comum a partir da cor da sua pele e as reverberações sociais desse fato. Não só externalizando-as, como também canalizando tais eventos como tomada de poder para si, para criação de novas plataformas, empreendimentos e ideias em rede. Além da proteção de sua condição humana, ferida pelo racismo estruturante na sociedade (Sousa, 2018, p.50).

Assim, percebe-se que o afroturismo é uma tendência que começa ganhar relevância em vários âmbitos: mercado turístico, políticas públicas e academia. A partir desta pesquisa preliminar, podemos apontar algumas características dos roteiros ou atividades turísticas que vêm sendo desenvolvidas a partir desta concepção: o turismo de festividades, de natureza, religioso (Trigo e Netto, 2011) e de recuperação de identidade (Queiroz, 2008). Nas próximas seções, oferecemos um breve panorama do contexto e tendências do afroturismo em alguns países que se destacam na área.

2.3 Turismo étnico e afroturismo no continente africano

O turismo é uma importante atividade econômica para muitos países no continente africano. Vários países se destacam como destinos para este tipo de turismo que, como já ressaltamos, está baseado na ideia de que os visitantes possam experimentar costumes, tradições e rituais de grupos étnicos (Smith, 2006) diferentes

de seu próprio grupo. O continente africano tem sido visto, por muitos turistas, como um lugar para vivenciar tradições exóticas por excelência.

Assim, países como Marrocos, África do Sul, Tanzânia, Quênia, Namíbia e Botswana se destacam na área de turismo étnico. Marrocos e Egito têm sido considerados um dos melhores destinos turísticos do mundo, devido a seus diferentes atrativos, que oferecem turismo histórico e cultural, além dos roteiros de belezas naturais que incluem o Deserto do Saara. Já Tanzânia, Quênia, Namíbia e Botswana são os destinos preferidos por visitantes que desejam explorar safáris e outros tipos de turismo de natureza. No que se refere ao turismo étnico, no Quênia e na Tanzânia destacam-se, ainda, experiências turísticas que aliam safári na Reserva Nacional Masai Mara com vivências junto ao povo Massai, um grupo nômade que vive entre os dois países (Karoki, 2011).

No entanto, nas últimas décadas, outro tipo de turismo tem apresentado o continente africano como um destino obrigatório: o turismo de raízes. Este tipo de turismo, abarcado na ideia do afroturismo é, segundo Queiroz (2008), aquele que busca a conexão com o passado ancestral e tem a intenção de promover o encontro com as "raízes africanas" e com outros afrodescendentes. Assim, para afrodescendentes em diáspora, visitar a terra-mãe aparece como uma experiência necessária, urgente e que pode possibilitar uma mudança de perspectiva e um encontro consigo mesmo. Os pioneiros neste tipo de turismo tem sido os afro-americanos. Um estudo realizado pela MMGY Travel Intelligence revelou que apenas em 2019, viajantes negros dos Estados Unidos investiram US\$ 129,6 bilhões em viagens deste tipo.

Muitos países do continente tem visto nesta necessidade de reconexão uma oportunidade para o desenvolvimento do afroturismo na região. Neste sentido, Ghana foi precursor em incentivar o turismo de afrodescendentes. O Presidente Nana Akufo-Add anunciou que 2019 seria o "Ano do Retorno", convidando os afrodescendentes da diáspora a buscar suas raízes no país. A iniciativa foi bem sucedida e Ghana registrou, em 2019, um aumento de 26% no turismo em relação ao ano anterior. Em 2024, o Ministério do Turismo lançou a campanha "Além do

Retorno", um projeto de dez anos que pretende celebrar a resiliência afrodescendente, com o lema "*A decade of African Renaissance – 2020-2030*".

Além das iniciativas do próprio governo, Ghana oferece uma proposta turística voltada aos afrodescendentes, que inclui festivais como o *Ghana Panafest*, um festival cultural e político, realizado a cada dois anos, na capital, cujo objetivo é celebrar a união do povo africano. Outro ponto de interesse em Ghana é o Castelo de São Jorge da Mina/ *Elmina Castle*, onde fica localizada a famosa "porta de não retorno", por onde passaram milhares de pessoas, vítimas do tráfico transatlântico. Outra "porta de não retorno" bastante visitada fica na Ilha do Goré, no Senegal. Apesar de triste, a experiência tem sido considerada como profundamente marcante pelos visitantes afrodescendentes.

Outros países que também têm influenciado o afroturismo são Nigéria e Gâmbia. No primeiro, destacam-se uma série de festivais culturais que celebram a cultura africana, como o *Door of Return*, iniciado em 2017, com a construção de um portal de retorno aos afrodescendentes retirados à força do território pelo tráfico transatlântico de pessoas. O evento ocorre anualmente, em Badagri, na capital Lagos. A Nigéria ainda oferece uma série de atividades e festivais religiosos, como o *Osun Osogbo Festival*, que celebra a cultura Yorubá, atraindo praticantes da religião de várias partes do mundo.

Gâmbia, por sua vez, tem também uma longa trajetória em oferecer uma oferta afroturística, com foco nos afrodescendentes e na ideia de retorno à terra mãe. Em 1996, foi criado o *Roots Festival*, que oferece eventos culturais, roteiros turísticos históricos e atividades educativas sobre história, cultura e tradições africanas. O Festival ocorre a cada dois anos, em maio. No país, os visitantes ainda têm a oportunidade de conhecer outros lugares históricos relacionados ao tráfico transatlântico, como a Ilha Kunta Kinteh - antes *James Island* - que foi rebatizada em homenagem à figura de Kunta Kinteh. Kinteh é um personagem do livro e da famosa série televisiva dos Estados Unidos, *Raízes*.

2.4 Turismo étnico e afroturismo nos Estados Unidos

No que se refere ao turismo étnico e afroturismo, na América do Norte, podemos mencionar os Estados Unidos como um país de destaque neste segmento turístico. Por extensão territorial e diversidade cultural, diferentes regiões oferecem atrativos focados nas narrativas afro. Podemos citar, por exemplo, os eventos “Afrofest” e “BronzeLens Film Festival” em Atlanta, no estado da Geórgia. Esses eventos caracterizam-se por celebrar a diáspora africana através de apresentações musicais, arte e gastronomia afrocentradas.

De forma mais abrangente, percebe-se o fomento do afro-turismo na cidade uma vez que, no contexto histórico, Atlanta é profundamente ligada aos movimentos dos direitos civis. Sendo um dos primeiros grandes *hubs*¹ do país, a influência migratória e a colonização fizeram com que a cidade tenha sido palco para lutas e conquistas sociais (*A Great Leader is Born*, 2024). Destacam-se, nesse contexto, o circuito histórico sobre a luta pelos direitos civis, incluindo a vida e ativismo de Martin Luther King Jr. e o movimento dos Panteras Negras. Entendendo sua potencialidade histórica, Atlanta se destaca como um destino rico em aparatos culturais que retomam a reflexão sobre a temática racial no país que recontam seu legado e contribuição para a justiça social.

A cidade de Nova York, uma das maiores metrópoles mundiais, é conhecida por celebrar a pluralidade e oferece diversos atrativos culturais afrocentrados. A cidade é o berço do “Afropunk”, evento que começou em 2005, como uma resposta à exclusão da população preta da cena musical e cultural (United States, 2024). Apesar do seu início vinculado ao cenário do *hip-hop* e do rap, com o passar do tempo, o evento foi apropriado pelo turismo de forma a se tornar um ponto de encontro cultural afrocentrado. Hoje, o evento expandiu-se para diferentes continentes, sendo hospedado em cidades como Salvador, no Brasil; Joanesburgo, na África do Sul; e Paris, na França. A expansão dessa iniciativa é um importante marcador de sucesso e absorção pelo público.

¹ Em um contexto geográfico, *hub* se refere a uma cidade ou região que serve como um ponto central para atividades econômicas, culturais ou sociais, atraindo negócios e visitantes.

Em Nova Orleans, ainda no contexto estadunidense, a presença da cultura afro-americana é celebrada pela gastronomia e eventos culturais. Sendo um dos principais portos de entrada de vítimas do tráfico transatlântico oriundo do continente africano, a cidade ao sul do país reconta sua história através da preservação de seu legado e memória. Com grande influência espanhola e francesa, a denominação “*Afro-creole*” (California State University, 2024) é utilizada para caracterizar essa fusão cultural única que é observada na região. A tradição musical do *Jazz*, a espiritualidade do *Voodoo*² e o *Gumbo*³ como experiência gastronômica são manifestações étnico-culturais que se tornaram os pilares atrativos da cidade.

2.5 Turismo étnico e afroturismo no Caribe e América Latina



Visita guiada na cidade de Cartagena, Colômbia, realizada pela empresa *Real Experience Cartagena*. Foto: Acervo Alexander Rocha Arias.

² Embora frequentemente cercado de mistério e estereótipos, o *voodoo* é uma prática espiritual, oriunda da África, principalmente do atual território do Benin, que busca harmonia e conexão entre o mundo material e o espiritual. Em Nova Orleans, é uma parte emblemática da cidade e intrinsecamente relacionada à música e à arte.

³ O *gumbo* é um prato tradicional da culinária de Nova Orleans, que reflete a rica mistura de influências culturais da região, incluindo as tradições africanas, francesas, espanholas e indígenas. É uma sopa espessa, geralmente à base de um caldo feito com carne, frutos do mar e/ou jacaré.

A América Latina, assim como outras partes do mundo com presença da diáspora negra africana, não é indiferente ao relativamente novo fenômeno da prática massiva do turismo negro ou afroturismo. Cada dia é mais comum observar pessoas afrodescendentes de diferentes origens fazendo turismo nas grandes capitais do continente, em lugares rurais emblemáticos como os quilombos e reservas naturais povoadas por pessoas negras.

Na Colômbia - país que foi considerado como o melhor destino internacional de afroturismo no *II Afrotourism Awards*, realizado durante o *World Travel Market* (WTM)⁴ América Latina, realizado no Brasil, em 2024 (Gómez, Licsa, 2024) - o afroturismo vem ganhando espaço a cada dia. Este prêmio, atribuído pela plataforma Guia Negro⁵ destaca o compromisso do país com a preservação do seu patrimônio cultural afro.

Ainda em relação à Colômbia, podemos mencionar a cidade de Cali como um importante destino afroturístico. Segundo a Secretaria de Turismo de Cali (BERMÚDEZ, 2018), um dos primeiros projetos individuais de afroturismo foi *Jet Black*, um *tour* focado em turistas afro-angloparlantes, que recorria os principais setores afrodescendentes da cidade. O objetivo principal da iniciativa era demonstrar que outra cidade negra existia. Nesta mesma cidade ocorre, anualmente, a principal atração afroturística do país: o *Festival de Música del Pacífico Petronio Álvarez*. Na edição No 28, realizada em 2024, segundo Sánchez e Vanegas (2024), mais de 600.000 pessoas assistiram ao evento durante seis dias. Destes, os turistas nacionais foram 37%, enquanto os internacionais foram 28%. Os Estados Unidos representam o maior número de turistas, 15%, seguido pelo público brasileiros, que são 5%.

⁴ É a maior feira de turismo da América Latina, acontece em São Paulo. Reúne 27 mil profissionais, agentes e expositores de países da América, África, Europa e Ásia (De Luca, 2024).

⁵ Segundo a página web da plataforma "O Guia Negro é uma plataforma de afroturismo, que realiza experiências turísticas em diversas cidades brasileiras, faz consultorias, produção independente de conteúdo sobre viagens, cultura negra, afroturismo, movimentos e black business". Disponível em: <<https://guianegro.com.br/quem-faz/>>. Acesso em: 25 Out. 2024

Outra cidade relevante do ponto de vista do afroturismo é a cidade de Cartagena de Indias, localizada no mar Caribe. A cidade, historicamente, se consolidou como um atrativo turístico pela beleza de suas praias, paisagens naturais e a fácil locomoção interna. Agora, Cartagena está vivenciando uma exploração demográfica de turistas afroamericanos, fundamentalmente. Esta conjuntura é aproveitada por agentes turísticos, guias afro e a recente Secretaria de Turismo, constituída no ano 2024 através do Decreto 0406. Entre os planos de afroturismo, Cartagena conta com diversos *afrotours*, iniciativa inaugurada em 2010, pela empresa *Experience Real Cartagena*. Esta cidade está a 50 quilômetros de San Basilio de Palenque, considerado o primeiro povo livre das Américas, em 1713. Atualmente, Palenque é um destino afroturístico, que recebe cerca de 150 pessoas por dia (informação verbal)⁶, considerando que este povoado tem 3500 habitantes. O povoado tem várias rotas turísticas e atrativos culturais e históricos.

Outro país digno de nota é Panamá, pois é um dos poucos países da América Latina que contam com uma organização turística especializada para promover o turismo étnico, comunitário e outros. A Promotora de Turismo Internacional do Panamá (PROMTUR) está dedicada a unir esforços dos setores público e privado para posicionar o Panamá como um destino mundial, focando na cultura afro como um de seus grandes atrativos. Na página principal do site da PROMOTUR, a primeira publicidade que se vê é a imagem de um grupo de pessoas negras, performando a Cultura Congo em Portobelo, seguida de outras imagens também de afro panamenhos no Estado de Bocas del Toro, referindo-se à gastronomia, cultura negra e belezas naturais do território.

Neste mesmo país, podemos destacar as atrações afroturísticas na cidade de Portobelo, no Estado de Colón, onde está concentrada 62% da população afrodescendente do país (INEC 2023). Em Portobello se encontra o museu permanente da Cultura Congo, na antiga alfândega municipal, lugar que antes era utilizado para comércio de pessoas escravizadas. Outro atrativo cultural é o Festival

⁶ Dado fornecido pelo professor e pesquisador palenquero Aiden Salgado Cassiane, em outubro de 2024.

Bienal de Diabos e Congos, que já conta com 18 versões, e está centrado em promover o encontro de pessoas negras e lembrar as práticas de resistência dos escravizados desta região.

Nas Ilhas do Caribe, nas quais o turismo têm forte peso na economia da região, o afroturismo está se tornando ainda mais relevante para as comunidades nativas. Em Barbados, esta atividade econômica representou 15,6% do PIB, em 2019, segundo o Escritório de Informação Diplomática do Ministério de Assuntos Exteriores, União Europeia e Cooperação de Barbados (2024). Já na Colômbia, o principal destino turístico afro do mundo em 2024, o turismo representou 4,7% do PIB, em 2023, segundo o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (El sector, 2024).

Em Barbados, por exemplo, os guias de turismo estão deixando de lado as antigas expedições à infraestrutura colonial e passando a priorizar as narrativas negras, visibilizando trajetórias dos heróis escravizados e locais emblemáticos do povo negro da Ilha. Outro destaque do afroturismo na Ilha Barbados são as iniciativas promovidas pelo Ministério de Turismo de Barbados (2024). Um marco neste setor foi a realização da Peregrinação Sankofa. Esta iniciativa governamental levou, em maio de 2024, um grupo de Liberianos, para uma viagem de reconexão familiar. O evento foi realizado em reconhecimento ao 159º aniversário da migração de 346 barbadianos para este país da África Ocidental. Além disso, entre abril e maio, na cidade de Saint Michael, ocorre o *Barbados Reggae Festival*, que atrai muitos turistas negros vindos das ilhas antilhanas e dos Estados Unidos.

Na antilha mais grande do Caribe, Cuba, o turismo é a terceira maior fonte de ingressos econômicos. Em 2022, ainda vivendo as consequências da Covid-19, segundo o Escritório de Informação Diplomática do Ministério de Assuntos Exteriores, União Europeia e Cooperação de Cuba (2024), o turismo foi responsável por 22,9% do PIB. Antes da pandemia, em 2019, esta cifra era de 25,1%. As iniciativas do afroturismo na ilha cubana estão sendo dirigidas pelos agentes de turismo e guias, que são geralmente pessoas afrodescendentes formadas em ciências sociais. Uma grande parte da oferta afroturística oferecida no país se centra na religiosidade,

explorando as tradições afrocubanas de *Palo Monte*, *Abakuá* e *Santería*. Argyriadis (2005) explica que o turismo religioso é aquele cujo objetivo principal da viagem é participar de cerimônias como ator ou observador, visitar santuários, igrejas, etc. As religiões de matriz africana são parte fundamental da vida social na ilha, e turistas da diáspora e outros grupos étnicos buscam se conectar com estas experiências e conhecer outras cosmovisões do mundo espiritual afrocubano. Apesar destas iniciativas, o país enfrenta inúmeros desafios. Guerrero (2020) menciona que:

Apesar destas tentativas de ampliar a visão e incorporar o patrimônio material e imaterial que resgata a identidade africana em Cuba, os resultados obtidos até agora mostram dificuldades para a sua implementação no espaço local. Nesta área, nem na sociedade existem recursos humanos qualificados, nem no governo há apoio a políticas culturais e turísticas que conduzam a uma valorização turística abrangente deste patrimônio (Guerrero, 2020, p. 19).

2.6 Turismo étnico e afroturismo no Brasil e países de língua portuguesa



Visita guiada, em Lisboa, Portugal, realizada pela empresa Noz Storia. Foto: Vanessa Freires.

No contexto de territórios lusófonos, podemos destacar países como Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal como destinos de interesse do afroturismo. Esse tipo de turismo tem conquistado espaço em Portugal, especialmente em Lisboa, onde bairros como Mouraria e Martim Moniz se destacam por sua riqueza multicultural e influência africana (Vitorino, 2018). Entre os locais de maior relevância está a Cova da Moura, na periferia da capital, reconhecida não apenas por abrigar a comunidade cabo-verdiana, mas também por promover iniciativas de afroturismo, como o projeto “Sabura”⁷ (RTP, 2008).

Esses projetos valorizam tradições culturais e gastronômicas africanas, oferecendo aos visitantes experiências imersivas que incluem apresentações musicais de gêneros como a morna e o funaná. Além da programação artística, o bairro também fomenta atividades sociais e apoia empreendimentos locais que reforçam o turismo sustentável e a preservação das identidades africanas. O impacto dessas iniciativas vai além da atração de turistas: elas contribuem para ressignificar a imagem do bairro, combatendo estigmas e celebrando o legado da imigração africana, reforçando a importância da diversidade cultural em Portugal (Santos, 2017).

O festival *Afro Nation* também se destaca como um dos principais eventos de celebração da cultura africana e afrodescendente. Realizado anualmente na Praia da Rocha, em Portimão, o Festival reúne artistas de estilos musicais como *afrobeat*, *amapiano* e *hip-hop*, atraindo milhares de pessoas, de diversas partes do mundo, desde 2019. Além da música, o *Afro Nation* promove uma imersão na moda, gastronomia e dança, reforçando a conexão entre a diáspora africana e o público europeu. O evento tem contribuído significativamente para fortalecer a visibilidade da cultura africana em Portugal, ao mesmo tempo em que dinamiza o setor turístico e cultural do país, com impacto positivo na economia local e na celebração da diversidade cultural (Sreenarong, 2024).

⁷ O Projeto Sabura é uma iniciativa, que ocorre anualmente, pioneira de turismo étnico em Portugal, implementada no Bairro do Alto da Cova da Moura (BACM), na região metropolitana de Lisboa. Lançado em 2004, o projeto visa ultrapassar barreiras e quebrar estigmas associados ao bairro, promovendo sua cultura e história por meio de visitas guiadas e atividades culturais.

Em Angola, o afroturismo está em crescimento, com o governo do país se esforçando para se tornar um dos principais destinos turísticos da África nos próximos anos (MENSAGEM, 2024). O presidente João Lourenço destacou a intenção de desenvolver áreas turísticas prioritárias, como Cabo Ledo, a região do KAZA (*Kavango-Zambezi Transfrontier Conservation Area*), *Yona Park* e as Cataratas de Kalandula. Para isso, o governo planeja melhorar a infraestrutura, incluindo estradas, telecomunicações e serviços públicos, facilitando o acesso ao turismo. O país é rico em diversidade cultural e natural, com várias atrações em suas dezoito províncias. Destacam-se a Fenda da Tundavala em Huíla, a Floresta do Maiombe em Cabinda e as Caves de Nzenzo em Uíge. Além disso, o Festival de Música da Huíla é um evento importante que celebra a cultura angolana, reunindo artistas locais e internacionais e promovendo a música afro-angolana. Esse festival não apenas atrai turistas, mas também fortalece a identidade cultural e valoriza as tradições locais.

Outro marco importante para o afroturismo em Angola, e também no Brasil, se deu em 2023 com o lançamento do projeto “Diáspora Africana no Brasil – Do Kongo ao Valongo”. O Projeto tem como objetivo aproximar o Brasil de Angola, criando roteiros que tragam o reconhecimento histórico e geográfico dos trajetos do tráfico atlântico de africanos escravizados entre os países (Unirio, 2023), compreendendo que o processo de colonização foi estruturante para a formação desses locais causando impactos duradouros e perceptíveis até os dias de hoje.

Cabo Verde destaca-se pelo turismo, que representa uma parte significativa de seu PIB. Em 2018, esse setor correspondia a aproximadamente 20% do total da economia cabo-verdiana (Lobo, 2018). Em notícias mais recentes, essa participação subiu para cerca de 25% (Expresso das Ilhas, 2023). O afroturismo atua conectando os visitantes às suas raízes africanas, destacando a música, a dança e a culinária local, além da importância da diáspora na formação da identidade nacional (Lobo, 2018). Eventos como o Festival Internacional da Música de Cabo Verde promovem essa conexão. Andréa Lobo (2018) destaca como o turismo, tomando Cabo Verde como exemplo, gera um impacto complexo na sociedade local, sugerindo que não apenas traz oportunidades econômicas, mas também transforma a cultura e a identidade das comunidades:

Muito além de novas perspectivas econômicas e de desenvolvimento, o turismo (re)cria percepções diferenciadas da realidade, novos costumes, valores e formas de vida que redimensionam as práticas sociais, e a população local longe está de ser vítima de todo esse contexto (Lobo, 2018, p.21).

Moçambique, por sua vez, é conhecido por sua diversidade cultural, refletida nas várias etnias do país (Da Silva, 2019). O afroturismo aqui envolve a exploração das comunidades costeiras, como as que habitam as ilhas de Bazaruto, e a valorização de suas tradições, como a dança e as festividades locais. O turismo cultural também inclui a experiência da vida rural, onde os visitantes podem aprender sobre a agricultura e as práticas locais.

No Brasil, aproximadamente 55% da população se identifica como preta ou parda, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Isso reflete a significativa presença de afrodescendentes no país, resultado da história de escravidão e da miscigenação ao longo dos séculos. A cultura afro-brasileira tem forte influência na identidade nacional, embora a comunidade ainda enfrenta desafios como racismo e desigualdade social.

Nesse contexto, o afroturismo vai além de um tipo de viagem: é uma forma de resistência cultural, como já enfatizado anteriormente. Roteiros como os oferecidos pelo Guia Negro exploram espaços históricos, como a Pequena África no Rio de Janeiro e o Pelourinho em Salvador, evidenciando a relevância da cultura negra na construção do país. O turismo tradicional costuma apresentar narrativas distorcidas ou superficiais sobre esses locais, enquanto o afroturismo se propõe a contar histórias a partir de uma perspectiva negra e empoderadora.

No contexto da cidade do Rio de Janeiro, o circuito da Pequena África, dentre os diversos lugares de memória afro centrados no Rio de Janeiro, é uma importante referência devido ao seu recente processo de resgate e, conseqüentemente, à ênfase governamental através de políticas públicas na intenção de fomentar o turismo na área. A Pequena África inclui a zona portuária e os bairros da Gamboa, Saúde e Santo Cristo. Porém esta não está restringida pelas delimitações geográficas dos bairros listados anteriormente, e sim por sua relevância histórica, afetiva e representativa (Almeida, 2024). Segundo o IPHAN (CAIS, 2024), O Rio de Janeiro foi

o “principal porto de entrada de africanos escravizados no Brasil e nas Américas, o Cais do Valongo” e apesar do fluxo “perto de quatro milhões de escravos, durante os mais de três séculos de duração do regime escravagista” o local foi reconhecido pela UNESCO por sua devida relevância somente no ano de 2017. Ainda assim, pouco é abordado sobre a magnitude histórica do local e suas consequências para a população carioca. É importante pontuar que, atualmente, esse espaço é um dos poucos locais de Memória Afrocentradas reconhecidas na cidade, capaz de propulsionar o diálogo que reivindica o protagonismo preto e assim, atrair a demanda turística.



A empresa Conectando Territórios durante passeio afroturístico na Pequena África, na cidade do Rio de Janeiro. Foto: Acervo pessoal de Thaís Rosa Pinheiro.

A Pedra do Sal, por exemplo, aos pés do Morro da Conceição, reivindicada pelo movimento negro desde 1980, com tombamento provisório em 1984 e tombamento definitivo em 1987 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (2024), ficava bem próxima ao mar, servindo como porto de embarque e desembarque do sal comercializado na cidade. Também foi utilizado como local de extração de pedra

feita por mão de obra escravizada que seria usada para pavimentar as ruas. Esses fatores colaboraram para o estabelecimento da cultura afro na região.

Para a população preta, o local era considerado sagrado para oferendas de religiões de matriz africana, além de frequentemente ocorrerem festas nas casas de libertos e ser o ponto de encontro de sambistas. Por isso, hoje, o Quilombo da Pedra do Sal é considerado o berço do chorinho e do samba carioca (Passados Presentes, 2015). Apesar da memória de dor que o local evoca por seu início em meio à escravidão, o mesmo foi ressignificado e apropriado pela população preta escravizada que ali vivia e frequentava. Hoje o local é conhecido por suas Rodas de Samba, rodas de capoeira, eventos, palestras e gastronomia única.

O reconhecimento dessa região por sua relevância histórica, além do incentivo estatal para permanência dos moradores e modos tradicionais tem sido primordial para a manutenção da autenticidade local e resgate da memória de forma a enaltecer as expressões culturais para além do luto histórico e social. Além disso, promover leis públicas que facilitem o turismo por e para pretos que historicamente resistem e residem nesse contexto, esbarra na problemática comum do turismo étnico já abordada: a perda da identidade e, por sua vez, de autenticidade a fim de atender à demanda turística (Andrade, 2020, p.6)

A Bahia — especialmente Salvador — se consolidou como um dos principais pólos desse turismo devido à forte presença da ancestralidade africana em expressões artísticas, religiosas e gastronômicas (Queiroz, 2008). A história do afroturismo na Bahia reflete a trajetória de resistência e afirmação da população afrodescendente na região. Este movimento surge em resposta à necessidade de visibilizar e valorizar a contribuição histórica, cultural e espiritual da diáspora africana, muitas vezes marginalizada pelo turismo tradicional.



A gastronomia é um dos atrativos do afroturismo no Brasil. Rota da Liberdade, em Cachoeira (BA). Foto: Acervo da Rota da Liberdade/ Andreza Viana de Santana.

O desenvolvimento do afroturismo se alinha com iniciativas que vão além da mera exploração comercial da cultura. Projetos como o "Salvador Capital Afro" e o "Rolê Afro" têm como objetivo não só atrair visitantes, mas também promover reparação histórica. Essas políticas buscam inserir a comunidade negra nos processos produtivos e econômicos do turismo, enfrentando a desigualdade estrutural no setor. A ideia é que o turismo afrocentrado funcione como um canal de empoderamento social e redistribuição de riqueza, beneficiando diretamente as populações que preservam e perpetuam esse patrimônio cultural (Queiroz, 2008, p.12-13).

Nesse contexto, a realização de festivais como o *Afropunk* na Bahia — o estado com a maior população preta do Brasil, segundo o IBGE (2022), que aponta que cerca de 22% dos negros brasileiros vivem na região — tem um impacto significativo no afroturismo. O evento não apenas celebra a música negra contemporânea e tradicional, como também fortalece a identidade cultural afro-brasileira, atraindo visitantes interessados em vivenciar essa herança de forma imersiva.

Em São Paulo, nos últimos anos, vem se desenvolvendo roteiros que resgatam, reivindicam e valorizam narrativas negras e que demonstram como o afroturismo pode atuar como um instrumento educativo e empoderador (Rodrigues, 2021). Exemplos práticos desse movimento incluem o Museu Afro Brasil, inaugurado em 2004 no Parque Ibirapuera, que explora a história, arte e cultura africana e afro-brasileira. Além disso, a cidade sedia o Festival Feira Preta, o maior evento de cultura negra da América Latina (Preta Hub, 2024), que não apenas atrai milhares de visitantes anualmente, mas também fortalece o empreendedorismo negro e amplia o espaço para narrativas que rompem com a invisibilidade histórica.

No Estado também é possível encontrar iniciativas como a "caminhada negra" e a "Rota da liberdade". A primeira busca promover uma experiência de afroturismo realizada mensalmente pelo Guia Negro, com o objetivo de resgatar e valorizar a memória da diáspora africana no centro de São Paulo. Durante o percurso, que passa por 12 pontos históricos da cidade, os guias compartilham histórias da população negra, como a do arquiteto escravizado Tebas e do soldado Chaguinhas, destacando o papel dessas figuras na urbanização e cultura paulistana. O projeto visa conectar passado e presente, promovendo o reconhecimento da contribuição negra na história local (Educação e território, 2023). A segunda se trata de uma iniciativa do Estado de São Paulo que destaca a rica herança cultural afro-brasileira, em especial no Vale do Paraíba. O projeto mapeia os passos dos negros africanos na região, evidenciando sua influência na cultura paulista. Com sete roteiros que duram, em média, três dias, a Rota da Liberdade oferece aos turistas a oportunidade de vivenciar a cultura popular e explorar fazendas históricas em cenários belíssimos (ROTA, 2007).

Em Minas Gerais, o afroturismo tem se fortalecido por meio de iniciativas que valorizam a cultura negra, especialmente nos quilombos e nas cidades históricas. Ouro Preto, conhecida por seu patrimônio colonial, oferece uma experiência afroturística ao conectar a história do ouro com a trajetória dos escravizados que ajudaram a moldar essa cidade. Já Belo Horizonte é um exemplo importante,

destacando-se com o Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango⁸, referência em preservação da identidade socioambiental do pensamento afro-brasileiro (Clark et al., 2022).

Recife é marcada por sua resistência histórica, com visitas ao Quilombo de Portão do Gelo e ao Terreiro de Xambá (Iglesias, 2018), locais que atuam como centros culturais e de preservação de tradições religiosas e sociais afrodescendentes. A Rota Afro em Olinda complementa esse roteiro com conexão às raízes africanas da cidade histórica (Henrique, 2022).

No Brasil, assim como em outros países da América Latina e Caribe, o turismo em comunidades quilombolas se destaca no cenário de rotas afroturísticas. Destacam-se a região do Quilombo de Palmares, em Alagoas, já citada anteriormente; no estado do Rio de Janeiro, o Quilombo do Campinho da Independência, em Paraty; e, em Goiás, o Quilombo Kalunga, na cidade de Cavalcante (Moreira e Ferreira, 2024). Em todos os territórios mencionados encontramos atividades afroturísticas bastante desenvolvidas, focadas na narrativa de pessoas negras, locais, e no desenvolvimento comunitário de suas regiões.

Alagoas é um dos estados que também se destacam no afroturismo no Brasil, especialmente por sua forte conexão com a história da resistência negra. A cidade de União dos Palmares abriga a Serra da Barriga, patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN, onde se localiza o Parque Memorial Quilombo dos Palmares. Esse parque é o único do Brasil totalmente dedicado à cultura negra, situado em uma área reconhecida como Patrimônio Cultural do Mercosul (CNM, 2017).

O Quilombo dos Palmares, estabelecido no século XVI, foi uma comunidade autônoma que abrigou milhares de pessoas que fugiam da escravidão. Hoje, o local oferece visitas guiadas e experiências culturais, como apresentações de capoeira e degustação da culinária afro-brasileira (Silva, 2021; Villarinho, 2023). Anualmente, o parque recebe maior destaque durante o Dia da Consciência Negra, celebrado em

⁸Localizado no bairro Santa Efigênia em Belo Horizonte, o Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango é uma comunidade quilombola fundada nos anos 1970 por Mãe Efigênia, dedicada à preservação da cultura e religiosidade afro-brasileira. Em 2018, foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais. A comunidade oferece atividades culturais como capoeira, dança afro, samba de roda e eventos religiosos, fortalecendo a identidade cultural e promovendo inclusão social na região (QUILOMBO, 2018).

20 de novembro, mas permanece aberto ao público ao longo do ano para visitas regulares. Além da Serra da Barriga, Alagoas valoriza tradições quilombolas em outras comunidades, como Muquém, onde a produção artesanal e a arte local são preservadas por mestres como Dona Irinéia, uma referência na cerâmica da região (Ribeiro, 2018).

3. Metodologia

Esta pesquisa será realizada a partir de uma abordagem qualitativa, partindo do nosso objetivo geral: analisar as práticas de afroturismo e turismo étnico desenvolvidas internacional e nacionalmente, ressaltando aquelas que se enquadrem como boas e melhores práticas. Esta abordagem foi escolhida porque é criativa, permitindo compreender aspectos subjetivos e que a equipe de pesquisa interaja com o entorno físico e humano da investigação. Além disso, o método qualitativo facilita o trabalho de comparações, descrições e interpretações de um entorno social que envolve seres humanos. Para Godoy (1995), neste método, o investigador procura captar no campo os fenômenos determinados ou objetos de pesquisa, partindo da perspectiva de pessoas com conhecimentos prévios do objeto de investigação, onde todos os pontos de vista dos especialistas consultados são importantes.

Quanto aos fins, é uma pesquisa exploratória e descritiva, que, segundo Prodanov e Freitas (2013), é aquela que tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto a fim de “facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto” (Prodanov e Freitas, 2013, p.51-52). Em relação aos meios, esta pesquisa utilizará técnicas mistas e triangulação, utilizando métodos de coleta e análise de dados diferentes, mas que dialogam e se complementam, a saber: a revisão de literatura integrativa e entrevistas semi-estruturadas. Abaixo, explica-se detalhadamente cada uma das técnicas de coleta e análise de dados.

3.1 Revisão de literatura integrativa

A primeira etapa da pesquisa consiste em uma rigorosa revisão da literatura integrativa em inglês, espanhol e português. Desta forma, pretendemos ter como resultado os principais trabalhos acadêmicos referentes ao afroturismo e turismo étnico realizados nos seguintes países: Inglaterra, França, Portugal, Estados Unidos

da América, México, Cuba, Jamaica, Barbados, Colômbia, Panamá, Costa Rica e Brasil. As bases de dados escolhidas para a realização da pesquisa são: Scielo, *Google Acadêmico* e o Portal de Periódicos CAPES. As palavras-chaves utilizadas para a busca serão: afroturismo, turismo étnico, turismo comunitário, turismo afro e *afrotours*, nos três idiomas mencionados anteriormente.

Azevedo (2016) assevera que a revisão da literatura é o guia do panorama ou caminho a percorrer. Esta ferramenta apresenta as principais abordagens e as teorias já estudadas sobre a temática, oferecendo um claro alinhamento com os objetivos da pesquisa. A revisão de literatura que se propõe aqui é do tipo integrativa, que objetiva sintetizar vastos conhecimentos sobre o tema abordado. Polit e Beck (2006) explicam que a revisão integrativa é uma construção de análise ampla, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos. Para estes pesquisadores, a finalidade deste método é alcançar um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores.

3.2 Entrevistas semi-estruturadas

A principal estratégia de coleta de dados serão as entrevistas semi-estruturadas com agentes de turismo, como guias e proprietários de agências que operam atividades de afroturismo. As entrevistas são compreendidas como um exercício de escuta e espaço dialógico de encontro entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, buscando entender as percepções dos agentes envolvidos nas atividades afroturísticas, que ajudem a refletir sobre os avanços e desafios que o setor enfrenta. Desta forma, as entrevistas semi-estruturadas partem de temas, que vão se ajustando ao diálogo estabelecido entre a equipe de pesquisa e a pessoa entrevistada.

Nesta pesquisa, pretende-se entrevistar a promotores de atividades afroturísticas (guias de turismo, proprietários de agências, comerciantes),

distribuídos da seguinte forma, no mínimo: 1) cinco (5) agentes estrangeiros, distribuídos entre países cujas experiências se mostram mais exitosas, como Colômbia, Panamá, Costa Rica, Barbados, etc; 2) cinco (5) agentes nacionais, pelo menos um de cada região geográfica do país.

As pessoas entrevistadas serão selecionadas a partir do mapeamento realizado na etapa exploratória da pesquisa, que apontou alguns destinos como aqueles que apresentam o maior número de boas práticas em afroturismo. Desta forma, nesta etapa da pesquisa, priorizamos entrevistar agentes turísticos dos seguintes estados: Alagoas, Bahia, Goiás, Maranhão e São Paulo. Esta lista, entretanto, não é exaustiva e pode apresentar acréscimo de outros agentes turísticos cujas experiências se mostrem relevantes para o escopo da pesquisa.

Os critérios de seleção para as entrevistas são: 1) ser pessoa negra; 2) liderar a atividade afroturística ou de turismo étnico; 3) ter pelo menos um ano de atividade; 4) atender ao público nacional e internacional; 5) atender ao máximo de requisitos definidos nos critérios de sistematização de boas práticas em afroturismo (p.30). Como uma entrevista semi-estruturada, o roteiro das entrevistas parte dos seguintes pontos: 1) história de vida; 2) história do empreendimento turístico; 3) afroturismo no país e na localidade onde o negócio se desenvolve; 4) dificuldades e avanços do setor; 5) boas práticas de afroturismo; 6) políticas públicas para a área.

As entrevistas serão analisadas utilizando a Análise Temática (AT), uma metodologia de análise de dados qualitativos que tem como objetivo identificar padrões e temas provenientes de um corpus de dados (BRAUN; CLARKE, 2006). Desta forma, a AT será utilizada, no âmbito desta pesquisa, para identificar como os agentes turísticos estão desenvolvendo boas práticas no turismo étnico e afroturismo.

Assim, a partir de uma análise comparativa dos resultados, será possível realizar o levantamento das melhores práticas internacionais de afroturismo nos diversos contextos pesquisados. Sartori (1981) explica que comparar é controlar as possíveis generalizações, previsões ou leis em comum nos casos a analisar. Comparar

é controlar no sentido de colocar em diálogo com outros para verificar lógicas e tendências que podem ou não ser generalizantes em diversos contextos sociais e históricos. Já Schneider e Schmitt (1998) afirmam que comparar permite descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificar continuidades e descontinuidades, semelhanças/diferenças e explicitar as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais.

4. Critérios para sistematização de boas práticas de afroturismo e turismo étnico

Boas práticas é uma expressão derivada do inglês e denomina técnicas identificadas como as melhores para a realização de uma tarefa, atividade ou procedimento (Boas práticas, 2021). As “boas práticas” também se referem a processos que levam a certificações que visam atestar a qualidade oferecida por um produto ou serviço. Segundo o Instituto Ecobrasil (2024), não é possível apontar um único processo de “melhores práticas”, assim como também não há nenhum conjunto de “melhores práticas” que funcione para todos os lugares o tempo todo.

O Instituto pontua que no turismo cada processo é distinto e pode considerar questões ambientais, culturais, econômicas, geográficas, legais, políticas, sociais e tecnológicas. Alertam também para o fato de que elencar as boas práticas ou melhores práticas vai depender do estágio de desenvolvimento da organização ou empresa, na busca dos melhores padrões de qualidade.

Em 2015, o Ministério do Turismo, o Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas desenvolveram o “Índice de competitividade do turismo nacional” (Brasil, 2015). Durante o trabalho de campo para a elaboração deste Índice, o Ministério considerou que ações e projetos que representavam economicidade, mobilização e cooperação nos destinos turísticos eram exemplos de “boas práticas”. A partir da identificação destes critérios, foram apontados alguns aspectos que podem ser considerados ao pensar em boas práticas turísticas: terem sede no destino; promoverem benefícios locais ou regionais; apresentar resultados efetivos que impactassem de forma direta ou indireta o turismo e/ou o turista; serem replicáveis em outros destinos com realidades similares; e terem sido viabilizados por meio da articulação entre diversos atores locais, envolvendo tecnologia ou outro tipo de

inovação que permitisse sua implementação, ainda que com recursos escassos (Brasil, 2015b).

Em 2024, o Sebrae publicou o Manual de boas práticas para projetos de turismo de base comunitária com foco no ecoturismo (Manual, 2024). Neste documento, indicam algumas premissas que podem servir de referência para pensar as boas práticas no afroturismo: 1) engajamento coletivo; 2) protagonismo comunitário e 3) produção associada ao turismo. Em 2020, o Sebrae (BOLETIM, 2020) já havia publicado um Boletim de Tendência enfocando o afroturismo. Neste material, indicava como ações recomendadas: montar roteiros que conectem a história e as raízes afro; criar experiências gastronômicas completas; produzir conteúdo de valorização da população negra; criar programação em datas especiais; promover experiências.

A Futuri, uma aliança formada por instituições e pessoas envolvidas na gestão e operação do turismo, aponta que as boas práticas podem ser guiadas “por critérios (ações), resultados esperados e metas que estabelecem padrões mínimos de sustentabilidade e medem a performance das atividades realizadas pelos integrantes” (Futuri, 2022). Em seu manual de boas práticas, sugere que cada critério possua diferentes parâmetros de avaliação, de acordo com o desenvolvimento da atividade.

Já Souza e Pinheiro (2018) apontam uma série de diretrizes etnoturísticas, que se bem estão endereçadas aos visitantes, constituem uma boa fonte para pensar a formulação de critérios de sistematização de boas práticas no turismo étnico e no afroturismo. No aspecto social, destaca: 1) Envolver os integrantes da comunidade no processo de planejamento do etnoturismo; 2) Manter os padrões sociais estabelecidos pela divisão do trabalho já existente entre os integrantes da comunidade indígena; 3) Dinamizar as ações etnoturísticas para evitar o isolamento social e a marginalidade de indivíduos da comunidade; 4) Melhorar a equidade e a eficiência do setor social, reestruturando o setor produtivo e respeitando o modo de produção comunitário dos indígenas; 5) Aplicar o lucro financeiro nas áreas básicas,

tais como educação, saúde, assistência social, transporte, vivenda, alcançando uma melhor qualidade de vida para os indígenas.

No âmbito econômico, as diretrizes propostas são: 1) Aproveitar o etnoturismo como complemento de outras atividades de índole tradicional praticadas na comunidade; 2) Gerar empregos diretos e indiretos, incrementando por meio de benefícios a economia local; 3) Fortalecer a prática empreendedora, contribuindo para a circulação de capital dentro da comunidade; 4) Estimular uma produção constante para atender às necessidades dos turistas e visitantes, permitindo o consumo e conseqüentemente o aumento do capital; 5) Promover centros de comercialização, onde os produtos derivados do aproveitamento dos recursos naturais são melhorados, transformados e classificados, para que incidam sobre os padrões de consumo e, em geral, sobre sua comercialização; 6) Utilizar a matéria prima e a mão de obra local para manter os recursos fortalecidos na economia local.

No aspecto ecológico, elenca como diretrizes: 1) Priorizar o estudo e a avaliação dos recursos naturais, que são incompletos, para conhecer a amplitude de sua biodiversidade; 2) Manejar os recursos naturais, com o objetivo de adiantar um programa de investigação das espécies e ecossistemas e sua situação real; 3) Aproveitar o etnoturismo como uma ferramenta ecológica e útil para o desenvolvimento comunitário dirigido à proteção de ecossistemas; 4) Desenvolver estratégias que permitam o aproveitamento dos recursos de forma sustentável; 5) Ordenar o uso do solo, promovendo os cultivos apropriados de acordo com a vocação ecológica, em função dos planos de ordenação do território que serão desenvolvidos como política pública; 6) Utilizar os recursos tecnológicos compatíveis com a realidade social e natural da comunidade; 7) Despertar o interesse na aplicação da legislação orientada às áreas protegidas.

Por último, Souza (2014) aponta as diretrizes antropológicas: 1) Prever as medidas necessárias para garantir a durabilidade e integridade dos sítios arqueológicos; 2) Interagir com o visitante, respeitando seus valores culturais e promovendo o intercâmbio cultural; 3) Evitar a utilização de elementos das manifestações culturais como atrativos turísticos, sob risco de desvalorização de suas

características culturais; 4) Identificar os símbolos religiosos da cultura local antes mesmo de comercializá-los para turistas, pondo em perigo a vida dos membros da comunidade; 5) Incentivar o orgulho sociocultural, permitindo o fortalecimento da ideologia e da herança cultural.

Por fim, o Encontro de Consolidação e Promoção do afroturismo, realizado em 31 de agosto de 2023 (Brasil, 2023), traz uma série de proposições importantes que podem guiar o estabelecimento de critérios para a sistematização de boas práticas de afroturismo e turismo étnico, tais como: foco no protagonismo negro, oferta de produtos de afroempreendedores, letramento racial, interesse e engajamento comunitário, entre outros.

Desta forma, com base nas referências apontadas como boas práticas para o Turismo em geral (Brasil, 2015b), para o Turismo de Base Comunitária (Manual, 2024), pelas diretrizes etnoturísticas (Souza, 2014) e pelo Encontro de Consolidação e Promoção do afroturismo (Brasil, 2023), a seguir apresentamos alguns critérios para a sistematização das boas práticas de afroturismo e turismo étnico que serão utilizadas no marco desta consultoria, durante os processos de mapeamento das práticas afroturísticas:

Quadro 1 - Critérios de sistematização das boas práticas de afrofuturismo e turismo étnico

Critério	Indicador	Fonte
Protagonismo negro (propriedade, gestão e execução dos serviços prestados)	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Protagonismo comunitário	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual 2024)
Serviços/produtos ofertados com foco na cultura negra	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Autenticidade dos serviços/produtos ofertados com foco na cultura negra	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual, 2024)
Serviços/produtos ofertados que contribuem para a valorização do patrimônio e da memória negra	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Letramento racial da equipe	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Qualificação da equipe	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)

Critério	Indicador	Fonte
Quantidade de serviços/produtos ofertados	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Atendimento ao público nacional e internacional	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Acessibilidade	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Aproveitamento dos recursos naturais de forma sustentável	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023) (Souza, 2014)
Práticas de sustentabilidade ambiental no produto/serviço	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Agência com sede local no destino turístico	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Promoção de benefícios locais	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Replicabilidade em outros destinos	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)

Critério	Indicador	Fonte
Envolvimento de atores locais	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Engajamento coletivo	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual 2024)
Produção local associada ao turismo	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Manual 2024)
Impacto do lucro na comunidade local	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Turismo como complemento das práticas econômicas tradicionais da comunidade	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Utilização de matéria prima e mão de obra local	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Promoção do intercâmbio cultural	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Protocolo de atenção ao turista <i>(existência de um guia de tratamento aos turistas, principalmente a turistas negros)</i>	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)

Critério	Indicador	Fonte
Protocolo de comportamento do turista (<i>existência de um guia de comportamento para turistas</i>)	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2023)
Inovação nas experiências/produtos/serviços	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Brasil, 2015b)
Valorização das manifestações culturais, de forma contextualizada, evitando sua transformação em <i>commodity</i>	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)
Incentivo ao pertencimento étnico-racial e ao orgulho sociocultural	Valor 0 - Não adota Valor 1 - Adota parcialmente Valor 2 - Adota completamente	(Souza, 2014)

Fonte: os autores.

5. Afroturismo e turismo étnico: uma revisão de literatura integrativa

Ao apresentar uma revisão de literatura integrativa, o que se pretende é fazer um levantamento de pesquisas publicadas anteriormente em bases de dados científicos sobre uma determinada temática. A partir deste levantamento, é possível tanto reunir informações que dão suporte para as tomadas de decisões como apontar lacunas no conhecimento (Coriolano-Marinus et al., 2014). Neste sentido, esta revisão permitirá alcançar o seguinte objetivo específico da consultoria: “analisar como os conceitos de afroturismo e turismo étnico tem se apresentado nacional e internacionalmente”. Além disso, apresentará elementos que colaboram para que o objetivo geral seja atingido, a saber: “analisar as práticas de afroturismo e turismo étnico desenvolvidas internacional e nacionalmente, ressaltando aquelas que se enquadrem como boas e melhores práticas”.

Esta revisão de literatura apresenta os trabalhos mais relevantes sobre afroturismo e turismo étnico publicados em portais ou revistas científicas e disponíveis online. A busca foi realizada em três bases de dados: 1) Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 2) *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), e 3) Google Acadêmico, entre 18 e 26 de dezembro de 2024. Como descritores para as buscas foram utilizados os termos afroturismo, turismo afro e turismo étnico afro. Estes termos poderiam aparecer em qualquer lugar do texto, no título, nas palavras-chaves, etc. Inicialmente, o recorte temporal foi de 10 anos, mas pelas poucas referências bibliográficas sobre o tema, decidimos ampliar para os últimos 20 anos de publicação dos artigos, TCC e dissertações. Os idiomas nos quais se fizeram as buscas incluiu português, espanhol e inglês.

A busca encontrou 237 trabalhos no total, com a seguinte distribuição:

- Afroturismo: 128
- Turismo afro: 32
- Turismo étnico afro: 77

Para a seleção destes trabalhos, os critérios de inclusão foram: trabalhos acadêmicos que abordassem o afroturismo, preferencialmente estudos sobre o conceito, a participação das comunidades afros, boas práticas, economia, relevância da história negra nos roteiros e cooperação entre governo e guias/operadores. Após a leitura dos resumos, verificou-se que apenas 15 atendiam aos critérios de inclusão do levantamento. Na tabela abaixo, apresentamos os artigos que fazem parte da mostra final.

Quadro 2 - Trabalhos acadêmicos sobre afroturismo

Código	Palavra-chave	Título do trabalho	Autores/as	Revista	Base de dados
T1	Afroturismo	Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra	Natália Araújo de Oliveira	Revista de turismo contemporâneo	Portal de periódicos CAPES
T2	Afroturismo	A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo	Joice dos Santos, Natália Silva Coimbra de Sá	Revista de turismo contemporâneo	Portal de periódicos CAPES

Código	Palavra-chave	Título do trabalho	Autores/as	Revista	Base de dados
T3	Afroturismo	Análise da execução dos roteiros afro do Olha! Recife	Isabela Andrade de Lima, Izabelle Cristine Pereira de Andrade	Revista de turismo contemporâneo	Portal de periódicos CAPES
T4	Afroturismo	AJEUM BÓ	Amadeu Batista Neto, Pedro Diogo Silva	Revista turismo e cidades	Portal de periódicos CAPES
T5	Turismo étnico	Turismo Étnico em comunidades quilombolas: perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil)	Rosijane Evangelista da Silva, Karoliny Diniz Carvalho	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Portal de periódicos CAPES
T6	Turismo étnico	Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil	João Paulo Bloch de Farias, Juliana Maria Vaz Pimentel	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Portal de periódicos CAPES
T7	Turismo étnico	Ethnical Afro Tourism in Brazil	Luiz Gonzaga Godoi, Alexandre Panosso Netto	Universidade de São Paulo	Portal de periódicos CAPES

Código	Palavra-chave	Título do trabalho	Autores/as	Revista	Base de dados
T8	Turismo étnico	Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de Turismo de Base Comunitária em um território quilombola	Dyego de Oliveira Arruda Juliano Pessanha Gonçalves	Interações Revista Internacional de Desenvolvimento Local	Scielo
T9	Turismo étnico	Turismos diaspóricos: mapeando conceitos e questões	Patricia de Santana Pinho	Tempo Social Revista de Sociologia da USP	Scielo
T10	Afroturismo	O afroturismo enquanto fator de reconhecimento histórico da população negra no Brasil	Rariel dos Santos Cruz e Alice Leoti	Fórum internacional de turismo de Iguassu	Google Acadêmico
T11	Afroturismo	Afroempreendedorismo e responsabilidade social/corporativa: turismo e cultura afrodiáspórica no Brasil	Natália Araújo de Oliveira	Revista Iberoamericana de turismo	Google Acadêmico
T12	Afroturismo	O turismo de base comunitária no território Kalunga: um olhar para a Comunidade Quilombola Vão do Moleque, no município de Cavalcante - GO	Ulce Edeltrudes Moreira e Lara Cristine Gomes Ferreira	Élisée - Revista de Geogr	Google Acadêmico
T13	Turismo afro	O Viajante afrobrasileiro: Enegrecendo o turismo	Thaina Souza Santos	Universidade de São Paulo	Google Acadêmico

Código	Palavra-chave	Título do trabalho	Autores/as	Revista	Base de dados
T14	Turismo étnico	Ethnic tourism: A framework and an application	Li Yang, Geoffrey Wall	Science Direct	Google Acadêmico
T15	Turismo étnico	What is ethnic tourism? An Australian perspective	Brian King	Science Direct	Google Acadêmico

Fonte: os autores.

No primeiro trabalho analisado, T1, Oliveira (2020) apresenta uma pesquisa que aborda a importância dos empreendedores negros na área do afroturismo no Brasil. A autora chama a atenção para como esta atividade está representando desenvolvimento econômico para as pessoas negras em cidades como São Paulo, Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, entre outras. O texto expõe como o afroturismo dirigido por afrobrasileiros e a ideologia do *Black Money* estão promovendo mudanças positivas e atacando a desigualdade racial e o enfraquecimento da identidade negra. Nesta pesquisa, foram entrevistados 15 afroempreendedores do setor no Brasil. Os resultados revelaram que a maioria das pessoas do setor são mulheres, com alto nível acadêmico, que se desenvolvem principalmente como guias e agentes turísticos. Além disso, o trabalho ainda destaca a realização dos *afrotours*, uma vez que promovem o resgate da memória do povo preto e a formação de empreendedores negros que valorizam sua ancestralidade. Por fim, o texto ainda destaca que, no âmbito dos negócios, estas iniciativas geram renda através da criação de uma economia solidária circular nas comunidades afro-brasileiras.

No artigo T2, as autoras dos Santos e Coimbra de Sá (2021) abordam o turismo étnico e o afroturismo, diferenciando-os por seus objetivos e perspectivas. O turismo étnico, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), envolve vivências autênticas em contato direto com modos de vida e identidades de grupos culturais distintos, buscando a diferença no outro. Já o afroturismo tem como foco a valorização da cultura afro, resgatando histórias, ancestralidades e colocando

peessoas negras como protagonistas, em contraste com a tradicional centralidade eurocêntrica. Este segmento busca tanto a conexão com a ancestralidade quanto a promoção da representatividade negra com os viajantes e profissionais do turismo. O tópico central do artigo é a invisibilidade das mulheres negras no turismo convencional e as iniciativas emergentes que promovem sua representatividade. O trabalho cita como negócios como *Diáspora.Black*, *Destino Afro*, *Brafrika* e *Bitonga Travel* demonstram formas de resistência e criação de espaços inclusivos no mercado turístico. Para as autoras, essas ações têm potencial para reconfigurar o turismo, trazendo protagonismo às mulheres negras e combatendo o racismo estrutural que permeia a atividade. Destacam, ainda, a importância de iniciativas que valorizem a ancestralidade e promovam uma narrativa inclusiva. No entanto, o texto não explora profundamente o impacto econômico dessas iniciativas ou o perfil das turistas negras em termos de motivações e barreiras enfrentadas. Além disso, não discute em detalhes políticas públicas que poderiam impulsionar o turismo afrocentrado.

O artigo T3, de Lima et al. (2023) analisa os roteiros afro promovidos pelo Projeto “Olha! Recife”, uma iniciativa vinculada à Secretaria de Turismo e Lazer da cidade de Recife, com o objetivo de, a princípio, sensibilizar moradores sobre a história e a cultura da população negra, mas que logo se ampliou aos turistas. O Projeto oferece passeios gratuitos por pontos históricos da cidade, destacando figuras e locais relacionados à herança afro-brasileira. A pesquisa foca na avaliação crítica desses roteiros, investigando se eles atendem aos princípios do afroturismo e do turismo étnico, que buscam a valorização das culturas afrodescendentes e o protagonismo das comunidades negras. A definição de afroturismo utilizada no estudo está centrada no conceito de turismo que resgata e valoriza a história e a cultura afro-brasileira, promovendo uma narrativa antirracista e sustentável (Nogueira, 2011). O estudo sugere que o afroturismo deve gerar benefícios econômicos para as comunidades negras, estimulando o empreendedorismo e a criação de narrativas centradas no protagonismo da população negra. O turismo étnico, no contexto do estudo, refere-se ao reconhecimento e à valorização das culturas negras, buscando reverter a marginalização histórica dessa população dentro do contexto turístico. As autoras e autores do trabalho explicam que os

roteiros do “Olha! Recife”, embora tratem de temas relacionados à história afrodescendente, não são protagonizados pela comunidade negra local e também não geram desenvolvimento econômico sustentável para esta parcela da população. Também relatam que, nos roteiros, temas importantes, como a contribuição das mulheres negras, são superficiais. Pontua, ainda, que há reverência excessiva aos colonizadores. Por fim, o trabalho aponta que uma maior colaboração com a Gerência de Igualdade Racial e com atores da sociedade civil negros poderia enriquecer o Projeto, tornando-os mais alinhados com os princípios do afroturismo e promovendo maior valorização da cultura negra de maneira mais autêntica e sustentável.

O artigo T4, de Neto e Almeida (2022) apresenta uma pesquisa com trabalho de campo, baseado em observação. O trabalho analisa o turismo religioso em terreiros de candomblé no Ceará, especificamente a gastronomia oferecida aos turistas durante a experiência turística. A análise apresentada no artigo está centrada na relevância da comida dos Orixás e na importância de manter esta tradição, através da inclusão desta experiência nos *tours*. O conceito de afroturismo é definido por Neto e Almeida como um fenômeno sociocultural de concepção e fazer turístico em razão da afirmação e valorização identitária da patrimonialidade afrodiaspórica, em interação com as narrativas de memorialidade e sociabilidade afetiva com ancestralidade e insurgência sob os sistemas escravagistas. O texto é bastante limitado, já que se centra exclusivamente na gastronomia que se deve oferecer nas visitas nos terreiros de Ceará para os turistas, não abordando outras temáticas importantes, como as parcerias econômicas e a integração das comunidades, governos e agentes turísticos.

Já no trabalho T5, Silva e Carvalho (2010) apresentam um Projeto para a implementação do turismo étnico na comunidade quilombola Filipa, no Maranhão. O texto explora como o turismo, baseado no legado cultural e étnico da comunidade, pode ser uma estratégia para o desenvolvimento sustentável, respeitando as especificidades culturais e ambientais do local. A comunidade tem buscado fortalecer sua identidade cultural por meio da valorização de suas tradições e memórias, como o Tambor de Crioula e o Festejo de São Sebastião, ao mesmo tempo

em que organiza atividades turísticas relacionadas ao meio ambiente e à vida rural. O conceito de turismo étnico usado no artigo é baseado na definição do Ministério do Turismo, que enfoca a valorização das culturas e tradições locais, visando ao desenvolvimento econômico sem perder a autenticidade. O objetivo é criar um turismo que permita à comunidade de Filipa se envolver ativamente no processo de desenvolvimento, garantindo que seus recursos culturais e naturais sejam preservados enquanto se estabelece uma infraestrutura para atender os visitantes. O trabalho não explora de forma detalhada as políticas públicas voltadas para o apoio a projetos de turismo étnico e como elas podem contribuir para o sucesso, ou não, do modelo de turismo proposto em Filipa. Também não especificam como se daria a relação desses turistas com a comunidade, pensando em sustentabilidade e impactos na rotina.

O trabalho T6, De Farias e Pimentel (2021) define o turismo étnico como uma atividade que proporciona a vivência de experiências autênticas e contato direto com a identidade e os modos de vida de grupos étnicos, valorizando seus aspectos culturais, simbólicos e históricos (Ministério do Turismo, 2006). Já o turismo étnico-afro é descrito como um segmento específico do turismo cultural voltado para o resgate e a valorização da cultura africana e afrodescendente, promovendo atividades como visitas a quilombos, terreiros de candomblé, museus e outros espaços que retratam a história e resistência da população negra (Trigo & Panosso Netto, 2011; Domingos, 2019). O texto ressalta que essas práticas não apenas promovem a alteridade e a valorização cultural, mas também estimulam o afroempreendedorismo e a conscientização política. O tema principal do texto é a análise do turismo étnico-afro no Brasil, explorando sua relevância cultural, social e econômica. Ele destaca a diversidade de roteiros oferecidos em estados como Bahia, Pernambuco e Alagoas, além de iniciativas como a *Diáspora.Black* e *Black Bird*, que impulsionam o afroempreendedorismo e criam oportunidades para a população negra. O artigo também argumenta que o turismo étnico-afro funciona como uma ferramenta de resistência, ao permitir que a população negra resgate sua identidade histórica e cultural, promovendo o empoderamento e a luta contra o racismo estrutural. Embora o texto discuta de maneira ampla o impacto positivo do turismo

étnico-afro, deixa de abordar questões relevantes, como os desafios enfrentados por esse segmento, a regulamentação de políticas públicas específicas e as barreiras estruturais para sua expansão. Também não aprofunda os impactos econômicos, não apresenta dados quantitativos que ajudariam a fundamentar a relevância econômica dessa modalidade de turismo e nem dados que demonstrem suas afirmações sobre geração de empregos causados pelas iniciativas citadas.

No artigo T7, Godoi e Netto (2010) apresentam uma discussão teórica sobre o afroturismo no Brasil, conceituado pelos autores como “turismo étnico afro”. O texto demarca como ponto inicial para a discussão o ano de 2006, quando o Ministério do Turismo e o Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (IPHAN) publicaram o livro “Os tambores da Ilha”, sobre uma manifestação cultural maranhense. Em seguida, destaca a publicação do guia “Turismo étnico afro na Bahia”, em 2009; e da criação do roteiro Rota da Liberdade, em São Paulo. Um dos pontos chave do trabalho é o argumento dos autores de que para que o afroturismo ocorra é essencial a compreensão da questão racial brasileira. O artigo também destaca as festas populares e afro religiosas da Bahia como um aspecto do afroturismo no Brasil. Godoi e Netto também utilizam o conceito de turismo étnico utilizado pelo Ministério do Turismo, que entende que este tipo de turismo oferece experiências autênticas em contato com modos de vida e identidade de grupos étnicos. Os autores indicam que o afroturismo no Brasil envolve diversos aspectos culturais, que inclui festas, danças, gastronomia, centros culturais, museus e toda uma rede que inclui comunidade e turistas. Por fim, o artigo fala do candomblé, principal religião afro-brasileira. Os autores listam os principais autores e estudos que abordam a temática. O texto é bastante genérico, apesar de oferecer importantes insights para pensar o afroturismo, como a contextualização histórica e teórica de importantes elementos da cultura brasileira que apontam para a compreensão da questão racial no Brasil.

O trabalho T8, de Arruda e Gonçalves (2018), tem como objetivo geral compreender os limites e as possibilidades da difusão de iniciativas de turismo de base comunitária em um Quilombo. O afroturismo não é abordado de forma frontal, uma vez que a análise parte do conceito de Turismo de Base Comunitária (TBC). Ainda assim, o trabalho interessa, uma vez que o TBC foi um dos pilares da

fundamentação do afroturismo no mundo e muitos afroempreendedores ainda utilizam esta nomenclatura. Os autores definem o Turismo de Base Comunitária como uma modalidade de turismo que normalmente é desenvolvida em pequena escala, tendo como perspectiva a manutenção das características socioculturais das comunidades receptoras, ao mesmo tempo que geram renda e ocupação nos territórios. Os autores descrevem, em um relato etnográfico, como este tipo de experiência se desenvolve em um quilombo, localizado em São José da Serra, no sul do Rio de Janeiro. A pesquisa ressalta a excelente organização e, sobretudo, a integração dos quilombolas residentes em todas as atividades turísticas, gerando uma economia circular e cooperativa para o território. Finalmente, os autores apresentam um quadro com os limites e potencialidades das atividades turísticas do Quilombo. Destacam como o principal limite a dificuldade no acesso ao território; e como grande potencial, as paisagens e a beleza do entorno natural, ainda pouco explorado.

O Artigo T9 (Pinho, 2018), explora os conceitos de turismo étnico e afroturismo no contexto das diásporas. O turismo étnico é definido pela busca pela alteridade, ou seja, pela descoberta de culturas exóticas e distantes, com ênfase em sociedades como os latmul de Papua Nova Guiné e os Jarawas das ilhas Andamã, em uma prática muitas vezes invasiva e prejudicial, descrita por alguns como “safaris humanos” (Johnson, 2001). Já o afroturismo, um tipo de turismo diaspórico, envolve a busca por semelhanças culturais, particularmente entre afrodescendentes, como no caso dos afro-americanos que visitam o Brasil e a África Ocidental. Embora o turismo diaspórico também envolva a busca por identidade, ele é impulsionado pela tentativa de reconectar com um passado cultural, ao invés de buscar uma alteridade. O artigo se direciona à análise das assimetrias globais e das dinâmicas de poder que afetam o turismo diaspórico. O autor discute como os turistas, embora pertencentes a minorias étnicas ou raciais em seus países de origem, possuem mobilidade privilegiada por conta de sua identidade nacional, o que cria um contraste entre os turistas e as comunidades visitadas. Exemplos como o turismo de afro-americanos na Bahia, onde os turistas expressam frustração pela pobreza e falta de poder

político dos afro-brasileiros, ilustram essas tensões. Além disso, são mencionados exemplos de países como Israel, Gana e Índia, que promovem o turismo diaspórico com o intuito de fortalecer laços transnacionais e até beneficiar suas economias (Mitchell, 2015; Boxer & Saxe, 2015). No entanto, o artigo não foca em iniciativas específicas que mediam o turismo diaspórico nem detalha os impactos econômicos desse tipo de turismo nas comunidades locais. Embora mencione programas governamentais, como os de Israel e Gana, que promovem o turismo diaspórico com objetivos políticos e culturais, o autor não entra em detalhes sobre as estratégias e programas específicos que estruturam esses fluxos turísticos. Além disso, o impacto econômico gerado pelo turismo de raízes e afroturismo nas economias locais, como o aumento de recursos financeiros ou a criação de empregos para as populações visitadas, não é abordado de forma aprofundada.

O trabalho T10, Cruz e Leoti (2023), aborda os conceitos de turismo étnico e afroturismo, destacando que o turismo étnico, conforme definido pelo Ministério do Turismo (MTur), envolve atividades turísticas que possibilitam o contato com a identidade e os modos de vida de grupos étnicos, como indígenas, quilombolas e outros. O afroturismo, ou turismo étnico-afro, é uma vertente específica que coloca a africanidade como protagonista, buscando reconhecer e divulgar a cultura afro-brasileira, enfatizando a importância de visibilizar a população negra no setor. A diferença entre ambos reside na forma como o afroturismo foca no protagonismo negro, recuperando a história e a cultura marginalizadas durante séculos. O tópico principal do texto é a análise do afroturismo como uma forma de reparação histórica para a população negra no Brasil, ao resgatar e valorizar sua cultura, história, gastronomia e religião dentro do contexto do turismo. O artigo discute como o turismo convencional, geralmente centrado na cultura eurocêntrica, contribui para o apagamento histórico da presença negra, e como o afroturismo se posiciona como uma alternativa para corrigir essa distorção. O texto também aborda a estrutura do racismo no turismo e a importância de profissionais negros ocupando espaços acadêmicos e mercadológicos para transformar esse cenário. No entanto, o texto não aborda de maneira aprofundada questões como a implementação de políticas públicas ou práticas concretas para a expansão do afroturismo. Embora mencione o

crescimento de agências especializadas e a importância de reconhecer a cultura afro-brasileira no turismo, ele não detalha quais seriam as estratégias para tornar o afroturismo mais acessível e amplamente reconhecido, nem como combater os obstáculos estruturais que ainda dificultam a ascensão dessa vertente do turismo ou algum tipo de aprofundamento sobre o funcionamento das agências que já desenvolvem essa modalidade de turismo.

No trabalho T11, de Oliveira (2022) discute os conceitos de turismo étnico e afroturismo, destacando o papel das iniciativas afroempreendedoras nesse contexto. O turismo étnico é descrito como uma prática que valoriza e promove a diversidade cultural, com ênfase na preservação das identidades das comunidades, enquanto o afroturismo enfoca a valorização da cultura afro-brasileira e a luta contra estereótipos raciais. Dentro desse cenário, o artigo analisa iniciativas como a Diáspora Black, Plana Vivências, Rota da Liberdade e Brafrica. O principal tópico do artigo é a análise de como o afroturismo, por meio de suas empresas, contribui para a construção de uma sociedade mais justa, combatendo o racismo estrutural e promovendo a educação sobre a história e cultura afro-brasileira. O artigo menciona também o turismo pedagógico, vinculado à Lei 10.639/2003, que promove o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, como uma forma de aprofundar o debate sobre identidade e ancestralidade. Além disso, destaca como as empresas de afroturismo, como a Diáspora Black, focam na promoção da comunidade e no envolvimento de parceiros e fornecedores, apesar de enfrentarem dificuldades relacionadas à sustentabilidade ambiental no setor. O artigo preenche muitas lacunas, mas não se aprofunda em questões práticas sobre os desafios enfrentados pelos afroempreendedores no afroturismo, como dificuldades econômicas e estruturais que podem influenciar na expansão dos negócios. Embora mencione a importância de políticas públicas de apoio e ações sustentáveis, o artigo não explora detalhadamente como as iniciativas de afroturismo podem superar essas barreiras, nem aborda com profundidade a resposta do mercado a essas iniciativas ou como o apoio governamental poderia ser mais eficaz para o crescimento desse setor.

O trabalho T12, de Moreira e Ferreira (2024), se centra na importância do Turismo de Base Comunitária para o território Kalunga e a comunidade quilombola.

Entre os benefícios, são destacados: a geração de renda, empoderamento, protagonismo, valorização cultural, desenvolvimento econômico e preservação ambiental. O artigo explora como, em toda esta cadeia, os moradores do território são os verdadeiros beneficiados, sendo um exemplo nacional de organização e autonomia. Por outro lado, também expõe os desafios que estas comunidades apresentam para maximizar os resultados positivos, como o difícil acesso ao território, a limitada infraestrutura dos quilombos, a capacitação dos operadores/ras e a busca pelo equilíbrio entre a modernidade e a ancestralidade. Os autores validam as boas práticas de afroturismo em comunidades quilombolas quando possui enfoque na cultura, na história e nas contribuições da disseminação africana em várias partes do mundo, destacando os destinos, atrações e experiências com relevância cultural e histórica para as comunidades afrodescentes.

Já no trabalho T13, Santos (2018) apresenta um trabalho de conclusão curso (TCC) de graduação. O TCC apresenta uma revisão bibliográfica e dados estatísticos, coletados através de um questionário respondido por 582 pessoas negras, em 22 estados do Brasil, através de *Google Forms*. O foco do texto são os viajantes negros do Brasil ou turistas afro-brasileiros, no país. O TCC descreve as barreiras discriminatórias que esses viajantes enfrentam em locais turísticos que são historicamente predominantemente brancos. O trabalho enfatiza os preconceitos sofridos em hotéis e aeroportos. Além disso, analisa como as políticas públicas de ações afirmativas para a população negra no Brasil foram capazes de melhorar as condições da população afro-brasileira e, por isso, estão sendo determinantes para que este grupo étnico tenha uma ascendente transição de mobilidade social e acesso ao turismo nacional/internacional. Por outra parte, o TCC aborda a temática da economia circular *Black Money* ou ecossistema de produção de consumo de pessoas negras para pessoas negras na diáspora. Isto como medida ao racismo econômico estrutural, e o afroturismo está abrindo fronteiras e dinamizando ainda mais esta prática nos territórios negros, oferecendo alternativas de serviços mais amigável e com respeito para osafro viajantes, como hospedagens, circuitos gastronômicos, tours urbanos/rurais e acompanhamento integral durante a experiência turística.

No artigo T14, Yang e Wall (2009), examinam o turismo étnico como uma estratégia para o desenvolvimento econômico e cultural, embasando-se em conceitos teóricos que auxiliam na definição e análise do tema. A obra apresenta um modelo conceitual que busca compreender as perspectivas de quatro grupos de interesse: governo, empreendedores, minorias étnicas e turistas. Nesse contexto, a pesquisa identifica tensões inerentes ao turismo étnico, como o conflito entre regulamentação estatal e autonomia étnica, o dilema entre exotismo cultural e modernidade, além da oposição entre preservação cultural e mercantilização. Embora reconheça os benefícios econômicos advindos dessa modalidade turística, o artigo sublinha as preocupações relacionadas à preservação da autenticidade cultural e aos impactos socioculturais de longo prazo. O estudo destaca a predominância do governo e de empreendedores no planejamento e desenvolvimento do turismo étnico, frequentemente forçando os grupos minoritários a uma posição marginal nos processos de decisão. Apesar das oportunidades econômicas proporcionadas pelo turismo, são destacados desafios significativos, como a transformação de práticas culturais autênticas em espetáculos comerciais. A pesquisa também revela que, embora muitos turistas busquem vivências culturais genuínas, eles geralmente têm acesso a versões "encenadas" dessas tradições, não verossímeis, evidenciando uma tensão entre as expectativas dos visitantes e os anseios de modernização das comunidades anfitriãs. De forma crítica, o artigo defende a necessidade de um planejamento turístico mais equilibrado e inclusivo, que incorpore a participação ativa das comunidades étnicas no processo decisório. Entre as estratégias propostas, destacam-se a conciliação entre desenvolvimento econômico e preservação cultural, com ênfase na educação e no empoderamento das minorias locais. Essas medidas são apresentadas como fundamentais para que o turismo contribua para a sustentabilidade sociocultural, promovendo a proteção do patrimônio cultural de grupos étnicos frequentemente vulneráveis.

Por fim, no trabalho T15, King (1994), aborda o conceito de turismo étnico explorando duas principais formas de manifestação: a busca por culturas exóticas e o turismo motivado por reencontros étnicos. A primeira, mais comum na literatura,

refere-se ao interesse em costumes e modos de vida considerados "exóticos". Já a segunda, menos discutida, envolve viagens voltadas à reconexão com origens culturais ou familiares, como no caso de descendentes de imigrantes que visitam países de seus antepassados. O autor sugere que o turismo étnico, tradicionalmente focado na idéia de exotismo, precisa ser analisado de forma mais ampla, levando em conta sua relação com os movimentos migratórios. King critica o tratamento superficial dado ao turismo de reencontro étnico, frequentemente categorizado como simples visitas a amigos e parentes. Ele argumenta que essa abordagem limita a compreensão das motivações dos viajantes, ignorando o desejo de reconexão com a história e identidade cultural. Exemplos como viagens de americanos negros à África ou de gregos expatriados à Grécia mostram que esse tipo de turismo pode ter impactos significativos, tanto econômicos quanto culturais, promovendo pertencimento e fortalecendo vínculos identitários. Ao final, o autor defende a necessidade de repensar as definições de turismo étnico, ampliando o conceito para incluir sua ligação com a migração. Ele sugere que esse entendimento mais abrangente pode enriquecer os estudos na área, especialmente em países como a Austrália, onde a migração desempenha um papel central na formação da identidade nacional. Além disso, destaca a importância de reconhecer o turismo não apenas como uma experiência de lazer, mas também como um fenômeno que reflete e molda dinâmicas sociais e culturais.

Na análise conjunta dos artigos, os seguintes aspectos chamam a atenção:

- **Prevalência de artigos escritos exclusivamente por autoras** (N=8) ou co-autorados por pessoas cujo nome pode ser atribuído ao gênero feminino (N=2);
- **A maioria dos estudos apresentam análises gerais (N= 9)** sobre o afoturismo, indicando que a área ainda carece de estudos mais aprofundados, que sejam capazes de avançar para além do panorama geral. Os outros cinco estudos apresentam estudos de caso ou análises de inspiração etnográfica. Vale ressaltar que alguns trabalhos, como o T8 e T12, apresentam importantes

reflexões, apontando limites e potencialidades do afroturismo (T8) e até mesmo indicando padrões para pensar as boas práticas do setor (T12). No geral, os trabalhos analisados são qualitativos, sem grande rigor metodológico. Do ponto de vista da coleta de dados, apenas dois trabalhos analisados indicam utilização de um instrumento de coleta de dados, no caso, questionários disponibilizados online para os respondentes. Também chama a atenção a pouca ou nula utilização dos dados do setor turístico. Assim, fica evidente a ausência tanto de estudos macro como a utilização de técnicas quantitativas.

- **A maior parte dos estudos foca no contexto do afroturismo e não em atores específicos.** Os estudos abordam a importância do setor, narram o recente desenvolvimento e citam iniciativas dos empreendedores, porém poucos trabalhos como o T13 focam em atores específicos. O trabalho em questão aborda as mulheres negras que viajam, sendo o único a dedicar-se a analisar a pessoa turista da amostragem. Também não foram encontrados estudos que analisem com profundidade os outros profissionais envolvidos no afroturismo, como proprietários de agências, meios de hospedagem, guias, motoristas, etc.
- **Turismo de base comunitária e turismo étnico são utilizados, em alguns casos, como sinônimos de afroturismo.** Apenas um dos trabalhos distingue o afroturismo do turismo étnico, demonstrando que o conceito ainda está em estágio de desenvolvimento inicial.
- **Os estudos analisados apresentam diversas lacunas,** entre as quais podemos citar que não abordam temáticas fundamentais como: políticas públicas para o setor; dificuldades e barreiras estruturais para a expansão; impactos econômicos da atividade; estratégias de popularização do afroturismo; ausência de formação, especificamente de letramento racial para o desempenho das atividades.

6. A voz de quem faz o afroturismo: análise das entrevistas



A empreendedora Sol Barbosa, durante uma atividade da Rota da Liberdade, realizada no Estado de São Paulo.. Foto: Acervo Sol Barbosa Turismo.

Uma das lacunas apontadas durante a revisão de literatura apresentada na seção anterior é a ausência de estudos que tratem de atores específicos que atuam no setor do afroturismo. A maior parte dos estudos, por ser muito geral, acaba por não conseguir aprofundar nos desafios e nas oportunidades do setor, principalmente a partir da visão de quem faz o afroturismo. Assim, nesta seção, apresentamos dados coletados durante entrevistas realizadas presencialmente e online com

responsáveis por treze (13) empreendimentos afroturísticos do Brasil, Colômbia, Panamá, Estados Unidos e Portugal.

O resultado destas entrevistas colaboram para alcançar o objetivo principal desta pesquisa: “analisar as práticas de afroturismo e turismo étnico desenvolvidas internacional e nacionalmente, ressaltando aquelas que se enquadrem como boas e melhores práticas”. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas.

Com as entrevistas semiestruturadas esperamos que os entrevistados tenham liberdade nas respostas. Segundo Laville e Dionne (1999), a entrevista semiestruturada oferece maior amplitude na coleta dos dados, ao não estar irremediavelmente presa a um documento entregue a cada um dos interrogados. Por essa via, a flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre quem entrevistado e a pessoa entrevistada, favorecendo a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações e das atividades realizadas durante seu atuar na área do turismo.

Como um dos objetivos desta pesquisa é compreender um fenômeno social em um grupo de pessoas que compartilham certas características, é necessário escolher participantes que conheçam sobre o tema do qual se está tratando. Por isso trabalhamos com a seleção intencional, que é descrita por Chacon (2022) como um subconjunto não representativo de uma população construída para atender a uma necessidade ou propósito muito específico. Isto é, com o objetivo de centrar-se em algumas características específicas da população de interesse, procurando respostas para o objetivo. Com este método ganhamos eficácia, sabendo de antemão que as treze (13) pessoas selecionadas para a pesquisa têm dados relevantes para o estudo. Elas e eles, além de serem pessoas negras, também são guias, empreendedores e agentes turísticos. Os operadores turísticos, guias e empreendedores na área do afroturismo selecionados para a realização das entrevistas são descritos no quadro abaixo (Quadro 3).

Quadro 3 - Agentes do afroturismo entrevistados

Código	País	Estado/Cidade	Empresa
E1	Brasil	Goiás, Cavalcante	Coleci Turismo
E2	Brasil	Alagoas, Maceió	Alagoas Cultural
E3	Brasil	Bahia, Cachoeira	Rota da Liberdade/Quilombo Kaonge
E4	Brasil	Maranhão, São Luiz	Cidade Griot
E5	Brasil	São Paulo, Taubaté	Sol Barbosa Turismo e Cultura
E6	Brasil	Rio de Janeiro, Rio de Janeiro	Conectando Territórios
E7	Portugal	Lisboa	Noz Stória
E8	Colômbia	Cartagena, Bolívar	Real Experience Cartagena
E9	Colômbia	Cali, Valle del Cauca	EcoPacific Tours
E10	Panamá	Portobelo, Colón	Casa Congo
E11	Estados Unidos	Miami, Flórida	Key to Maya
E12	Estados Unidos	Atlanta, Geórgia	Black Abroad
E13	Estados Unidos	Baltimore, Maryland	Buoyant Travel

Inicialmente, é importante mencionar que as percepções apresentadas pelos/as treze (13) entrevistados/as constitui um pequeno grupo do universo do afroturismo no Brasil e do mundo. Estas pessoas representam uma parcela da totalidade dos agentes turísticos, guias e empreendedores do setor. Elas foram selecionadas devido à excelência do trabalho desenvolvido com o afroturismo, uma vez que o objetivo desta consultoria é analisar as boas e melhores práticas no setor. Portanto, os resultados apresentados buscam evidenciar a voz de quem faz o afroturismo como um elemento importante na definição das boas prática na área. As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado, abordando os seguintes pontos:

- História pessoal e do negócio;
- Percepções sobre o afroturismo;

- Desafios e oportunidades do setor e do negócio específico;
- Sustentabilidade, acessibilidade, preservação ambiental;
- Políticas públicas para o setor e
- Boas práticas e melhores práticas no afroturismo.

As entrevistas foram gravadas em vídeo/áudio, depois transcritas, passando, portanto, a dados textuais. Esses dados qualitativos, oriundos das entrevistas, foram analisados a partir da Análise Temática (AT), uma base teórica que se aproxima aos estudos qualitativos. A análise dos dados arrojados pelas entrevistas têm como objetivo identificar padrões e temas provenientes de um corpus de dados. Assim, a partir da análise, emergiram três categorias.

- 1) Afroturismo: do geral ao particular;
- 2) Desafios do setor;
- 3) Boas práticas e um passo à frente

Nas próximas subseções, apresentamos a análise de cada uma das categorias.

6.1 Afroturismo: do geral ao particular



Passeio turístico realizado pela empresa de afroturismo Cidade Griot. Foto: David Ferraz.

Quando analisamos as características gerais dos agentes turísticos envolvidos com o afroturismo, é possível delinear um perfil de quem atua no setor. Na nossa amostragem, que já explicamos tratar-se de um recorte muito específico, temos um perfil equilibrado quanto ao gênero. Das 13 entrevistadas, todas eram cisgênero, sete (7) pessoas se identificaram com o sexo masculino e seis (6) com o feminino. Este dado contrasta com os dados apresentados na revisão de literatura. Em pesquisa realizada por Araújo de Oliveira (2020), predomina o perfil feminino no empreendedorismo afroturístico. Vale ressaltar que a escala da pesquisa citada também foi reduzida, o que nos leva a sugerir que um mapeamento quantitativo, internacionalmente abrangente, poderia ajudar a compreender melhor o perfil do setor. O que podemos afirmar, a partir da nossa amostragem é que, entre os/as afroempreendedores entrevistados/as, que foram selecionados entre negócios que apresentaram o maior número de boas/melhores práticas, o perfil de gênero é equilibrado.

Outro dado interessante é a origem dos empreendedores. A maioria das pessoas dedicadas ao afroturismo está vinculada aos seus locais de origem. Na amostragem selecionada, apenas duas (2) pessoas não são naturais da região na qual a atividade afroturística é desenvolvida. O vínculo com o local está diretamente ligado a vários critérios que influenciam o desenvolvimento ou não de uma boa prática afroturística, como o protagonismo comunitário, agência com sede local no destino turístico, promoção de benefícios locais, envolvimento de atores locais e utilização de matéria prima e mão de obra local, só para citar alguns. Todos estes critérios acabam beneficiados quando o agente turístico é local, uma vez que a longa experiência vivida no ambiente pode favorecer o estabelecimento de uma ampla rede local.

Em relação às motivações para iniciar no ramo afroturístico é quase unânime no relato das pessoas entrevistadas a menção à invisibilidade negra no turismo, tanto na publicidade como no foco das narrativas turísticas, etc., como podemos perceber no trecho abaixo.

O que nos impulsionou a começar, um dos fatores iniciais, foi o *Google*. (...) Quando planejávamos uma viagem e procurávamos informações sobre coisas para fazer, nunca víamos representatividade. O conteúdo estava sempre voltado para a perspectiva de viajantes brancos. (...) Em 2015, viajantes negros gastavam cerca de 64 bilhões de dólares no setor de turismo. Ao ver um número tão grande, esperávamos que esse público fosse representado no marketing e na publicidade, mas não era o caso. Havia um grande público que não estava sendo atendido pelo setor de turismo, apesar de gastar muito dinheiro. Pensamos: "E se criássemos conteúdo, avaliações e experiências de viagem voltadas para esse público? Eles gastariam ainda mais" (E12, entrevista pessoal, 2024).

Eu sempre pensava também nessa questão de como de como estaria representada a (...) história negra alagoana (...) não só para as pessoas de fora, mas para as pessoas de dentro também. (...) qualquer alagoano que você for conversar, você sempre vai ouvir essa mesma conversa, assim, do quanto, infelizmente, a história negra de Alagoas, apesar de tão significativa, a nível mundial para a história do povo negro (...) uma parte da população alagoana ainda não tem esse pertencimento, (...) muitos não conhecem. (...) a gente sente que é muito carente ainda das pessoas aqui em Alagoas se apropriarem dessa história, dessa cultura negra. Então a gente viu no turismo uma possibilidade de evidenciar isso, de valorizar, de resgatar algumas questões com foco na cultura negra, na identidade negra, na história negra alagoana, já que éramos duas, né, somos duas mulheres negras (E2, entrevista pessoal, 2024)

O afroturismo, como conceito, como já evidenciado na revisão de literatura, ainda é bastante incipiente, fato destacado pelo baixo número de trabalhos publicados sobre a temática. Apesar de ser um termo que emergiu no próprio mercado (De Souza, 2022), sua utilização ainda não é unânime entre os empreendedores e empreendedoras do setor turístico. Entre os entrevistados e entrevistadas nesta pesquisa, que representam negócios de destaque da área, o afroturismo é uma referência presente. A maior parte dos agentes turísticos conhece o termo, mas apenas um dos negócios se define como "agência de afroturismo". É importante mencionar que o turismo de base comunitária foi outra referência citada durante a coleta de dados, como pode ser observado nos trechos de entrevistadas abaixo.

O conceito de afroturismo é algo muito novo, realmente. Aqui em Cartagena, que é uma cidade que é referência do turismo na Colômbia, este conceito ainda não é muito conhecido. Ainda estamos começando a pensar e refletir sobre um turismo voltado para a história negra da cidade (E8, entrevista pessoal, 2024).

Na minha empresa (...) trabalhamos muito focados no turismo de base comunitária. A gente trabalha junto com a comunidade. Ali na comunidade, a gente sempre vai ter a presença de um ancião, uma pessoa mais velha, né? É ela que conta a história do local (E1, entrevista pessoal, 2024).

Quando a gente começou os roteiros da comunidade, ninguém falava de turismo comunitário, ninguém falava de turismo étnico, então a gente nem usa a palavra afroturismo aqui.(...) A gente considera (...) os nossos roteiros como turismo ou étnico-comunitário. Porque a gente traz a etnia dos nossos ancestrais, a nossa história, a nossa vivência, a nossa vida. Eu acho que o afro-turismo é mais um segmento, né? (...) Então, a gente costuma dizer aqui que a gente faz parte do segmento, mas sendo turismo étnico-comunitário porque foi como foi como nos formamos, entendeu? (...) Eu acredito assim que o afroturismo é só mesmo uma palavra que as pessoas estão usando para segmentar o que já existe (E3, entrevista pessoal, 2024).

Desde o início, quando eu tive contato com afroturismo, eu não entendi apenas como um produto mercadológico. (...) Então, eu entendo desde sempre que o afroturismo é uma necessidade política antirracista no setor. (...) Então, para mim era muito determinante estando em São Luís, que é uma capital é uma das capitais mais negras do país, definir a agência como tal [agência de afroturismo] e de mostrar para quem quisesse consumir nossos produtos que estão vindo para experiências direcionadas ao afroturismo, para ver as histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em São Luís, né? Então, hoje a gente atua em todos os nossos roteiros com essa perspectiva (E4, entrevista pessoal, 2024).

Como podemos perceber pelas falas destes empreendedores, o afroturismo é uma área em expansão, fortemente vinculada ao desenvolvimento local e ao reconhecimento da cultura e memória do povo negro. No Brasil, um país com população majoritariamente negra, investir neste setor turístico pode representar não somente o aproveitamento de recursos locais, mas também o desenvolvimento econômico para esta parcela da população. Entretanto, para que isto ocorra, os agentes turísticos apontaram uma série de desafios que precisam ser enfrentados, que detalhamos na próxima seção.

6.2 Desafios do setor



O engajamento comunitário é um dos pontos fortes da Rota da Liberdade, em Cachoeira (BA). Foto: Acervo da Rota da Liberdade/ Andreza Viana de Santana.

Dentre os desafios apontados, muitos apareceram tanto na revisão de literatura como nas entrevistas. Dentre as dificuldades relevadas pelos entrevistados, três apareceram de forma unânime. O primeiro deles é a falta de infraestrutura viária nas zonas isoladas das grandes cidades, onde se concentram os empreendimentos de afroturismo rural, quilombola e ecológico. Este aspecto é ressaltado por um dos entrevistados:

O grande problema da gente aqui são as estradas, para você levar o turista para poder chegar, adentrar as comunidades e ficar tipo três, quatro dias dentro da comunidade. O nosso transporte mais usado aqui é o veículo 4x4, né? Nesse período, as estradas aqui (...) para chegar nessas comunidades, não tem asfalto. É só estrada de chão. Quando chega nessa época aqui do ano, de outubro (...) até março, é bem difícil a situação. Então a gente precisa bastante do poder público (E1, entrevista pessoal, 2024).

O segundo fator é o baixo nível de capacitação profissional na área de turismo e idiomas. Esta dificuldade acaba deixando os os guias nativos e agências afros em

desvantagem em relação às grandes agências do setor. Geralmente, estas empresas não têm letramento racial, não são nativos, mas contam com capital econômico e logístico superior aos afroempreendedores. O entrevistado E4 expressa o seguinte:

As dificuldades que a gente apresenta (...) eu acho que é um cenário geral (...), a formação de guias e de profissionais que atuam no setor, eu acho que é preciso haver um olhar para o currículo, né, para se tratar das questões ético-raciais no turismo. Eu digo isso por experiência própria (E4, entrevista pessoal, 2024).

(...) não há pessoas que falem inglês e com formação em turismo e a solução não está sendo pensada a curto prazo. (...) não vai ser uma solução rápida, por isso temos de encontrar formas de garantir que não outras pessoas que não são negras nem locais conduzam as visitas guiadas (E9, entrevista pessoal, 2024).

E, por último, a falta de regulamentação/implementação de políticas públicas que beneficiem o setor do afroturismo no Brasil, país com grandes perspectivas econômicas e culturais com relação a esta iniciativa que está movimentando pessoas negras de toda a diáspora. Através de um trecho de uma das entrevistas apresentamos este pensamento.

Os principais desafios enfrentados (...) incluem a falta de infraestrutura adequada em algumas áreas, especialmente em regiões mais remotas, o que dificulta a implementação de projetos de forma eficiente. A dificuldade de acesso a financiamento também é um obstáculo importante, comprometendo a expansão e a melhoria das iniciativas da agência. Além disso, a capacitação de guias locais se apresenta como uma necessidade urgente para garantir uma experiência turística autêntica e respeitosa, assegurando que as comunidades locais se beneficiem diretamente do turismo e que a prática do afroturismo seja conduzida de maneira ética e sustentável (E6, entrevista pessoal, 2024).

Outros desafios enfrentados pelos afroempreendedores que podemos citar são:

- **A conquista da confiança do *trade* turístico.** Duas das entrevistadas, que desenvolvem atividades no Nordeste, pontuaram que no início de suas atividades as grandes agências não ofereciam o afroturismo como um produto, pois não acreditavam que turistas dos grandes centros teriam interesse em visitar Quilombos. Por isso, segundo elas, inicialmente, foi muito difícil comercializar os passeios em comunidades quilombolas. Mas com o

passar dos anos e o fluxo gradual de viajantes, algumas agências comerciais já passaram a incluir os destinos quilombolas entre seus produtos.

- **A romantização e esvaziamento político do afroturismo.** Um dos empreendedores chamou a atenção para o fato de que como o afroturismo está em evidência no mercado, o principal desafio é que o conceito seja reduzido a visitas nos quilombos, degustação de gastronomia e recepções com danças afro-brasileiras. Para o entrevistado E4, estes elementos culturais podem se encontrados na vida cotidiana de qualquer lugar no Brasil. Ele reforça que o trabalho de guias de afroturismo deve ampliar o conceito afro-político nos roteiros, inserindo história e uma perspectiva decolonial.

Estes desafios apontados pelos entrevistados corroboram a bibliografia referenciada, que também aponta algumas das dificuldades mencionadas. Por exemplo, Moreira e Ferreira (2024) levantaram as principais dificuldades que afroempreendedores/ras do turismo étnico enfrentam: difícil acesso aos territórios negros, limitada infraestrutura dos quilombos e capacitação dos operadores. Estas três constantes foram mencionadas por sete dos treze entrevistados e outros nove mencionaram pelo menos dois destes fatores como impedimentos para o desenvolvimento do setor afroturístico. Com tantos percalços, os empreendedores do setor tem mais dificuldades para atingir níveis de excelência internacionais e/ou padrões de certificação que enquadre seus serviços como boas ou melhores práticas. Na próxima seção, analisamos este tema com mais profundidade.

6.3 Boas práticas em afroturismo e um passo à frente



Trilha ecológica realizada pela Coleci Turismo, em Cavalcante, Goiás. Foto: Coleci Gonçalves dos Santos.

Pese a não haver uma definição, neste relatório tentamos estabelecer uma primeira aproximação à criação de critérios para sistematizar as boas e melhores práticas em afroturismo, a partir de guias anteriores publicados pelo Ministério do Turismo do Brasil, Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas (ver página 38 deste relatório).

Trabalhamos com a perspectiva de que uma boa prática é uma ação desenvolvida a partir de padrões mínimos que permitem medir a performance das atividades (Futuri, 2022). As referências para pensar as boas práticas em

afroturismo foram fundamentadas em documentos do Ministério do Turismo (Brasil, 2015b), do Sebrae (Manual, 2024) e, principalmente, pelo Encontro de Consolidação e Promoção do afroturismo (Brasil, 2023). Este Encontro apontou as principais práticas que devem ser observadas pelos agentes do afroturismo, como o foco no protagonismo negro, a oferta de produtos de afroempreendedores, o letramento racial e interesse e engajamento comunitário.

Durante as entrevistas, foi possível perceber que a maior parte destes critérios vem sendo colocados em prática pelos agentes turísticos. É importante considerar, entretanto, os limites desta amostragem, uma vez que o critério de inclusão aplicado para definir os entrevistados e entrevistadas foi justamente o fato de desenvolver o maior número de boas práticas. Assim, destacamos alguns critérios encontrados na maior parte dos empreendimentos analisados, como: protagonismo negro, protagonismo comunitário, promoção de benefícios locais, engajamento coletivo, impacto do lucro na comunidade, utilização de matéria prima e mão de obra local, valorização das manifestações culturais, de forma contextualizada, etc.. Estes critérios podem ser percebidos na fala dos entrevistados abaixo:

(...) neste setor, especificamente em Miami, que é um dos principais destinos turísticos do mundo, há poucos donos negros de negócios turísticos na Flórida. Eu poderia contar nos dedos de uma mão quantos operadores de turismo conheci que realmente possuem um negócio aqui em Miami. Então, percebi que era necessária uma representação maior. Depois da pandemia, pude realmente colocar minha excursão sobre a história negra em destaque. E, com isso, além do meu principal *tour* de história negra, com todos os outros passeios que ofereço, eu realmente quero garantir que a história negra seja representada de alguma forma (E11, entrevista pessoal, 2025).

(...) como vamos à comunidade, a ideia também é contribuir para o desenvolvimento da economia comunitária....não fazemos uma visita tipo “invasão”. Os turistas participam de atividades orgânicas na comunidade, entram na livraria, participam de atividades no centro cultural, almoçam. É uma maneira de entrar numa comunidade com mais respeito. Também contribuímos com os negócios locais, repassamos parte dos valores do passeio para Projetos e pessoas necessitadas. Precisamos colaborar com a comunidade. (E7, entrevista pessoal, 2024)

(...) é a forma como a gente trabalha coletivamente. São 20 famílias que sobrevivem da Rota da Liberdade. (...) As falas estão alinhadas, a gente conta a nossa história, a gente não inventa. A gente mostra a nossa realidade. Então, todas as pessoas que vão para a comunidade, alunos, estrangeiros, famílias, nós mostramos nossos saberes e fazeres de uma forma muito coletiva. Então, acho que a coletividade, eu acho que é o ponto forte mesmo, o ponto principal da gente (E3, entrevista pessoal, 2025).

As entrevistas nos possibilitaram visualizar quais critérios vêm sendo atingidos com maior facilidade pelos agentes turísticos e quais consistem em desafios para o setor, uma vez que aparecem em menor escala. Boas práticas como acessibilidade e sustentabilidade aparecem de forma isolada em alguns dos empreendimentos, mas já demonstram a preocupação do setor em oferecer o afroturismo para todos os públicos e respeitando o meio ambiente, como destacam os trechos das entrevistas abaixo.

Nós recebemos cadeirante, ganhamos uma cadeira chamada cadeira Juliete. Já ouviu falar? Uma cadeira de roda que ela só tem uma roda. Ela é adaptada para fazer trilha. Essa Juliete, ela é conduzida por dois condutores. Também estamos preparados para receber o deficiente visual, conseguimos fazer uma trilha sensorial, por exemplo (E1, entrevista pessoal, 2025).

Do ponto de vista ambiental (...) durante as nossas atividades, a gente tentava, né, estratégias de não geração de lixo (...) até porque a gente levava isso na nossa narrativa também, né, que era um negócio sustentável, de todo todos os jeitos possíveis da sustentabilidade. Mas principalmente foi tocando nessa questão dessa sustentabilidade sócio-cultura (...), dessa responsabilidade que a gente tinha com as pessoas que a gente tava trazendo para somar nas experiências que promovíamos (E2, entrevista pessoal, 2024).

Outros critérios como a capacidade de recepção de público internacional e conseguir ofertar uma maior quantidade de serviços ofertados de forma conjunta apareceram ainda menos nas falas dos nossos entrevistados. Em apenas um dos negócios, é possível encontrar uma experiência afroturística completa, incluindo passeios e atividades, hospedagem e gastronomia e que, ainda, tem capacidade para recepção do turismo internacional.

A Casa Congo, como estão vendo, é um hotel, um restaurante, um museu e um passeio afro-turístico. O meu pai e a minha avó são daqui de Portobelo. Eles viveram e compreendem a essência de ser negro no Panamá e a importância do que a cultura congoleza carrega, e que não pode morrer. É por isso que a represento. Fui estudar inglês na Irlanda, e esta experiência realmente faz a diferença no atendimento ao cliente.



Casa de la Cultura Congo, en Portobelo, Panamá. Foto: Jorge Jimenez.

Desta forma, salientamos que quanto mais critérios de boas práticas os empreendimentos afroturísticos conseguirem oferecer, mais a experiência será replicável em outros locais e sustentável.

Para finalizar este capítulo, é importante pontuar como alguns agentes afroturísticos estão inovando na oferta de experiências na área. Citamos um exemplo de prática que, se bem não faz parte dos critérios de sistematização e ainda está em vias de implementação, consideramos um avanço para o tratamento da diversidade no turismo. Uma das empresas entrevistadas, E4, anunciou a criação de uma experiência voltada especificamente para o público LGBTQI+ em seu catálogo de produtos. Na próxima seção, analisamos as boas práticas de forma quantitativa-qualitativa, buscando evidenciar as principais fortalezas e desafios do setor.

7. Boas práticas: o que dizem os dados

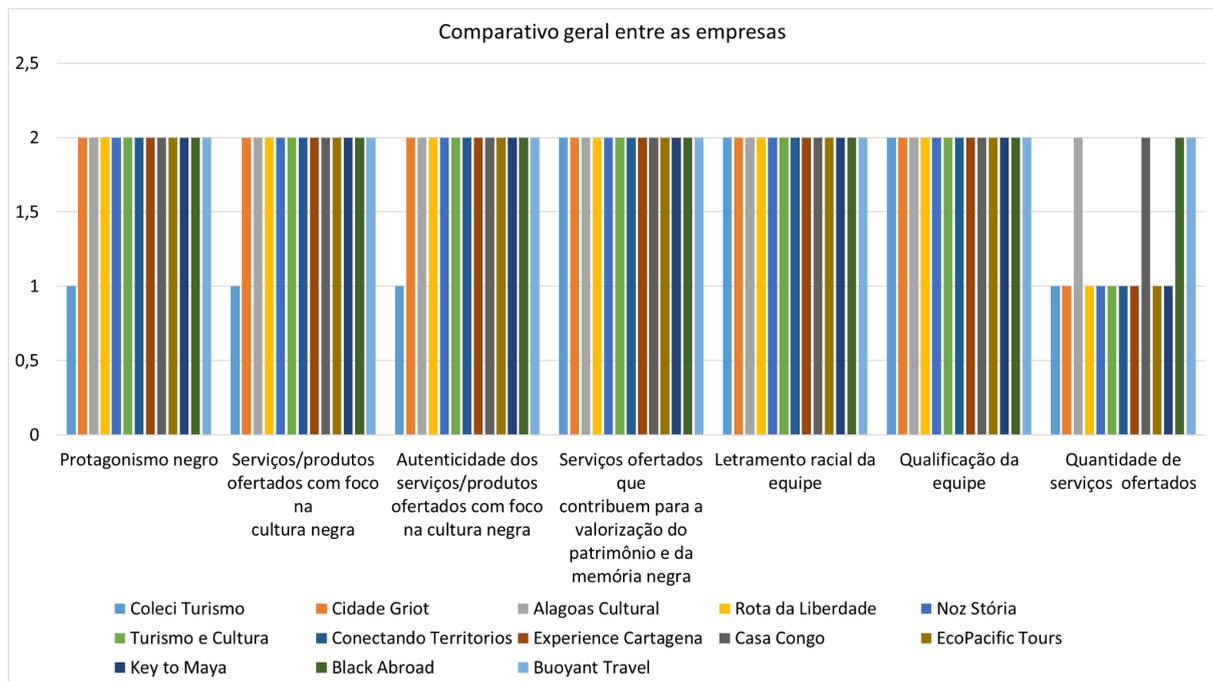
Neste capítulo, discutiremos as boas práticas a partir de dados oriundos das entrevistas com os agentes turísticos entrevistados, com uma visão quantitativa-qualitativa. O objetivo é evidenciar as práticas que já vem sendo encontradas no setor afroturístico brasileiro e relevar aquelas que ainda aparecem como desafios para a área. Assim, a partir dos 27 critérios de sistematização (ver página 38), escolhemos 11 deles, por terem aparecido em maior ou menor grau, durante as falas dos entrevistados e entrevistadas.

De um ponto de vista geral, podemos afirmar que as afroempreendedoras e afroempreendedores entrevistados cumprem a maior parte dos critérios que indicamos como boas práticas no afroturismo. Obviamente, isto se deve ao fato de que o cumprimento do maior número destes critérios foi um requisitos para a escolha intencional de quem seria entrevistado.

Apresentamos abaixo duas figuras (figura 1 e figura 2), a partir das quais é possível ter um panorama geral de como as 13 empresas estão desenvolvendo os critérios de sistematização de boas práticas em afroturismo apresentadas na p.38 deste Relatório.

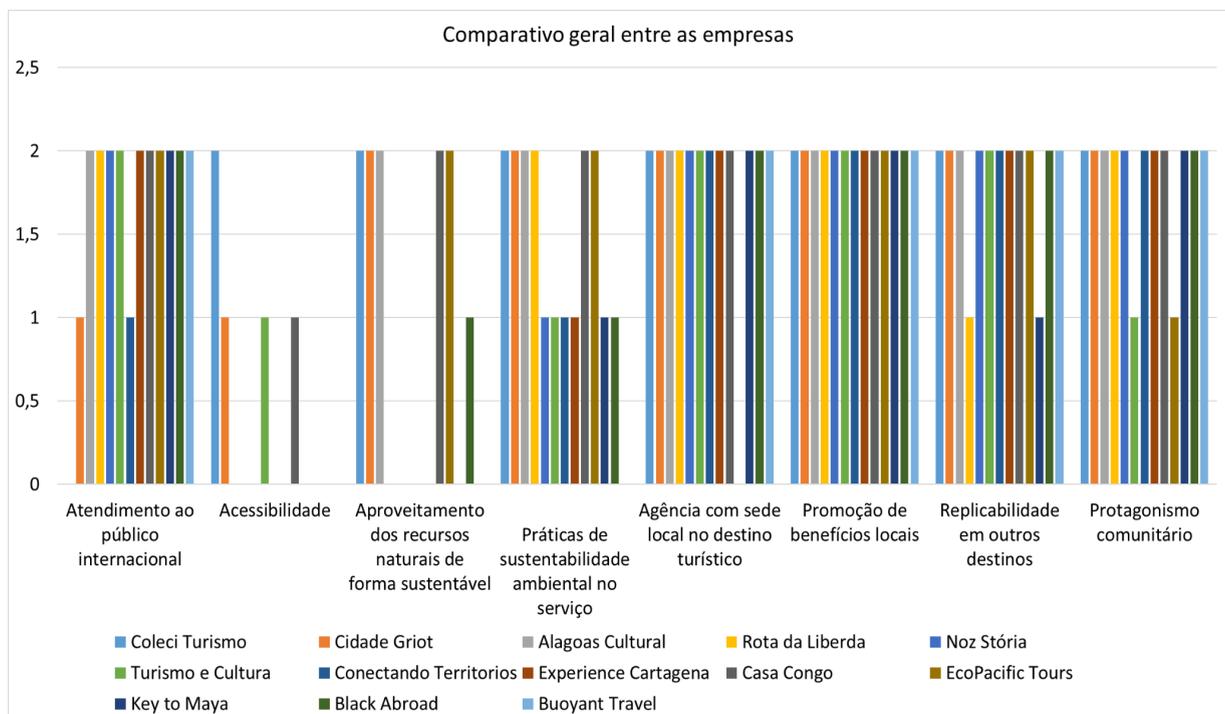
A partir destas imagens, podemos comparar o desenvolvimento de cada empresa em relação aos critérios analisados. Nas figuras, cada critério aparece em uma cor diferente e sua extensão indica se a empresa não oferta, oferta parcialmente ou totalmente determinado critério (ver a escala detalhadamente na página 38). As figuras abaixo nos permitem refletir sobre a quantidade de critérios atingida por cada empresa. Por exemplo, podemos citar como “Casa Congo”, empresa sediada em Portobello, Panamá, apresenta a maior quantidade de boas práticas, em seus máximos valores. Seguido pelas empresas *Buyoant Travel* e *Black Abroad*, dos Estados Unidos; *Alagoas Cultural* e *Cidade Griot*, no Brasil.

Figura 1. Comparativo geral entre as empresas



Fonte: Os autores/as

Figura 2. Comparativo geral entre as empresas

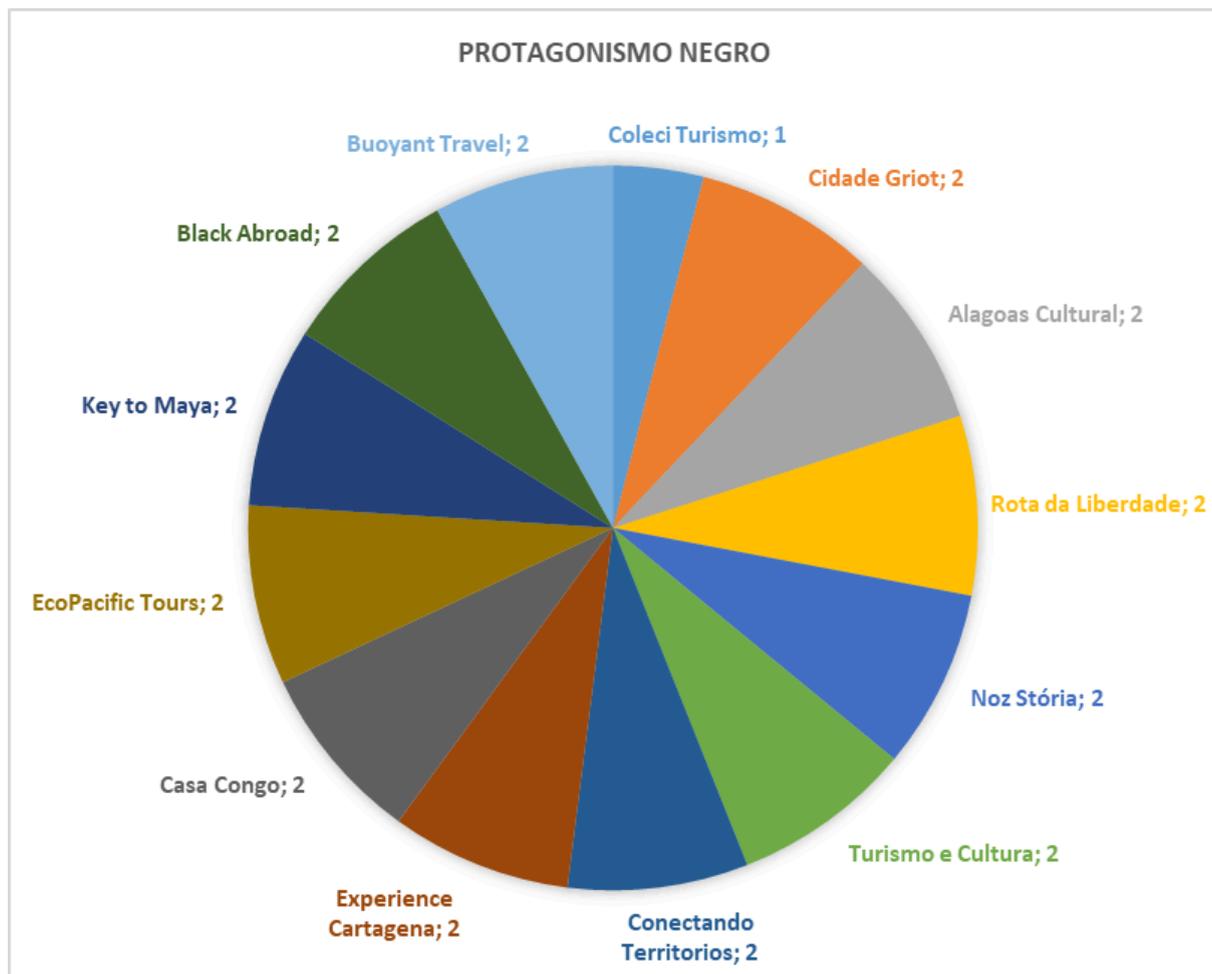


Fonte: Os autores/as

Percebe-se que alguns critérios se destacam, aparecendo na maior parte das experiências, como promoção de benefícios locais, agência com sede no destino, replicabilidade em outros destinos e protagonismo comunitário. Outros critérios, entretanto, têm uma menor taxa de incidência, como acessibilidade, aproveitamento dos recursos naturais e práticas de sustentabilidade ambiental.

Na figura três (3), o protagonismo negro aparece como critério presente nas 13 empresas. Cruz e Leoti (2023) detalham que o afroturismo deve ter como foco central a difusão da cultura negra e a africanidade. Assim, para esta atividade é obrigatório que este parâmetro esteja não apenas presente, mas que seja o fundamento do negócio. Entre as pessoas entrevistadas, apenas uma (1) não está completamente enfocada no afroturismo, aliando esta perspectiva ao turismo ecológico. Desta forma, esta empresa foi qualificada em uma posição intermediária. É importante destacar também que todos os afroempreendedores e afroempreendedoras são pessoas negras. Portanto, podemos inferir, de maneira geral, que entre os e as entrevistadas, as agências e negócios de afroturismo cumprem os requisitos de excelência para este parâmetro.

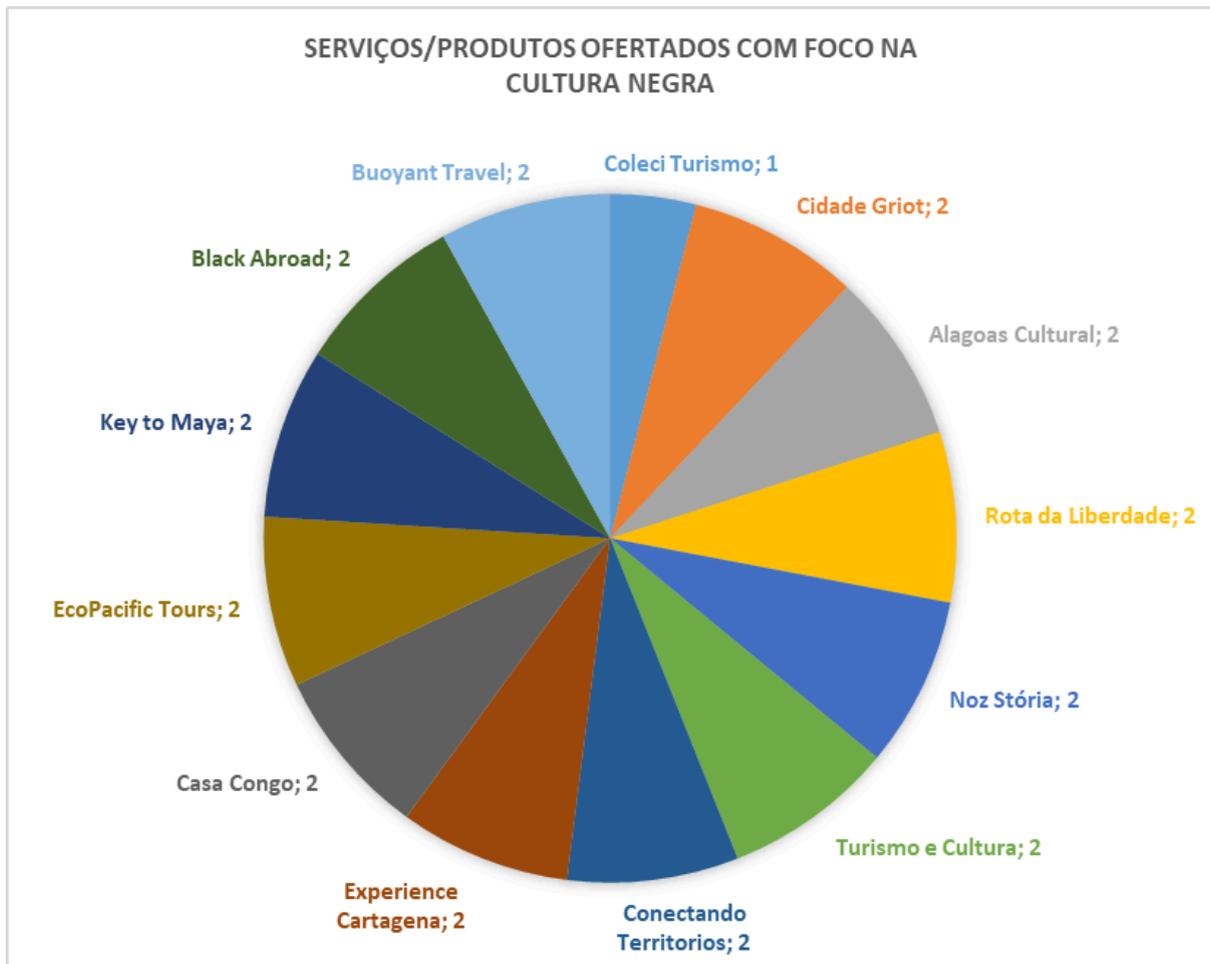
Figura 3. Protagonismo negro



Fonte: Os autores/as

A figura abaixo (4) nos ajuda a visualizar os produtos ofertados pelos entrevistados com foco na cultura negra. Temos que ressaltar que, segundo Sant'Anna (2019), em um artigo publicado no site Ministério do Turismo, a cultura afro-brasileira é um dos maiores atrativos turísticos do país. Isto demonstra a importância e relevância com que a cultura precisa ser apresentada no afroturismo. As entrevistas sobre o tema em questão dão conta de que doze (12) dos treze (13) entrevistados oferecem seus serviços 100% ao turismo afro, apenas a Coleci turismo integra afroturismo e turismo ecológico. Ainda assim, esta integração é assentada nas raízes ecológicas da cultura quilombola.

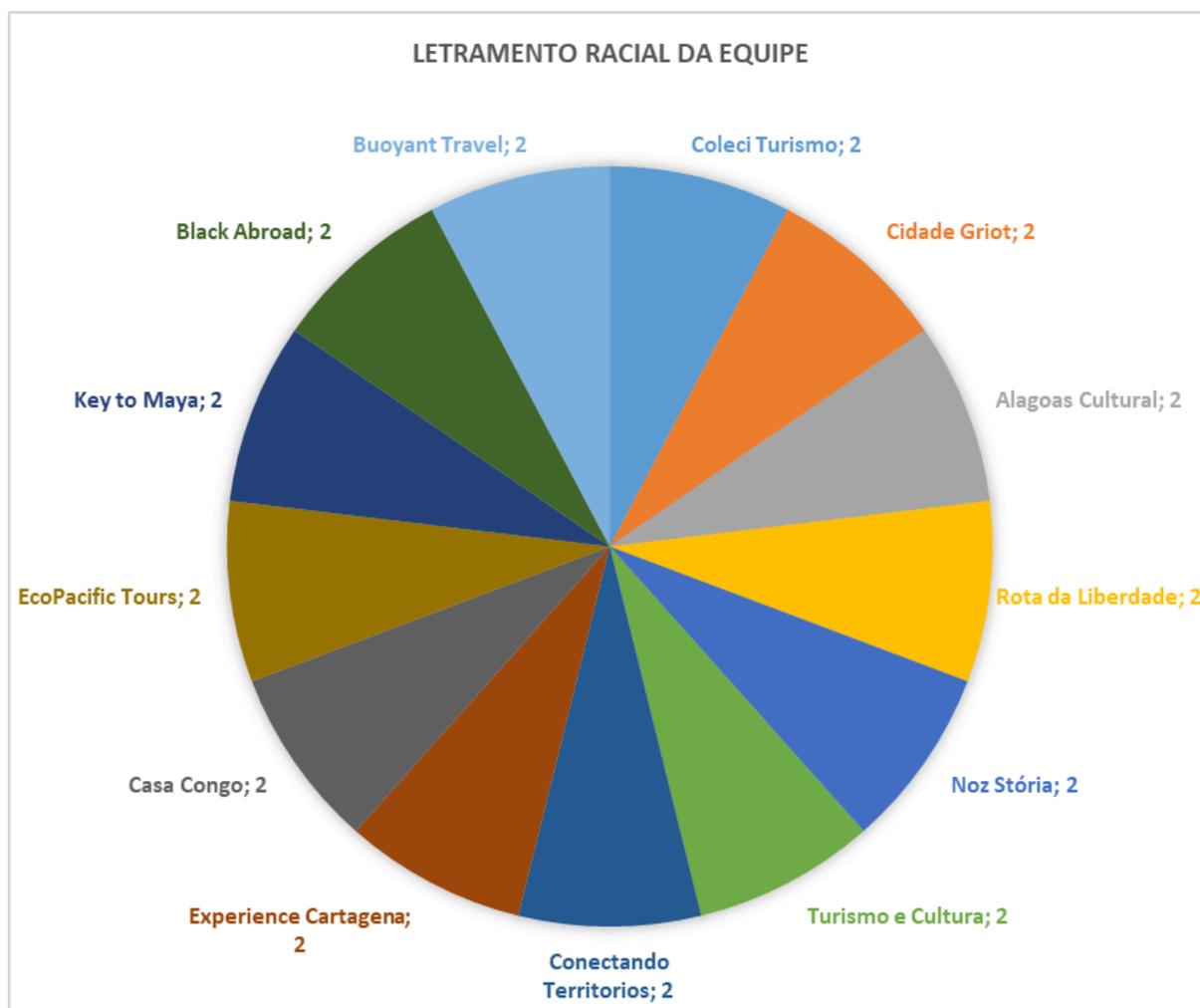
Figura 4. Serviços/produtos ofertados com foco na cultura negra



Fonte: Os autores/as

Outro critério imprescindível é o letramento racial, visualizado na figura abaixo (figura 5). Nesta figura, destacamos a importância do letramento racial, critério encontrado em todas as empresas selecionadas para esta pesquisa. Este aspecto corrobora o argumento de Godoi e Netto (2010), que afirmam que o conhecimento da história, do contexto e da memória afrodescendente é elemento essencial para o bom desenvolvimento da prática afroturística. A partir da revisão de literatura e da coleta dos dados, não é arriscado dizer que uma pessoa com formação em turismo, mas sem letramento racial, não possui os elementos básicos para desenvolver um roteiro afroturístico responsável, amigável e respeitoso com o turista afro.

Figura 5. Letramento racial da equipe

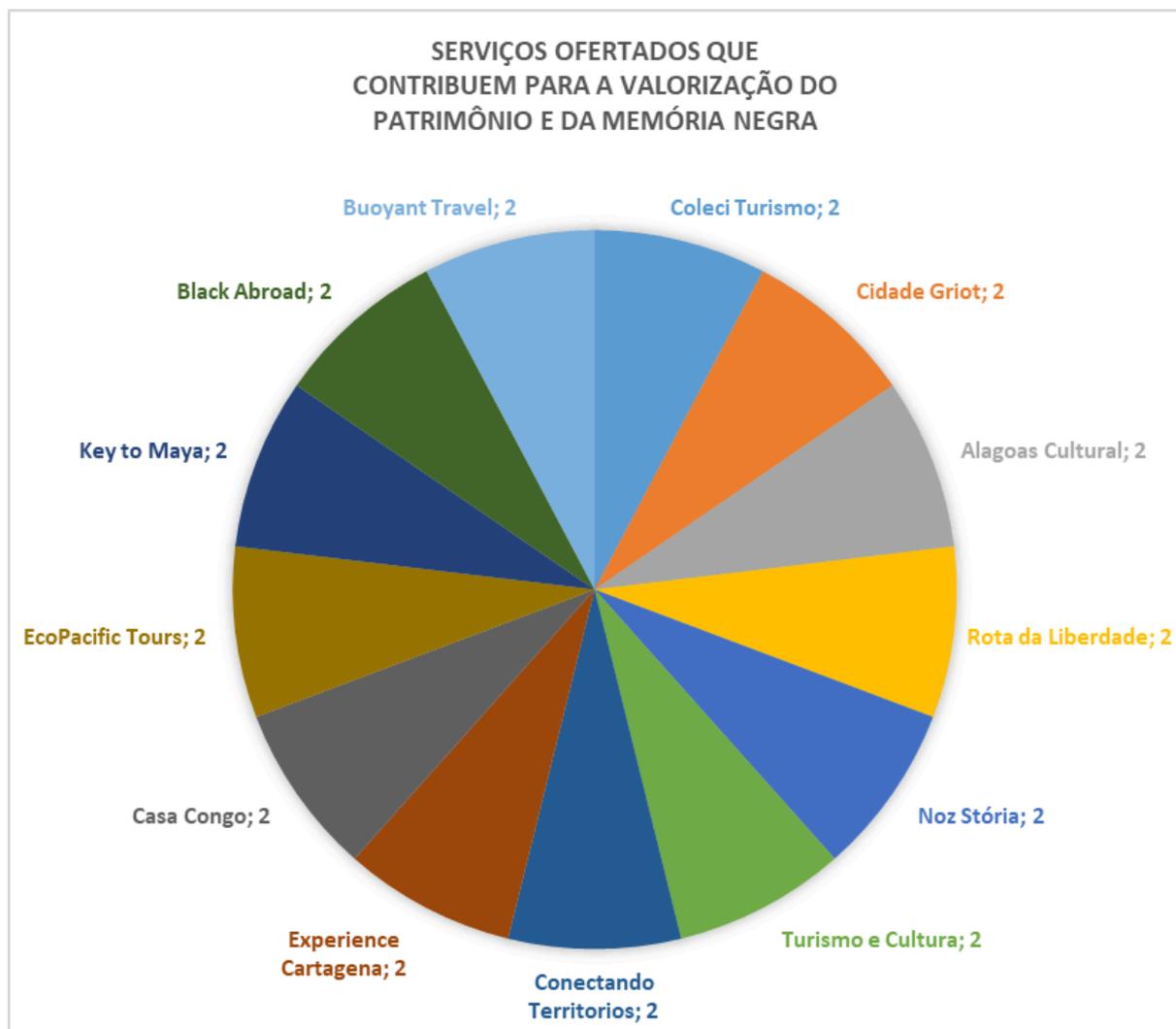


Fonte: Os autores/as

A partir da análise da figura 6, podemos concordar com a pesquisa de Oliveira (2020), que afirma que os afroempreendedores do setor do afroturismo, tanto no Brasil como em outros países, em seus passeios e/ou *tours* privilegiam o resgate da memória e a ancestralidade do povo negro. Santos e Coimbra de Sá (2021) também asseveram que o afroturismo tem como foco a valorização da cultura afro, resgatando histórias, ancestralidades e colocando pessoas negras como protagonistas, em contraste com a tradicional centralidade eurocêntrica. Em nossa pesquisa, encontramos uma forte valorização do patrimônio e da recuperação da memória coletiva negra por

parte dos treze entrevistados. Em outras palavras, 100% das empresas que foram parte deste trabalho estão comprometidas com um dos pilares centrais do afroturismo. Os afroempreendedores estão colaborando com a dignificação das comunidades negras ao redor do mundo, contrastando com o eurocentrismo, a iconografia negativa e a invisibilização sofrida pelos afrodescendentes ainda hoje.

Figura 6. Serviços ofertados que contribuem para a valorização do patrimônio e da memória negra

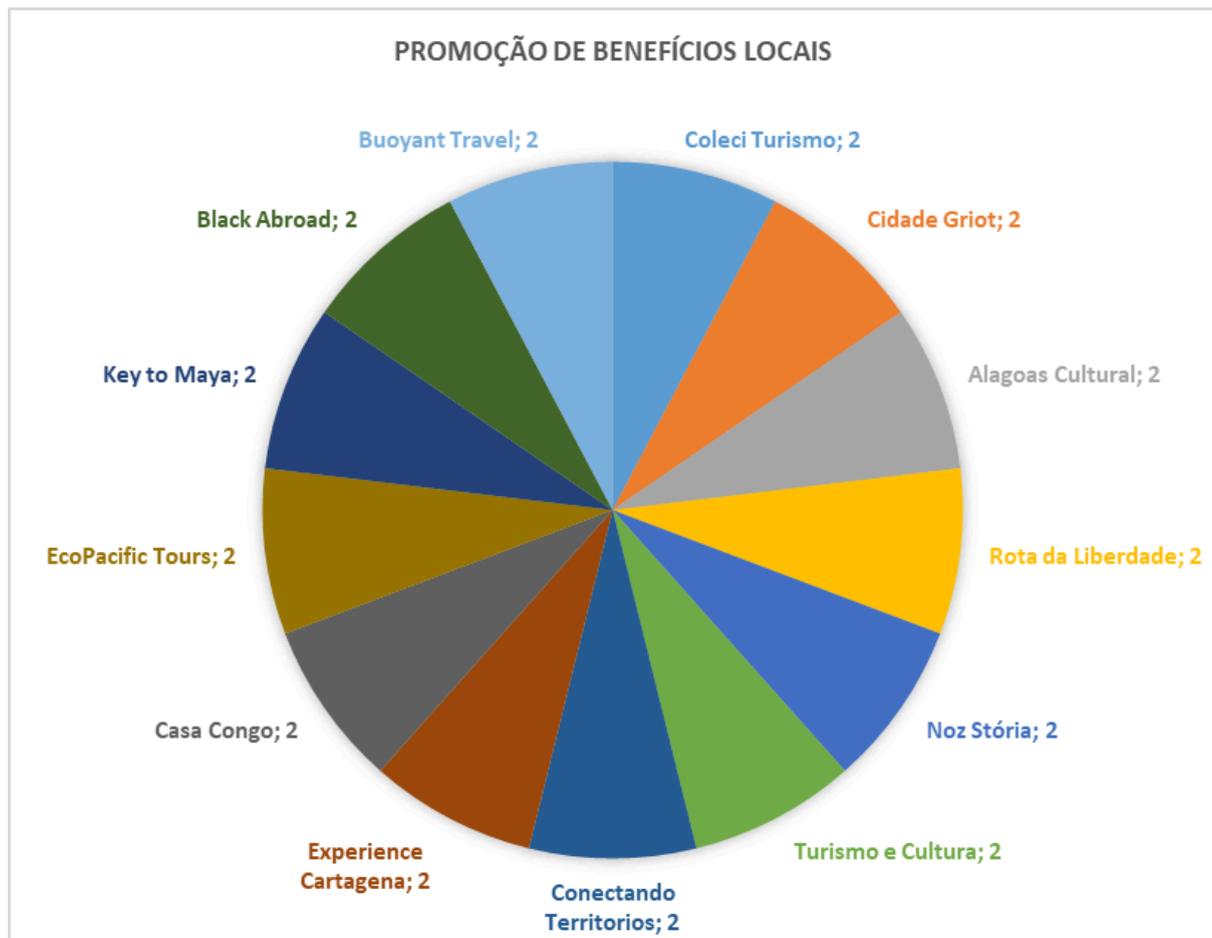


Fonte: Os autores/as

Na figura sete (7), podemos observar o grande impacto que o afroturismo está gerando nas comunidades nas quais é desenvolvido. Todas as entrevistadas e entrevistados demonstraram que suas atividades promovem benefícios locais, impactando toda a cadeia econômica de seus locais de atuação. Segundo Moreira e

Ferreira, (2024) o afroturismo e o turismo de base comunitário precisam beneficiar as comunidades envolvidas com geração de renda, empoderamento, protagonismo, valorização cultural, entre outros. Este resultado demonstra de forma positiva os verdadeiros alcances e conquistas do afroturismo nas comunidades negras, quilombolas, camponesas e religiosas da diáspora africana.

Figura 7. Promoção de benefícios locais



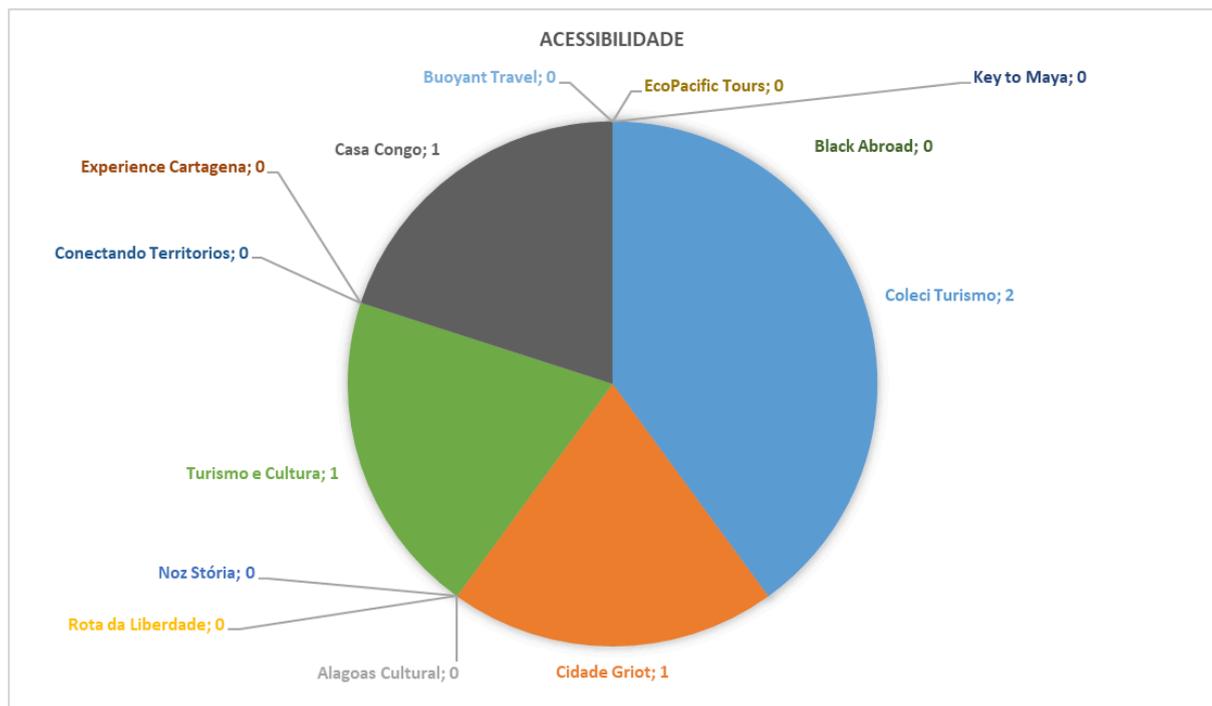
Fonte: Os autores/as

Pese a que vários critérios que podem ser considerados boas práticas tem sido atingidos pelos empreendedores entrevistados, um deles constitui um requisito que aparece, ainda, de forma muito incipiente: a acessibilidade. Na figura oito (8) podemos ver como apenas um dos agentes turísticos atinge o nível de excelência (indicado pelo número 2), outros três estão em posição intermediária (indicado pelo número 1) e a maioria não disponibiliza atendimento com acessibilidade (indicado

pelo número 0). O turismo, como atividade humana, tem que ser ofertado para cada indivíduo, independente de sua condição física motora. A Organização das Nações Unidas (ONU) (2007), por meio da Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, no Artigo 30, solicita que os países membros implementem ações de acessibilidade para pessoas deficientes em espaços esportivos, culturais e turísticos. O afroturismo, como atividade política e inclusiva, não pode se permitir a exclusão das pessoas com mobilidade reduzida, com deficiência visual ou auditiva, entre tantas outras.

Entretanto, é importante pontuar que a maior parte das agências e operadores/as turísticos de pessoas negras apenas estão atentos a esta questão. Muitos deles e delas relataram ter planos para projetos de acessibilidade no afroturismo. Contudo, também indicaram que a falta de políticas públicas e capacitação na área acabam dificultando que este requisito seja alcançado, principalmente pelos pequenos empreendedores. Dos três entrevistados que relataram dispor de algum tipo de atendimento acessível, se destacam: primeiro, Coleci Turismo (Brasil), que dispõe de uma cadeira especial para pessoas com pouca mobilidade, a cadeira de montanha Julietti. Com este equipamento, é possível garantir que pessoas cadeirantes ou com pouca mobilidade conheçam as belezas naturais da região do Quilombo Kalunga, em Cavalcante, por exemplo. A empresa também oferece trilhas sensoriais para pessoas com deficiência visual. Esta mesma possibilidade é oferecida pela empresa Cidade Griot, no Maranhão. Outra experiência de destaque é da Casa Congo de (Panamá), que apresenta a estrutura física de suas instalações sem barreiras arquitetônicas, facilitando a mobilidade para idosos, cadeirantes e deficientes visuais.

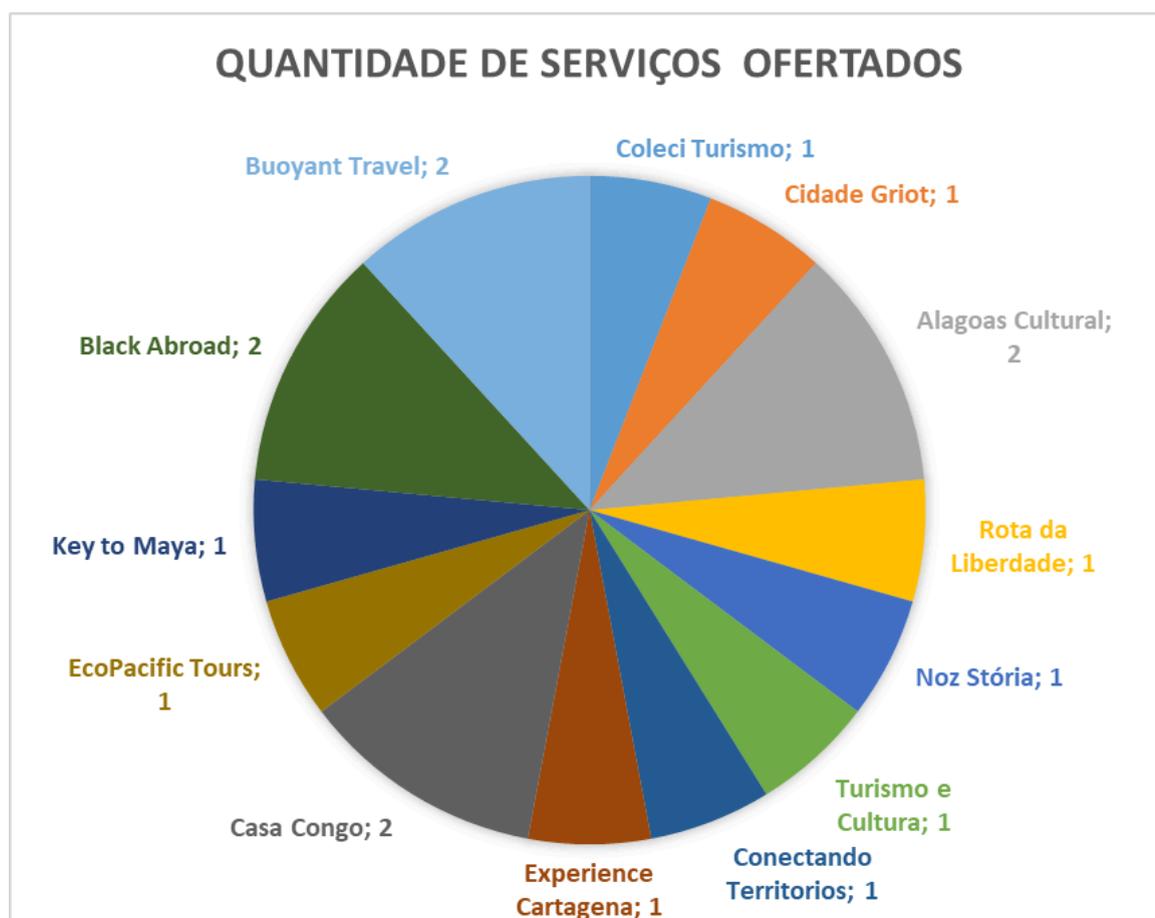
Figura 8. Acessibilidade



Fonte: Os autores/as

Na figura nove (9) é evidenciado como a maior parte dos negócios afroturísticos oferecem poucas opções de serviços. É importante lembrar que a maioria destes empreendimentos são recentes, ingressando em uma área em emergência e que muitos iniciaram seus negócios sem ter formação profissional neste campo. Esses fatores são determinantes na criação de roteiros, alianças estratégicas e prestação de diversos serviços para o bem-estar do turista. Santos (2018) assevera que o afroturismo está dinamizando uma economia circular ou *black money*, e é fundamental que todas as pessoas envolvidas neste negócio ampliem os serviços além da experiência/*tour* para outros campos como a hotelaria, gastronomia e as artes. Quanto mais completa é a experiência, maior a possibilidade de autonomia e sustentabilidade.

Figura 9. Quantidade de serviços ofertados



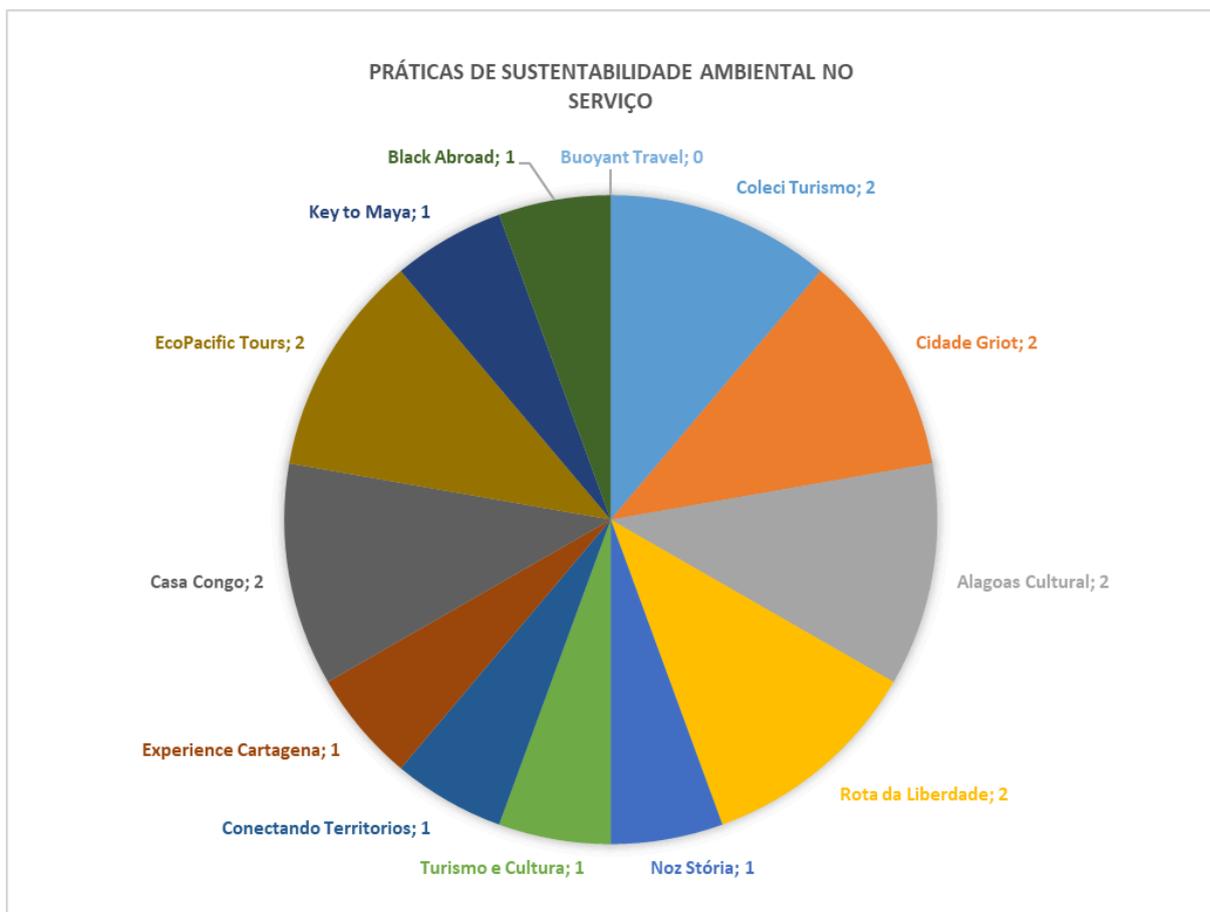
Fonte: Os autores/as

Dos treze entrevistados, ressaltamos a experiência de Casa Congo (Panamá). O empreendimento conta com hotel, restaurante, *tour*/passeios e galeria de arte; tudo representando a Cultura Congo. Desta mesma forma, *Black Abroad / Buoyant Travel* (dos Estados Unidos) apresentam uma ampla rede de colaboradores/aliados ao redor do mundo, através dos quais conseguem oferecer serviços diversos para as pessoas que os escolhem para as experiências. Por último, Alagoas Cultural (Brasil), agência que não está ativa atualmente, mas é referência no nordeste do Brasil, já ofereceu diversas experiências para um grande público nacional e internacional.

Na figura abaixo (10) analisamos como a sustentabilidade se apresenta nos empreendimentos de afroturismo. Numericamente, esta prática ainda está ausente

na maioria dos negócios. Seis (6) de treze (13) entrevistados já estão trabalhando na implementação de práticas amigáveis com o meio ambiente. Das treze (13) pessoas entrevistadas, seis (6) empresas têm como foco principal um afroturismo rural ou ecológico, no qual colocam em prática diversas iniciativas de sustentabilidade ambiental. As outras sete (7) empresas ou agências que mostram uma baixa qualificação em sustentabilidade ambiental se desempenham nas áreas urbanas. Isto nos indica que a responsabilidade ambiental parece ser uma tarefa vista como necessária apenas para os guias que oferecem serviços de *ecotours*, principalmente. Moreira e Ferreira (2024) demonstram como o turismo nos quilombos brasileiros são uma referência mundial em matéria de responsabilidade ambiental. Entre eles, se destaca o Quilombo Kalunga, em Goiás, com uma complexa rede de guias nativos que trabalham em parceria com as autoridades ambientais do Estado de Goiás.

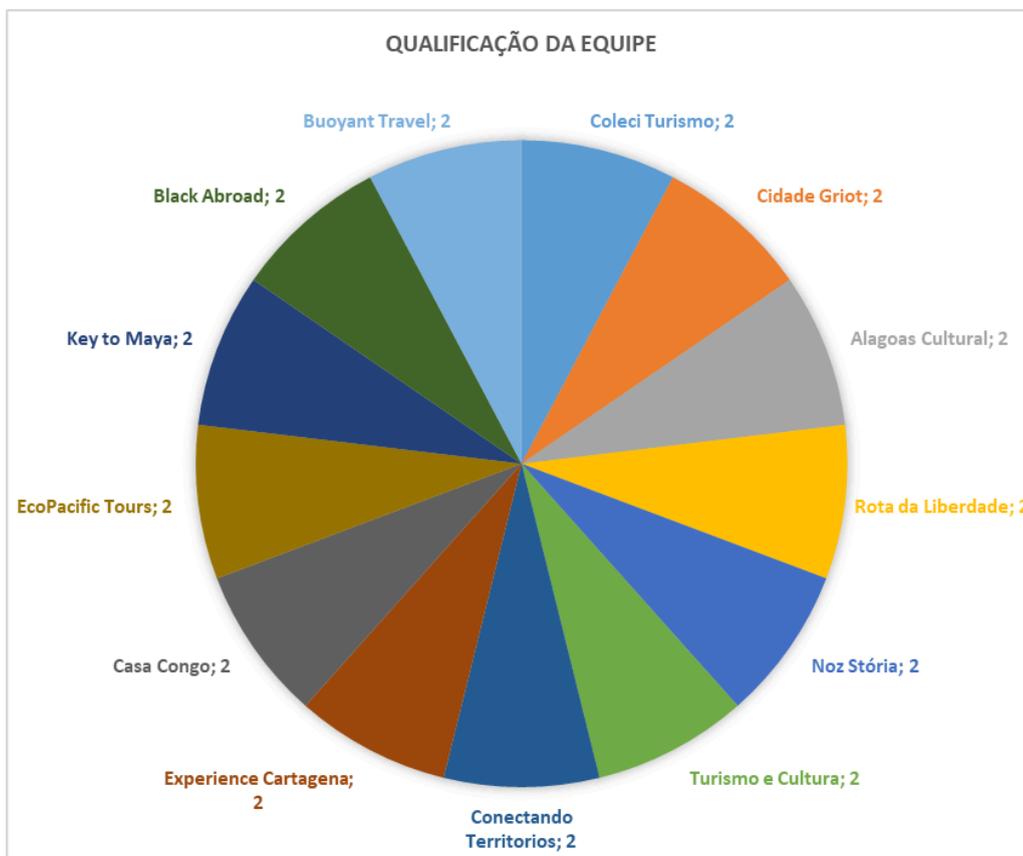
Figura 10. Práticas de sustentabilidade ambiental



Fonte: Os autores/as

A excelente formação étnica e educativa apresentada pelas equipes que conformam as agências de afroturismo entrevistadas pode ser visualizada na figura 10. O comprometimento, o profissionalismo e o sentido de pertencimento demonstrado foi perceptível em cada pessoa entrevistada nesta pesquisa. Todos os afroempreendedores e afroempreendedoras possuem formação em turismo ou em guia de turismo. A formação técnica aliada ao letramento racial constituem peças fundamentais para as boas práticas em afroturismo, como já mencionamos anteriormente. É importante ressaltar, mais uma vez, que o alto nível de qualificação demonstrada no gráfico está vinculado aos critérios de inclusão na pesquisa, que privilegiaram pessoas com experiência no setor de afroturismo. Por outro lado, é importante contrastar com as referências bibliográficas e as entrevistas, nas quais uma das dificuldades apontadas é a baixa oferta educativa para o desenvolvimento deste setor econômico.

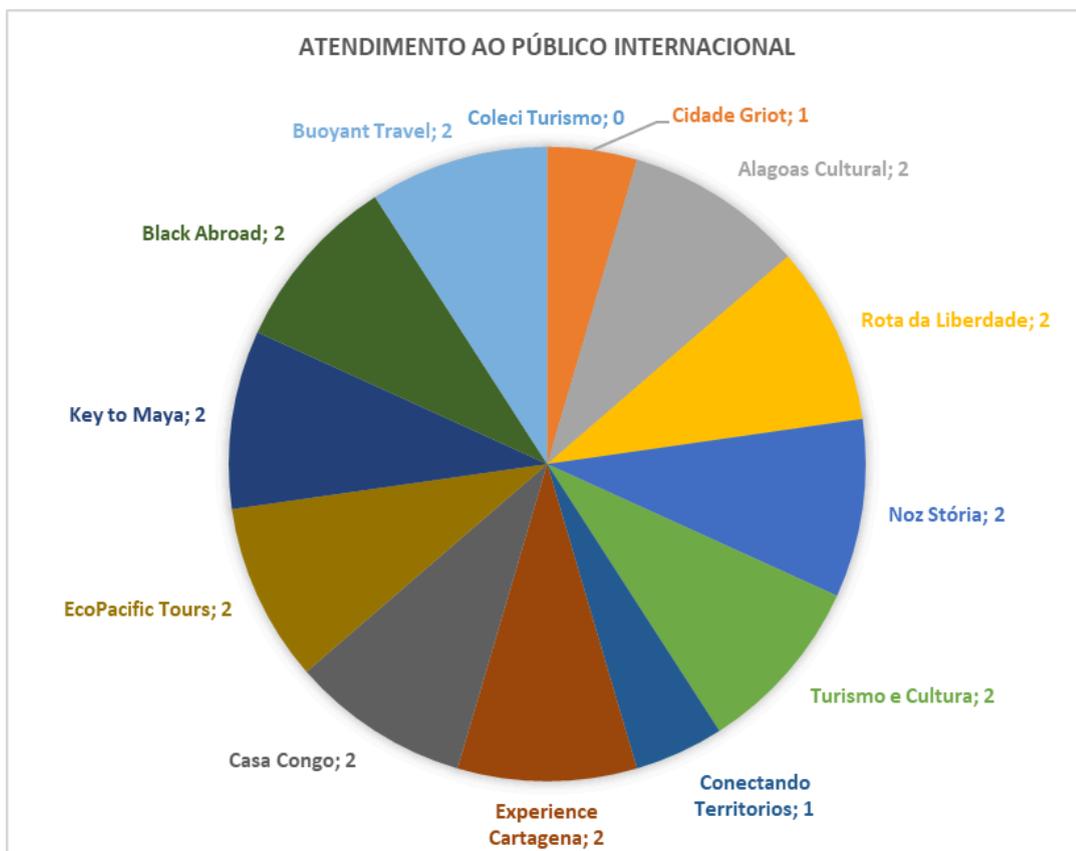
Figura 11. Qualificação da equipe



Fonte: Os autores/as

Muitos dos empreendedores/as do afroturismo que colaboraram nesta entrevista, apesar de estarem trabalhando com dedicação na preparação de roteiros para receber o público da diáspora e apresentarem boa qualificação em termos gerais, ainda não possuem domínio de idiomas para receber o público internacional. É importante pontuar como a falta de domínio de outra língua impacta consideravelmente o afroturismo. Muitas dessas agências contratam tradutores, entretanto na tradução parte da narrativa afrocentrada pode ser perdida. Por isso, é importante que sejam os próprios afroempreendedores que narrem as histórias, a partir de um ponto de vista com letramento racial. As experiências melhor qualificadas neste item foram encontradas nas agências estrangeiras como Casa Congo de Panamá, *Experience Real Cartagena*, *Eco Pacific Tour* da Colômbia, Noz Stória de Portugal. A este grupo também se juntam as empresas norte-americanas; *Key to Maya*, *Black Abroad* e *Buoyant Travel*.

Figura 12. Atendimento ao público internacional



Fonte: Os autores/as

A partir dos gráficos apresentados, conseguimos ter uma visão bastante ampla sobre as boas práticas que já vem sendo implementadas pelos empreendedores do afroturismo. Mas, sobretudo, é possível lançar um olhar para as práticas que ainda precisam ser reforçadas no seguimento: a acessibilidade, o aproveitamento dos recursos naturais, as práticas de sustentabilidade ambiental no serviço e a quantidade de serviços oferecidos. Outros critérios como ter um protocolo de comportamento do turista ou de atendimento do turista, como um documento formal, ainda não chegaram a ser implementados pelos empreendedores. Pese a que empresas como Noz Stória (Lisboa, Portugal) e Coleci Turismo (Cavalcante, Brasil) mencionaram que fornecem informações orais aos turistas sobre comportamentos considerados inadequados durante a experiência turística.

Nas conclusões, próxima seção, tentaremos fechar o percurso deste caminho, com o objetivo de fornecer elementos para que os agentes do afroturismo alcancem a excelência na atenção ao viajante afro-diaspórico no Brasil.

8. Conclusões e recomendações finais

A realização desta pesquisa foi um desafio que assumimos com responsabilidade e com o compromisso de contribuir com elementos que ajudem na massificação, com qualidade, do afroturismo no Brasil. Os resultados que apresentamos aqui são baseados em diversos dados, como fontes oficiais, fontes bibliográficas, visitas e acompanhamento de atividades afroturísticas em seus locais de atuação, entrevistas, etc. Entre as fontes consultadas para esta pesquisa, podemos citar:

- **Governo federal:** Ministério da Cultura, Ministério do Turismo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil, Ministério da Igualdade Racial, Embratur, Ministério da Integração e do desenvolvimento regional;
- **Governos estaduais:** Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, Governo do Estado de São Paulo, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG);
- **Governos municipais:** Prefeitura de Salvador, Prefeitura de São Paulo, Secretaria de Cultura de Cali;
- **Setor privado/ONGs:** SESC, SEBRAE, Preta Hub, Confederação Nacional de Municípios;
- **Organismos internacionais:** Patrimônio Cultural do Mercosul, Banco Interamericano de Desarrollo (BID), Barbados Ministry of Tourism and International Transport, California State University, ONU, Instituto Nacional de Estadística y Censos de Panamá, World Travel and Tourism Council (WTTC), Promotora de Turismo Internacional do Panamá (PROMTUR).

A partir desta ampla gama de fontes, é possível perceber como o afroturismo está movimentando a economia, criando alianças estratégicas entre afroempreendedores/as, promovendo dignificação da cultura negra, criando narrativas negras, diferentes do olhar linear eurocêntrico. No afroturismo, as pessoas negras são os protagonistas, roteiristas e diretoras de cada experiência turística desenvolvida. É uma atividade que nasceu negra e o objetivo é expandi-la, mantendo esta essência.

Segundo o Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2009), é possível marcar o ano de 2006, aproximadamente, como o marco do surgimento deste fenômeno social e econômico. Este negócio com raízes étnicas vem crescendo ano após ano. O grande número de pessoas que buscam experiências turísticas afrocentradas gera milhões de dólares para o setor. O Brasil aparece como um dos precursores desta prática e também como um dos melhores destinos, pois somos o país com maior população negra fora do continente africano.

Entretanto, há grandes desafios para a expansão do afroturismo no Brasil. Um dos problemas enfrentados está no âmbito da formação. Pese a que as pessoas entrevistadas nesta pesquisa possuem alto nível de formação, durante as entrevistas relataram que houve dificuldade para se capacitar no início das atividades. Neste contexto, é importante ressaltar que estes afroempreendedores, em sua maioria, já eram pessoas contavam com conhecimento em cultura negra, ou seja, já haviam passado por letramento racial, além de possuir reconhecimento dos territórios e sentimento de pertencimento. Estes elementos permitiram que pudessem dar o pontapé inicial a seus empreendimentos. Com o passar do tempo, a qualificação profissional se tornou uma exigência obrigatória para ter mais competências no setor. Eles relatam que a busca pelos conhecimentos não foi fácil, principalmente porque a formação turística geral não vê o afroturismo como um tema importante para ser mencionado. Além disso, ainda hoje, em termos de formação, percebemos que parte dos empreendedores não domina outros idiomas, portanto a recepção do público internacional se vê afetada por esta dificuldade.

A partir da revisão de literatura, no capítulo cinco (5), apresentamos uma proposta para um guia de boas práticas no afroturismo. É uma proposta ampla e que pode e deve ser melhorada, mas que, desde já, pode servir como base para que os afroempreendedores, educadores e educadoras, guias, secretarias de turismo e todas as pessoas interessadas comecem a refletir sobre parâmetros que podem transformar o Brasil no principal destino afroturístico do mundo. A partir desta proposta, buscamos, nas entrevistas, dados para desenhar um panorama do estado atual do afroturismo no país.

Além da revisão de literatura, é importante mencionar que nossa equipe de pesquisa se deslocou até as cidades colombianas de Cartagena, Cali e San Basilio de Palenque; e também à cidade de Portobelo, no Panamá. O objetivo destas visitas foi vivenciar *in loco* as dinâmicas cotidianas, os detalhes, que só podem ser percebidos na interação, no contato presencial. Foram dois destinos escolhidos intencionalmente por se destacarem no cenário do afroturismo internacional. Por fim, a terceira e última ferramenta foram as entrevistas semi-estruturadas com agências de turismo, guias e viajantes, com a qual conseguimos ressaltar a voz de quem faz o afroturismo.

Ao analisar as práticas de afroturismo e turismo étnico desenvolvidas internacional e nacionalmente, ressaltamos aquelas que se enquadram como boas e melhores práticas. Destacamos que as treze (13) agências selecionadas no Brasil, na Colômbia, nos Estados Unidos, em Portugal e no Panamá são referência no contexto mundial sobre as boas práticas em afroturismo. Apesar das limitações econômicas e logísticas já mencionadas no texto, estes afroempreendedores/as ressaltaram, a partir de suas vivências e experiências no setor, o que é necessário para alcançar padrões de excelência no afroturismo. Ressaltamos que, nestas experiências, a exotização da cultura negra não é uma constante, o que distingue estas práticas do turismo tradicional. O que se vê é o respeito pela história e cultura negra e africana. Também se destaca como o renascimento do pensamento pan-africanista nesta indústria pode fortalecer o ideal de circulação de dinheiro entre pessoas negras.

A partir das falas dos(as) agentes turísticos e das referências bibliográficas analisadas, foi possível visualizar como alguns dos critérios de boas práticas estão sendo colocados em práticas pelos agentes afroturísticos. Entre elas, destacamos: o manual de bom comportamento e respeito ao entorno sócio-ambiental que o turista precisa conhecer e cumprir antes de ingressar no Quilombo Kalunga, em Goiás; a implementação de acessibilidade para cadeirantes, na experiência ecológica ofertada por Coleci Turismo; o domínio da língua inglesa por toda a equipe de *Real Experience Cartagena*; a promoção de benefícios locais que a Rota da Liberdade do Quilombo Koange proporciona; a quantidade e qualidade de serviços que a Casa Congo apresenta em seu espaço físico e, por último, destacamos a rede mundial de operadores afroturísticos que as três (3) agências dos Estados Unidos oferecem para centralizar a movimentação dos principais viajantes negros do mundo, os afro-norte americanos.

Nesta pesquisa, também ressaltamos como os conceitos de afroturismo e turismo étnico aparecem, muitas vezes como sinônimos. Ainda lançamos um olhar panorâmico pelo contexto histórico e as tendências deste turismo na Europa, África e América. Entre os achados mais relevantes, destacamos a importância do afroturismo em países como Cuba, Barbados, Colômbia, Tanzânia, Estados Unidos, Egito e França, onde o turismo contribui, anualmente, com uma importante porcentagem no Produto Interno Bruto (PIB). Por outro lado, neste trabalho também destacamos os modelos exitosos e inovadores do afroturismo no mundo, como Colômbia e Panamá, países que são referência na região em afroturismo. Atualmente, a Colômbia aparece como o melhor destino afroturístico do mundo. Já o Panamá apresenta uma parceria exemplar entre operadores do afroturismo e o Ministério do Turismo Nacional.

Por fim, entre os desafios apresentados pelos entrevistados e entrevistadas, apontamos os principais: necessidade de material bibliográfico e formação sobre o tema; visibilização; apoio econômico; capacitações profissionais em lugares afastados dos grandes centros urbanos; e melhoria da infraestrutura viária nas

zonas rurais. Uma vez vencidos estes desafios, certamente os afroempreendedores terão condições de competir com as grandes e tradicionais agências turísticas.

9. Referências bibliográficas consultadas

A história perto de nós: Quilombo da Pedra do Sal – Notícia Preta. Disponível em: <<https://noticiapreta.com.br/a-historia-perto-de-nos-quilombo-da-pedra-do-sal/>> Acesso em: 22 out. 2024.

ACKLIN, Trinity. Creole Culture in New Orleans, Louisiana. **CALIFORNIA STATE UNIVERSITY, Northridge**. Disponível em: <<https://library.csun.edu/sca/peek-stacks/creole>>. Acesso em: 18 out. 2024.

A GREAT Leader is born. **NATIONAL PARK SERVICE**. Disponível em: <<https://www.nps.gov/malu/index.htm>>. Acesso em: 20 out. 2024.

ALMEIDA, ELISANGELA. Pequena Africa: lugar de luta contra a escravidão no Porto. **Jornal da PUC**. Disponível em: <<http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5334&sid=24>> Acesso em: 22 out. 2024.

ANDRADE, V. d. A. (2020). O porto da memória: Cais do Valongo, região portuária do Rio de Janeiro e a memória da escravidão nas reformas Pereira Passos e olímpica. 2020. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) — **Fundação Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro, 2020.

ARAÚJO DE OLIVEIRA, N. Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra : Afro-entrepreneurship in tourism, racial inequality and strengthening of black identity. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 42–63, 2020. DOI: 10.21680/2357-8211.2021v9n1ID22322. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/22322>>. Acesso em: 22 out. 2024.

ARGYRIADIS, Kali. El desarrollo del turismo religioso en La Habana y la acusación de mercantilismo. **Desacatos**, n. 18, p. 29–52, 2005.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricity. In: **Routledge handbook of pan-Africanism**. Routledge, 2020. p. 147–158.

ASANTE, Molefi Kete. The afrocentric idea. **African American communication & identities: Essential readings**, p. 16–28, 2004.

AZEVEDO, Debora. Revisão de literatura, referencial teórico, fundamentação teórica e framework conceitual em pesquisa–diferenças e propósitos. **Working paper**, 2016.

BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO BID. Riqueza afrodescendente: una inversión en talento. Disponível em: <<https://blogs.iadb.org/igualdad/es/riqueza-afrodescendente-una-inversion-en-talento/>>. Acesso em: 20 out. 2024.

BARBADOS MINISTRY OF TOURISM AND INTERNATIONAL TRANSPORT. **Governo de Barbados**. Disponível em: <<https://www.tourism.gov.bb/history>>. Acesso em: 21 de out. 2024

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: **Edições 70**. 2009.

BID, melhorando vidas. AFROTURISMO: porque ele é tão relevante. Disponível em: <<https://blogs.iadb.org/brasil/pt-br/afroturismo-porque-ele-e-tao-relevante/>>. Acesso em 23 de outubro de 2024.

BITONGA TRAVEL. *Vamos falar de Afroturismo? A Rota dos Quilombos – MG*. 14 jan. **Bitonga Travel**. 2021. Disponível em: <<https://www.site-antigo.bitongatravel.com.br/destaques/vamos-falar-de-afroturismo-a-rota-dos-quilombos-mg/>>. Acesso em: 25 out. 2024.

BOAS práticas em processo e defesa civil. **Ministério da Integração e do desenvolvimento regional**. 2021. Disponível em <<https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/protecao-e-defesa-civil/boas-praticas>> Acesso em: 20 out. 2024.

BERMÚDEZ, Yuliana Valencia. Turistas Afro, descubren cuál es la magia de las bibliotecas en el oriente de la ciudad. **Secretaria de Turismo Cali**. Disponível em: <<https://www.cali.gov.co/cultura/publicaciones/139051/turistas-afro-descubren-cual-es-la-magia-de-las-bibliotecas-en-el-oriente-de-la-ciudad/>>. Acesso em: de nov de 2024.

BOLETIM de tendência janeiro-fevereiro/ 2020 – Afroturismo. **Sebrae**, 2020. Disponível em <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/991affafaf632b27f0127d013a34c1f5/\\$File/31461.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/991affafaf632b27f0127d013a34c1f5/$File/31461.pdf)> Acesso em 20 de outubro de 2024.

BRASIL. *Pardos são maioria da população brasileira pela primeira vez, indica IBGE*. Brasília: **Secretaria de Comunicação Social**, 19 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/12/pardos-sao-maioria-da-populacao-brasileira-pela-primeira-vez-indica-ibge>>. Acesso em: 25 out. 2024.

BRASIL, Ministério do Turismo. Índice de Competitividade do Turismo Nacional: relatório Brasil 2015. **Ministério do Turismo**. Brasília, DF: 1-84, 2015. Recuperado de <http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Relatorio_Brasil_2015_WEB.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2024.

BRASIL, Ministério da Igualdade Racial. Relatório Ações e políticas do primeiro ano do primeiro ministério da igualdade racial do Brasil. **Ministério da Igualdade Racial**. 2023. Disponível em <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/copy2_of_noticias/MIR_RELATORIO_ACOES_POLITICAS2.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2024.

BRASIL, Ministério do Turismo. Boas práticas em turismo 2015. **Ministério do Turismo**. Brasília, DF. Recuperado de <http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Boas_Praticas_2015.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2006-06991-002>>. Acesso em: 01/11/2024.

CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. 02, p. 551-572, 2021.

CAIS do Valongo-Rio de Janeiro. **IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>>. Acesso em: 24 Out. 2024.

CASTRO, Maria Fernanda Rodrigues de. O afroturismo em Ouro Preto-MG: um novo olhar sobre a história, cultura e tradições negras. 2023. Monografia (Bacharelado em Turismo) — **Universidade Federal de Ouro Preto**, Escola de Direito, Turismo e Museologia, Departamento de Turismo, Ouro Preto, 2023.

CLARK, C. .; ALMEIDA , I. C. A. de .; FERREIRA, J. C. G. de S. .; SILVA, W. L. B. da . Property and landscape under prep: a case study in the community of Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 6, p. e22811628763, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i6.28763. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28763>. Acesso em: 25 oct. 2024.

COLES, T.; TIMOTHY, D. “My field is the world”: conceptualizing diasporas, travel and tourism. In: COLES, T.; TIMOTHY, D. (Org.). **Tourism, diasporas and space**. London: Routledge, 2004. p. 1-17. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/77223433.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2020.

CORIOLOANO-MARINUS, Maria Wanderleya de Lavor et al. Comunicação nas práticas em saúde: revisão integrativa da literatura. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 4, p. 1356-1369, 2014.

DA SILVA, Manuela Ramos; DE SOUZA BARBOSA, Marcos Antônio; LIMA, Lucas Gabriel Bezerra. Usos e possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos em Administração: explorando a análise temática. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 14, n. 1, p. 111-123, 2020.

DA SILVA, José Julião. Turismo em Moçambique: oportunidades, desafios e riscos. **AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v. 03, n. 03, out. 2019.

DE LUCA, Adriana. Maior feira de turismo da América Latina reúne profissionais do setor em São Paulo. **CNN BRASIL**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/maior-feira-de-turismo-da-america-latina-reune-profissionais-do-setor-em-sao-paulo>. Acesso em: 20 out. 2024.

DE FARIAS, João Paulo Bloch; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; SANTOS, Letícia Cassiano. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n. 2, 2021

DE OLIVEIRA, Fabiana Luci. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 2, p. 133-143, 2015.

DIAS, Guilherme (2018). O que é Black Money? **Guia Negro**. Disponível em <https://guianegro.com.br/o-que-e-blackmoney/> Acesso em 25/10/2021.

DOS SANTOS, Joice; DE SÁ, Natália Silva Coimbra. A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in) visibilidade no turismo: The black woman traveler: experiences and strategies to combat their (in) visibility in tourism. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 9, n. 2, p. 252-269, 2021.

DOS SANTOS, M. P. N. (2017). Projeto Sabura: dez anos a ultrapassar barreiras e a quebrar estigmas no bairro do alto da cova da moura (BACM). **Revista de Urbanismo**, 36, 63-81. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5354/0717-5051.2017.44965> .

EL SECTOR de viajes y turismo contribuirá con 19.2 mil millones de dólares al PIB de Colombia durante 2024: **WTTC**, 2024. Disponível em: <https://wttc.org/news-article/el-sector-de-viajes-y-turismo-contribuira-con-19-2-mil-millones-de-dolares-al-pib-de-colombia-durante-2024-wttc#:~:text=Una%20>

[mirada%20retrospectiva%20al%202023&text=De%20esta%20forma%2C%20el%20sector,17.8%20mil%20millones%20de%20d%C3%B3lares>](#). Acesso em: 19 out. 2024.

EMBRATUR impulsiona mais de 70 mil assentos em voos internacionais para o Brasil pelo PATI. **EMBRATUR**. Disponível em: <https://embratur.com.br/2024/06/11/embratur-impulsiona-mais-de-70-mil-assentos-em-voos-internacionais-para-o-brasil-pelo-pati/>. Acesso em: 18 out. 2024.

EZEQUIAS, José Eduardo; ALBERTO, Manuel Kamuenho. Turismo em Angola: Recursos turísticos da Província do Cuando Cubango–Identificação e potencial. **TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible**, v. 11, n. 25, p. 28, 2018.

EXPRESSO DAS ILHAS, LUSA. Número de turistas em Cabo Verde aumentou 52,6% no primeiro trimestre. **EXPRESSO DAS ILHAS**. 2023. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/economia/2023/06/12/numero-de-turistas-em-cabo-verde-aumentou-526-no-primeiro-trimestre/86252>>. Acesso em: 5 nov. 2024.

FIGUEIREDO, CAROLINE. Salvador cria roteiros de afroturismo e conecta ancestralidade. **DIÁRIO DO TURISMO**. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/salvador-cria-roteiros-de-afroturismo-e-conecta-ancestralidade/>>. Acesso em: 21 out. 2024.

FUTURI. Manual de boas práticas para a sustentabilidade no turismo. **Futuri**. 2022. Recuperado de https://futuribrasil.com/wp-content/uploads/2022/07/Manual-de-Boas-Praticas_Futuri.pdf> . Acesso em 01 novembro de 2024.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989. cap. 1, p. 15-54.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995.

GÓMEZ, Licsa. Colombia fue elegido como el mejor destino turístico afro del mundo. **INFOBAE**, 2024. Disponível em: <https://www.infobae.com/colombia/2024/04/26/colombia-fue-elegido-como-el-mejor-destino-turistico-afro-del-mundo/>>. Acesso em: 20 out. 2024.

GUERRERO, Ana Lía; ESPASA, Loreana C. Valorización turística de la identidad africana en Trinidad (Cuba) desde un enfoque multiescalar. **Revista de Turismo e Identidad**, v. 1, n. 1, p. 75-96, 2020.

HENRIQUE, Lucas. Caminhada Olinda Negra revela novas narrativas do centro histórico. **Guia Negro**. 26 ago. 2022. Afroturismo. Disponível em:

<<https://guianegro.com.br/caminhada-olinda-negra-revela-novas-narrativas-do-centro-historico>>/. Acesso em: 25 out. 2024

HISTÓRICO: Festival feira preta 2024 quebra recordes de público e alcance. **Preta Hub**, 17 maio de 2024. Disponível em:

<<https://pretahub.com/historico-festival-feira-preta-2024-quebra-recordes-de-publico-e-alcance/#:~:text=O%20Festival%20Feira%20Preta%202024%20atraiu%20mais%20de%2060%20mil,seus%2022%20anos%20de%20hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 25 out. 2024.

IGLESIAS, Marcus. Território da ancestralidade africana, Nação Xambá é patrimônio vivo de Pernambuco. **Notícias.PE**, 03 dez. 2018. Cultura popular e artesanato. Disponível em:

<<https://www.cultura.pe.gov.br/territorio-da-ancestralidade-africana-nacao-xamba-a-e-patrimonio-vivo-de-pernambuco>>/. Acesso em: 25 out. 2024.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO ESTADUAL CULTURAL. Pedra do sal. **INEPAC**. Disponível em:

<http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/20>. Acesso em: 23 Out. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INEC). **Censo Nacional de Población y de Vivienda**. Ciudad de Panamá, 2023.

KAROKI, Auralia W. **A critical analysis of domestic tourism promotion in Kenya**. 2011. Tese de Doutorado. University of Nairobi.

KING, B. (1994). What is ethnic tourism? An Australian perspective. **Tourism management**, 15(3), 173-176.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LOBO, Andréa. ÁFRICA... MAS NÃO MUITO! TURISMO E AFRICANIDADE EM CABO VERDE. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 08, n. 03, p. 943-972, set.-dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752017v838>>. Acesso em: 22 out. 2024.

MACCANNELL, D. **The Tourist: A New Theory of the Leisure Class**. Berkeley: University of California Press, 1992.

MANUAL de boas práticas para projetos de turismo de base comunitária.

SEBRAE/MS, 2024. Disponível em: <

<https://ecoturismo.sebrae.com.br/storage/midiateca/documentos-1725399007-461.pdf>> Acesso em 01 de novembro de 2024.

MARGINSON, Simon. Higher education, economic inequality and social mobility: Implications for emerging East Asia. **International Journal of Educational Development**, v. 63, p. 4-11, 2018.

MELHORES práticas em ecoturismo. Instituto **ECOBRAZIL**, 2024. Disponível em: <<http://www.ecobrasil.provisorio.ws/?id=852:snuc-texto&catid=4>>. Acesso em: 19, out, 2024.

MENSAGEM do PR Koão Lourenço aos novos responsáveis do turismo e cultura, em cerimónia esta manhã no palácio presidencial da Cidade Alta em Luanda. **JORNAL FACTOS DE ANGOLA**, 1 abr. 2024. Disponível em: <<https://factosdeangola.com/2024/04/01/mensagem-do-pr-joao-lourenco-aos-novos-responsaveis-do-turismo-e-cultura-em-cerimonia-esta-manha-no-palacio-pr-esidencial-da-cidade-alta-em-luanda/>>. Acesso em: 25 out. 2024.

MOREIRA, Uilce Edeltrudes; FERREIRA, Lara Cristine Gomes. O turismo de base comunitária no território Kalunga: um olhar para a Comunidade Quilombola Vão do Moleque, no município de Cavalcante-GO: Community-based tourism in the Kalunga territory: a look at the Quilombola Community Vão do Moleque, in the municipality of Cavalcante-GO. **Élisée-Revista de Geografia da UEG**, v. 13, n. 01, p. e1312406-e1312406, 2024.

OFICINA DE INFORMACIÓN DIPLOMÁTICA FICHA PAÍS BARBADOS.

Exteriores.gob.es. Disponível em:

<https://www.exteriores.gob.es/documents/fichaspais/barbados_ficha%20pais.pdf>
Acesso em: 18 out. 2024.

OFICINA DE INFORMACIÓN DIPLOMÁTICA FICHA PAÍS CUBA. **Exteriores.gob.es**.

Disponível em:

<https://www.exteriores.gob.es/documents/fichaspais/cuba_ficha%20pais.pdf>.
Acesso em: 24 out. 2024.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Turismo diaspórico, teste de DNA e *cozinhas*: experiência gastronômica de consumidores de uma agência de turismo afrocentrada. **Âgora** (St. Cruz Sul, Online), v.23, n.1, p. 99-114, janeiro-junho, 2021. ISSN 1982-6737.

ONU. **Derechos humanos de las personas con discapacidad: La Convención Internacional de las Naciones Unidas**. Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007.

ONU busca combater o racismo e resgatar a importância dos afrodescendentes.

GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/onu-busca-combater-o-racismo-e-resgatar-importancia-dos-afrodescendentes/>>. Acesso em: 21 out. 2024.

PAIVA, Ana Júlia. Caminhada São Paulo Negra resgata memória da diáspora africana no centro da cidade. **Educação e Território**. Disponível em: <<https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/caminhada-sao-paulo-negra-resgata-memoria-da-diaspora-africana-no-centro-da-cidade/>>. Acesso em: 5 nov. 2024.

PALESTRA DE LANÇAMENTO DOS ROTEIROS DE VIAGEM 'DO KONGO AO VALONGO' ACONTECE NESTA QUINTA-FEIRA (25). **UNIRIO**, 25 maio 2023. Disponível em: <<https://www.unirio.br/news/palestra-de-lancamento-dos-roteiros-de-viagem-do-kongo-ao-valongo-acontece-nesta-quinta-feira-25>>. Acesso em: 28 out. 2024.

PASSADOS PRESENTES. Disponível em: <http://passadospresentes.com.br/site/Site/index.php>. Acesso em: 22 out. 2024.

PAWLOWSKI, Charlotte Skau et al. Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview. **PloS one**, v. 11, n. 2, p. e0148786, 2016.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano. Using research in evidence-based nursing practice. **Essentials of nursing research. Methods, appraisal and utilization. Philadelphia (USA): Lippincott Williams & Wilkins**, v. 12, p. 457-94, 2006.

PROMOCIÓN INTERNACIONAL TURÍSTICA DE PANAMÁ (PROMTUR). Celebrando la Cultura Negra de Panamá; Herencia y Culinaria. Disponível em: <<https://pt.tourismpanama.com/cultura-culinaria/afrocultura>>. Acesso em 4 de nov. 2024.

QUEIROZ, Mércia Maria Aquino de. Turismo de raízes na Bahia: um estudo sobre a dinâmica do turismo étnico (afro) na Bahia: os casos do Pelourinho / Salvador e da Festa da Boa Morte / Cachoeira. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, **Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2008.

QUILOMBO Manzo Ngunzo Kaiango é o sexto bem registrado pelo Estado e inventário das obras do arquiteto em Minas Gerais o segundo. **INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA-MG)**, 2018. Disponível em: <<https://iepha.mg.gov.br/index.php/noticias-menu/362-comunidade-quilombola-e-m-bh-e-reconhecida-como-patrimonio-imaterial-e-obras-de-niemeyer-inventariadas>>. Acesso em: 5 nov. 2024.

RIBEIRO, Levy Felix. Território e memória: uma etnografia na comunidade remanescente quilombola do Muquém em União dos Palmares – Alagoas. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais,

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, **Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, 2018.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra. 2021. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-23042021-120824/en.php>>. Acesso em: 28 out. 2024.

ROTA da Liberdade revela cultura e histórias do Vale do Paraíba do Sul. **GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**. 08 ago. 2007. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/rota-da-liberdade-revela-cultura-e-historias-do-vale-do-paraiba-do-sul/>>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ROTAS NEGRAS. **Governo Federal. Ministério da Igualdade Racial**. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/rotas-negra>>. Acesso em: 25 out. 2024.

SANCHEZ Andrea Paola, VANEGAS Carlos Ariel. Informa Medición XXVIII Festival de Música del Pacífico Petronio Álvarez. **Secretaria de Cultura de Cali**. Alcaldia de Santiago de Cali 2024.

SANT'ANNA. Turismo destaca destinos que contam a história dos negros no país. **Ministério do Turismo**. Disponível em: <<http://antigo.turismo.gov.br/2020/17-ultimas-noticias/13151-turismo-destaca-destinos-que-contam-hist%C3%B3ria-dos-negros-no-pa%C3%ADs.html>> Acesso em 24 out. 2024.

SANTOS, Carina; JESUS NETO, Antonio Gomes de. Afroturismo e turismo brasileiro na África: iniciativas e alternativas. **Revista Brasileira de Turismo**, v. 1, n. 3, p. 5, 2022. Dossiê: O turismo na África subsaariana – desafios e perspectivas. Disponível em: [URL]. Acesso em: 22 out. 2024.

SANTOS, Thainá Souza. O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo. Monografia, **Universidade de São Paulo**. Recuperado de: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/tc4087-Santos.pdf>, 2018.

SARTORI Giovanni. A política: lógica e método nas ciências sociais. Brasília, **Editora Universidade de Brasília**, 1981.

SESC Ideias - Turismo afrocentrado: rotas diaspóricas no mapa. **Youtube**. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hAQ5Ca2RvSM>> Acesso em 27 de outubro de 2024.

SERRA da Barriga é reconhecida como patrimônio cultural do mercosul. **Confederação Nacional de Municípios**, 03 jun. 2017. Cultura. Disponível em: <<https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/serra-da-barriga-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-mercosul>>. Acesso em: 25 out. 2024.

SILVA, Eloize Maria Teixeira da. As narrativas históricas na Serra da Barriga, Quilombo dos Palmares e a personificação da figura do Zumbi. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – **Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, 2021.

SILVA, Gleicy Mailly da. Empreendimentos sociais, negócios culturais: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo. 2016. Tese de Doutorado. **Universidade de São Paulo**.

SOMOS AFRO. Reporte Brasil: a trajetória da população negra no Brasil. Disponível em: <https://www.somosafro.org/wp-content/uploads/2021/02/Reporte-Brasil.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.

SOUZA, Julia Pontes de. O afroturismo no mercado brasileiro. Monografia, **Universidade de São Paulo**]. Recuperado de <https://celacc.eca.usp.br/pt-br/celacc-tcc/2141/detalhe>>, 2022.

SCHNEIDER, Sérgio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia, Porto Alegre**, v. 9, n. 1, p. 49-87, 1998.

SMITH, Valene L. **Hosts and guests: The anthropology of tourism**. University of Pennsylvania Press, 1989.

SOUZA, Nadson Nei da Silva de e Pinheiro, Thaís Rosa. Turismo Étnico. Rio de Janeiro: **Fundação Cecierj**, 2018.

SREENARONG, Kate. Half a decade of Afro Nation Portugal! *The Portugal News*, 28 set. 2024. Disponível em: <<https://www.theportugalnews.com/news/2024-09-28/half-a-decade-of-afro-nation-portugal/92422>>. Acesso em: 26 out. 2024.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; NETTO, Alexandre Panosso. Turismo étnico afro no Brasil. **VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Balneário Camboriú**, 2011.

UNITED States – Afropunk Festival. HISTORY OF BLACK TRAVEL Disponível em: <https://historyofblacktravel.com/timeline/afropunk-festival/>. Acesso em: 20 out. 2024).

VILLARINHO, R. M. (2023). Mesmo solo, novo status: A patrimonialização da Serra da Barriga – Quilombo dos Palmares. **Revista De Ciências Humanas**, 7(23). Recuperado de <<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/15511>>.

VITORINO, Daniela Alexandra Guilherme. Martim Moniz como lugar urbano de multiculturalismo: espaço mundo-centro multicultural de inovação e promoção artística no quarteirão entre a Rua da Palma e a Rua Arco da Graça. 2018. Projeto final (Mestrado em Arquitetura) – **Universidade de Lisboa**, Lisboa, 2018. Disponível em: ProQuest Dissertations & Theses.

XIE, P. F. (2011). **Authenticating ethnic tourism** (Vol. 26). Channel view publications.

YANG, L., & WALL, G. (2009). Ethnic tourism: A framework and an application. **Tourism Management**, 30(4), 559-570.

URRY, John. **The tourist gaze**. sage, 2002.

27th Atlanta Annual African Cultural Festival. **Stages**, 2024. Disponível em: <<https://www.7stages.org/shows/27th-atlanta-annual-african-cultural-festival-9-14-24/>>. Acesso em: 16 out. 2024.

Apêndice 1

Fragmentos mais relevantes das treze (13) entrevistas

Coleci Turismo: *sou nascido e criado aqui em Cavalcante ali, em uma região chama Vão. Sou técnico em turismo em 2009 e 2010 eu comecei a operar. Colecité Turismo, ele surgiu em 2019, inicialmente só fazia final de semana. Juntava grupos, né. Saindo na sexta-feira, excursões, fazia as excursões todo final de semana saindo de Brasília. Então, saía na serra, vinha para Cavalcante, o Alto Paraíso, ficava de sexta para sábado e sábado para domingo retornava ao entardecer para Brasília. E assim eu fui focando, depois os grupos foram crescendo. E a partir de 2019 para cá é só focado no turismo mesmo, entendeu? Então, a minha fonte de renda 100% é o turismo.*

Todo turismo que tem vínculo afro é afroturismo. Uma das grandes questões mesmo do turismo afro é essa questão da contextualização histórica. Se eu faço um turismo contando essa história, fazendo essa organização histórica, política, de um território quilombola ou outro, aí ele já é um turismo afro, acho que essa é a grande diferença, né.

O grande problema da gente aqui são as estradas para você está levando do turista para poder chegar, adentrar as comunidades e ficar tipo três, quatro dias dentro da comunidade. O nosso transporte mais usado aqui é o veículo 4x4. Os pontos fortes de Colice são: os conhecimentos, a ancestralidade, a proteção da natureza. Os guias aqui na região fiscalizam também. Então os guias aqui trabalham junto com o poder público e junto para fazer a denúncia em caso de talas e monocultivos.

Nós recebemos cadeirante, Coleci Turismo ganhou uma cadeira chamada cadeira Juliete. Já ouviu falar? Uma cadeira de roda que ela só tem uma roda. Ela é adaptada para fazer trilha. Essa Juliete, ela é conduzida por dois condutores.

Cidade Griot: *sou natural aqui mesmo de São Luís, sou formado na Licenciatura Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-brasileiros da UFMA.*

Eu não entendia nada de roteiro turístico, não entendia nada de como era formar um instituto, como era formulado, mas aceitei o desafio. Me lembro aí, foi em 2021, a partir de aí comecei a pesquisar sobre pessoas negras como Catarina Mina, as irmandades negras. Depois disso comecei a fazer roteiros voltados para educação, então era direcionado para estudantes. E aí passado um tempo já conhecendo mais do campo do turismo, eu ingressei também no curso de guia no ano de 2020. Então eu comecei a trabalhar com a agência oficialmente no ano de 2023. Para Cidade Griot, o afroturismo não é uma vertente, ele é o turismo, mas um turismo decolonial. Então, as pessoas vão fazer turismo, mas elas vão sair dali com uma razão diferente da história do local visitado, destino visitado. As dificuldades que a gente apresenta, vou falar do Maranhão, mas eu acho que é um cenário geral que eu acho que a

formação de Guias e de profissionais que atuam no setor, eu acho que é preciso haver um olhar para o currículo, né, para se tratar das questões ético-raciais no turismo. Eu digo isso por experiência própria.

Alagoas Cultural: *(atualmente não estão operando) sou formada em geografia, formada em mestre em geografia e também gestão do turismo. Alagoas Cultural já foi um monte de coisa. Assim, né, antes da gente se definir enquanto, é, uma tentativa de agência de turismo. A gente começou muito inicialmente numa tentativa de ser uma plataforma de divulgação de lugares, de histórias, de manifestações culturais especificamente da cultura negra aqui em Alagoas.*

Rota da Liberdade/Quilombo Kaonge: *formada em comunicação social, conheço de jornalismo, produção de eventos, pós-graduada em MBA tecnologia e marketing. Sou responsável pela parte de comunicação das redes sociais, não só da Rota, mas todos os projetos das comunidades. A rota começou em 2005, eu era receptivo, era novinha mesmo, fazia a recepção dos turistas cantando né, fazendo parte do que hoje é o coral dos menores, eu já participava, aí depois fazia a apresentação de dança, mas já recepcionava o turista mesmo. A Rota da Liberdade foi criada junto com outros núcleos produtivos que a gente chama de núcleo produtivo, que é uma rede coletiva com várias pessoas trabalhando para o fortalecimento e o fomento tanto da economia sustentável como do desenvolvimento local. E aí foi criado o primeiro roteiro, que era chamado roteiro mix, que era um roteiro onde visitava só os monumentos da comunidade.*

Em nossos roteiros ninguém falava de turismo comunitário, ninguém falava de turismo étnico, então a gente nem usa a palavra afro-turismo aqui. Esse afro-turismo quem traz é a Embratur junto com a Secretaria de Turismo aqui do Estado. A gente não trabalha muito com afro-turismo. A gente considera a rota da liberdade, né, os nossos roteiros como turismo ou étnico-comunitário. Porque a gente traz a etnia dos nossos ancestrais, né.

Noz Stória: *Noz Stória" é um projeto criado por neto de cabo-verdianos nascido em Portugal, que busca preservar e compartilhar as memórias das comunidades africanas periféricas demolidas na região de Lisboa. Surgido informalmente em 2008 e estruturado em 2022, o projeto atualmente oferece 13 itinerários, conectando diferentes bairros onde essas comunidades viviam. Organizado como uma caminhada guiada, Noz Stória compartilha suas memórias e as histórias coletivas da comunidade, utilizando fotografias e relatos para reconstruir os espaços apagados pelo processo de urbanização. Diferente dos passeios tradicionais sobre a presença africana em Lisboa, que focam no período colonial e no centro histórico, o "Noz Stória" enfatiza a história contemporânea das periferias, abordando temas como racismo estrutural, desigualdade territorial e resiliência comunitária. A experiência não é romantizada, e José deixa claro que não se trata de um roteiro turístico*

convencional, mas sim de um tributo às comunidades que foram apagadas. Ele também adota um protocolo rigoroso de comportamento dos visitantes, proibindo fotografias não autorizadas e incentivando uma postura respeitosa ao longo do percurso. O projeto enfrenta desafios significativos, sendo a falta de financiamento e de apoio institucional os principais obstáculos para sua sustentabilidade. Por ser uma iniciativa que ainda não gera receita suficiente para remunerar funcionários fixos, conta com muitas parceiras e contribuições de amigos que acreditam na iniciativa.

Sol Barbosa Turismo e Cultura: funda a Rota da Liberdade, projeto de mapeamento cultural e turístico da diáspora africana no Brasil, e conselheira nacional de turismo pelo coletivo MUDA. Com 25 anos de experiência em turismo, licenciada em História e técnica em turismo, juntou a história e o turismo ao criar a Rota da Liberdade em 2006, inspirada pelo programa “Rota do Escravo” da UNESCO e pela “Rota Política das Abolições” na França. Inicialmente voltado à formação de professores com foco na Lei 10.639/2003, o projeto cresceu, recebeu prêmios internacionais e hoje promove afroturismo ao integrar comunidades tradicionais e valorizar profissionais e empresários negros.

A Rota da Liberdade define afroturismo como roteiros afrocentrados, com ênfase na geração de renda para comunidades negras. A agência se preocupa em evitar práticas exploratórias, educando turistas para respeitar quilombos e consumir conteúdos locais previamente, qualificando-os para a experiência. Entre os principais desafios estão os altos custos de transporte para zonas rurais, impactando a acessibilidade financeira. A agência garante valores justos às comunidades parceiras e trabalha com roteiros sustentáveis, priorizando insumos locais e gifts (termo utilizado pela entrevistada) ecológicos, como máscaras e abayomis feitas de retalhos que viraram a marca da Rota da Liberdade.

Apesar de ainda não contar com protocolos específicos para pessoas com deficiência, a Rota está se preparando para atender novas demandas de acessibilidade. O projeto já considera as necessidades de grupos idosos, com atenção à logística e ao conforto.

Conectando Territórios: agência que se dedica à promoção do afroturismo e ao fortalecimento das comunidades negras no Brasil, através de roteiros turísticos que exploram a história, cultura e identidade afro-brasileira. Com mais de 15 anos de experiência no setor, enfatiza que o afroturismo deve ser pensado de forma integrada, envolvendo as comunidades locais, garantindo que elas se beneficiem diretamente das atividades turísticas. Ao mesmo tempo, a definição da fundadora da Conectando Territórios destaca a importância de um turismo que respeite a identidade cultural e histórica desses povos, sem cair em práticas exploratórias ou superficiais. O afroturismo, para Thais, é um movimento que vai além do simples consumo de cultura, buscando uma troca enriquecedora entre visitantes e comunidades.

Os principais desafios enfrentados pela Conectando Territórios, incluem a falta de infraestrutura adequada em algumas áreas, especialmente em regiões mais

remotas, o que dificulta a implementação de projetos de forma eficiente. A dificuldade de acesso a financiamento também é um obstáculo importante, comprometendo a expansão e a melhoria das iniciativas da agência. Além disso, a capacitação de guias locais se apresenta como uma necessidade urgente para garantir uma experiência turística autêntica e respeitosa, assegurando que as comunidades locais se beneficiem diretamente do turismo e que a prática do afroturismo seja conduzida de maneira ética e sustentável. Ainda não conta com protocolos específicos para pessoas com deficiência, a Conectando Territórios tem buscado, aos poucos, atender às necessidades de acessibilidade nas viagens, especialmente com foco em idosos

Real Experience Cartagena: *Nasci e cresci aqui em Cartagena, os meus pais são de um quilombo chamado Rocha. Aprendi inglês básico muito novo, eu gostava muito da cultura afroamericana, do hip hop e outras coisas, comecei a trabalhar com turismo e chegar ao turismo, e não havia gente que falasse em inglês, havia duas ou três pessoas, senti a necessidade de estudar, mas, finalmente me formei em licenciatura em idiomas e técnico em turismo. Eu comecei a trabalhar com agência de turismo, mas não se mencionava para nada da cultura afrocolombiana, somente eram os referentes como os museus e as muralhas, a história colonial espanhola e o discurso não tinha nada afro. Em 2012, deixei de trabalhar com as agências de turismo da cidade e comecei o meu próprio negócio para me concentrar no Afro. Eu já vinha fazendo isso informalmente, mas aí eu fiz, comecei a fazer tudo afro. Depois comecei a fazer passeios no centro a partir do lado cultural, incluindo informação histórica, não só sobre Pedro Heredia, mas também sobre como o nosso povo foi trazido para cá, como foi tratado e que tipo de trabalho fez. Desde os ofícios domésticos ao trabalho nas fazendas, nos campos, a cavar estradas, a navegar nos rios, etc.*

Casa Congo: *Nasci em Portobelo, Panamá. Sou o diretor da Casa Congo, tenho 28 anos de idade. A Casa Congo é como um sinônimo da cultura congoleza. O que é a cultura congoleza? São os negros rebeldes, conhecidos popularmente como “cimarrones”. Tinham uma forma muito peculiar de vestir, que era pegar na roupa que os ricos usavam, fazê-la em pedaços e com cada pedaço faziam o seu próprio vestido. Também usavam carvão, uma representação da cultura negra; punham-no na cara. Usam também um chapéu que, quando se vira, tem a forma de um barco, o que representa a área marítima, a pirataria. A Casa Congo, como estão vendo, é um hotel, um restaurante, um museu e um passeio afro-turístico. O meu pai e a minha avó são daqui de Portobelo. Eles viveram e compreendem a essência de ser negro no Panamá e a importância do que a cultura congoleza carrega, e que não pode morrer. É por isso que a represento. Fui estudar inglês na Irlanda, e esta experiência fora do meu país fez realmente a diferença no atendimento ao cliente.*

EcoPacific Tours: *EcoPacific Tours nasceu em o ano 2017, justamente porque já comecei como guia de montanha e senti a necessidade de formalizar, de começar a formalizar a atividade que estava a desenvolver e de me poder dedicar mais a ela. Penso que as conquistas e os desafios, bem, pude conhecer um pouco melhor o meu*

país, começar a valorizá-lo um pouco mais, especialmente o Pacífico colombiano, e consegui arranjar uma pousada turística; um local de pesca na Bahía Málaga. O turismo afro responde a uma tendência internacional de pessoas que querem reencontrar as suas origens. É uma tendência nova, não tão nova, mas é algo que tem vindo a ganhar força nos últimos anos, em que os afros de todo o mundo estão a conhecer as suas origens e a procurar ligar-se a outros afros. A diáspora começou a ligar-se ou, digamos, a filosofia econômica do pan-africanismo tem dado alguns frutos nos últimos anos. Estamos todos a promover o leste de Cali, a zona mais negra da cidade mais negra da Colômbia. Mas no leste de Cali não há pessoas que falem inglês e sem formação em turismo, isto não está a ser feito muito a curto prazo para resolver este problema. Também não vai ser uma solução rápida, por isso temos de encontrar formas de garantir que não são outras pessoas, nem mesmo eu, que sou negro, mas que não vivo no Oriente, que estão a fazer as visitas guiadas.

Key to Maya: *Sou originalmente da Carolina do Norte e me mudei para a Flórida há 14 anos. Não tinha intenção de começar um negócio no setor de turismo quando me mudei para cá. Na faculdade, na verdade, me formei em comunicação. Então, isso foi algo que acabou surgindo para mim. Eu diria que algumas perdas pessoais no final de 2018 me levaram a seguir esse caminho, mas tem sido uma jornada muito interessante, principalmente porque percebi que, neste setor, especificamente em Miami, que é um dos principais destinos turísticos do mundo, há poucos donos negros de negócios turísticos na Flórida. Eu poderia contar nos dedos de uma mão quantos operadores de turismo conheci que realmente possuem um negócio aqui em Miami. Então, percebi que era necessária uma representação maior. Depois da pandemia, pude realmente colocar minha excursão sobre a história negra em destaque. E, com isso, além do meu principal tour de história negra, com todos os outros passeios que ofereço, eu realmente quero garantir que a história negra seja representada de alguma forma. Porque foram necessários apenas cerca de 25 anos para que a história negra fosse reconhecida aqui nos Estados Unidos.*

Black Abroad: *O Black and Abroad é conformado por dois amigos, começou em 2015, então em abril completaremos 10 anos. O que nos impulsionou a começar, um dos fatores iniciais, foi o Google. Nós conversávamos muito sobre isso. Quando planejamos uma viagem e procurávamos informações sobre coisas para fazer, nunca víamos representatividade. O conteúdo estava sempre voltado para a perspectiva de viajantes brancos. O setor, na época e até hoje em certa medida, destacava essas experiências e não dava espaço para outras perspectivas. Minha formação é na área de educação, e sei que as pessoas se conectam melhor com aquilo que conseguem visualizar. Então, começamos a pesquisar o setor de viagens e os hábitos de consumo. Em 2015, viajantes negros gastavam cerca de 64 bilhões de dólares no setor de turismo. Ao ver um número tão grande, esperávamos que esse público fosse representado no marketing e na publicidade, mas não era o caso. Havia um grande público que não estava sendo atendido pelo setor de turismo, apesar de gastar muito dinheiro. Pensamos: "E se criássemos conteúdo, avaliações e experiências de viagem voltadas para esse público? Eles gastariam ainda mais"*

Buoyant Travel: *Comecei o negócio em 2017, quando ainda era estudante universitária e fazia uma disciplina de empreendedorismo como parte do meu curso.*

Como trabalho final, tivemos que criar um negócio, elaborar um plano de negócios e apresentar em uma competição de pitch para investidores. Fiquei muito nervosa, mas acabei participando. Ganhei o segundo lugar e recebi algumas centenas de dólares como capital inicial. Isso me deu confiança para continuar e realmente concretizar minha visão. Desde o início, quando comecei, havia um grande movimento online chamado "Movimento de Viagem Negra" (Black Travel Movement). Naquela época, eu tinha feito um intercâmbio, o que despertou meu interesse por viagens. Assim, fiz parte do movimento de viagens negras no espaço digital e vi como as pessoas negras estavam viajando e compartilhando suas experiências por meio de conteúdos.